



COLEÇÃO PRIMEIROS SUCESSOS

Alguém  
como  
Você

LEANNE BANKS

Autora da lista de best sellers do *The New York Times*

Edição 45

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

---

---

LEANNE  
BANKS

---

---

## **ALGUÉM COMO VOCÊ**

Tradução  
*Leandro Santos*



2014

## *Prólogo*

---

---

– **N**UNCA VOU conseguir superá-lo! – choramingou Carlene Pendleton, de 17 anos.

Russ Bradford deu um tapinha nas costas dela e olhou à volta. A palmeira alugada os teria ocultado se Carly não estivesse fazendo tamanho estardalhaço. Ele estivera pegando um pouco de ar puro na festa de casamento de seu amigo Brett quando Carly desabara em seu colo e começara a chorar. Agora, precisava cuidar de uma adolescente de coração partido enrolada com camadas de *chiffon*, mas preferiria estar em casa vendo jogo de beisebol e bebendo uma cerveja.

Ele sentiu as lágrimas dela atravessarem sua engomada camisa e soltou um forte suspiro.

– Carly, precisa se controlar. Não vai querer que seus irmãos vejam você assim. Pense só em toda a gozação que vai ter que aguentar.

Carly ergueu seus úmidos olhos para os dele e fungou.

– Não consigo evitar. Eu tinha tantos sonhos para mim e Brett. Agora – arfou –, todos desapareceram.

Russ não se deu o trabalho de ressaltar que fora Carly quem tivera todos os sonhos, não Brett. Numa tentativa de distraí-la, falou:

– Ei, dentro de algumas semanas, você vai começar seu último ano no colégio. Provavelmente, haverá uma fila de garotos querendo convidar você

para o baile de formatura.

Aquele pensamento a fez parar. Ela fungou novamente.

– Será?

– Claro – disse Russ, enfático. Carly era alta e magra, e Russ tinha experiência suficiente com o sexo feminino para saber que a puberdade dela chegara um pouco atrasada. – Aposto que todas as garotas querem ter seu cabelo escuro e seus olhos violeta. E, provavelmente, seus irmãos vão precisar atirar em todos os homens do condado de Beulah por assoviarem para as suas pernas.

– Sou alta demais – reclamou. – O médico disse que eu ainda devo crescer uns 5 centímetros. Eu me sinto um avestruz. Se eu conseguir um par para o baile, o rosto dele vai ficar apoiado na minha costela, não na minha testa.

Russ conteve sua risada. Não queria causar outra explosão de lágrimas.

– Vamos fazer o seguinte. Se você não conseguir um par para a formatura, eu volto da universidade e vou com você.

– Seria como se eu convidasse um dos meus irmãos – resmungou Carly enquanto alisava seu vestido com rufos.

Tinha uma certa razão, pensou Russ. Ele crescera com os irmãos de Carly e conhecera Carly quando os maiores problemas dela ainda eram cólicas e brotoejas causadas pelas fraldas.

– Querida, você não vê isso agora, mas tudo vai dar certo para você daqui a um ou dois anos. Prometo que você vai deixar um rastro de homens caídos por onde passar.

– Não quero um rastro de homens – insistiu Carly, seus olhos se enchendo novamente de lágrimas. – Q-queró B-Brett.

O desconforto de Russ foi multiplicado por dez. A gagueira de Carly havia se tornado algo raro. As poucas ocasiões em que sofria uma recaída eram sinais de extrema agonia.

A porta da sacada se abriu, e Russ ouviu o som de música e vozes masculinas. Retirou um lenço e enxugou as lágrimas de Carly, achando que jamais se perdoaria se não secasse o rosto imediatamente.

Por sua longa experiência com o clã dos Pendleton, sabia que havia duas coisas com as quais não se podia brincar: orgulho e independência.

– Você não vai querer que todos achem que você é uma chorona, vai? –  
perguntou, mirando no orgulho dela.

Carly ficou rígida.

– Não sou chorona – disse com uma voz trêmula, porém, isenta de  
gagueira.

– Então, pare de agir como uma.

Puxando o lenço da mão dele, ela se levantou, pronta para correr para o  
banheiro feminino. Deu dois passos e se virou. Inspirou fundo.

– Hã... Russ...

– Sim?

Abriu uma hesitante versão do sorriso que deixava seus irmãos dispostos  
a matar dragões por ela.

– Obrigada.

# Capítulo 1

---

---

– **E**I, GATA, você tem um belo balanço nesse quintal dos fundos.

Carly Pendleton parou de observar a mesa farta de aperitivos e desviou seus olhos na direção daquela conhecida e maliciosa voz masculina. Balançou a cabeça de forma censuradora.

– Você está dando um exemplo terrível para esses influenciáveis alunos do último ano, Russ.

Os largos ombros subiram e desceram enquanto ele tocava uma balada no piano de cauda.

– O que posso dizer? – perguntou Russ inocentemente. – Em seis anos, você ganhou um belo traseiro.

Ela lutou para conter um sorriso que provocava seus lábios e fracassou.

– Estou surpresa por você ter percebido isso, tendo Tina e Amanda. – Carly olhou para o alto, fingindo estar confusa. – Ou a mais recente foi Natalie?

– Você está me ofendendo – disse Russ. – Sabe que meu coração sempre foi seu.

– E imagino que tenha doado o resto do seu corpo para pesquisas. – Carly arqueou uma escura sobrancelha. – Pesquisas femininas.

– Bem – falou, passando as mãos pelo teclado num arpejo –, se você resolver que quer conduzir seu próprio estudo um dia... – Ele deixou o

pensamento sedutoramente pendente entre eles.

Carly perdeu o fôlego. Em seguida, riu. Afinal, Russ não estava falando sério. Ela o viu pegar a taça de vinho e dar um gole.

– Sabe, nunca consegui entender como você consegue fazer essas mãos grandes e quadradas tocarem músicas tão lindas no piano. Simplesmente não parece possível. – Ela tocou um dos largos dedos dele.

– Anos de prática – disse depois que ela soltou sua mão. – Minha mãe me obrigou. Aguentei muita gozação até conseguir trucidar alguns dos meus perseguidores.

– Nunca tinha imaginado isso – Carly sorriu. – Sou muito grata à sua mãe. Quem teria imaginado que o maior criador de bagres do condado de Beulah estaria tocando piano em ocasiões especiais no meu barco fluvial?

– Você devia ser grata a *mim* – corrigiu Russ. – Ganhei vários olhos roxos como resultado do meu treinamento musical. O mínimo que você poderia fazer seria me consolar. – Ele se esforçou para plantar uma expressão deplorável em seu rústico rosto.

Carly balançou a cabeça. Russell Bradford de fato não conseguia parecer digno de pena. Aos 30 anos, tinha 1,93m de altura e mais de 100kg distribuídos em músculos definidos por seu corpo bronzeado. Quando criança, tivera o cabelo vermelho-vivo. Os anos o tinham tingido de um castanho-avermelhado mais escuro. Seu rosto esculpado e expressivo tinha a capacidade tanto de intimidar um oponente quanto de encantar sua mais recente conquista para levá-la para a cama. No entanto, ainda que fosse um chocante conquistador, Russ mantinha seu sensato coração muito protegido.

– Minha mãe sempre dava leite e biscoitos para os meus irmãos como consolo – disse meigamente. – Posso pedir que tragam alguns da cozinha.

– Você está partindo meu coração, Carly.

– Você sobreviverá. – Ohou pela barulhenta sala de jantar para se certificar de que todos estivessem se divertindo. A festa de formatura estava transcorrendo sem nenhum problema, pensou. Então, virou-se para Russ. – A propósito, recebi um pedido especial para os seus serviços na noite da próxima quinta-feira, numa festa de bodas. Você pode ir?



– Vai ter que jogar comigo para decidir isso – respondeu, carregando de desafio aquela simples afirmação. – Negociaremos depois.

Aquele era um velho costume entre eles. Quando começara a fazer os cruzeiros fluviais, não tinha dinheiro para pagar a Russ. Sendo assim, eles tinham jogado uma rodada de pôquer, e ela vencera. Agora, toda vez que ela pedia que tocasse piano, ainda jogavam pôquer, e Carly vencia todas as vezes.

– Desafio aceito, Bradford. Prepare-se para perder. Amanhã à noite, no jantar americano de tia Bitsy, está bem?

Russ olhou para Carly enquanto ela passava a mão por seu curto e atraentemente bagunçado cabelo preto. Os olhos violeta dela eram contornados por pontiagudos cílios escuros que não precisavam de rímel. A cor das faces dela vinha de suas emoções. Já a provocara por vezes suficientes para ter causado vários rubores. Podia ter se dado o trabalho de empoar o nariz naquela manhã, mas, agora, estava brilhando. Retirara o batom de seus lábios com pequenas mordidas cinco minutos depois de tê-lo passado. Russ imaginou que seria capaz de cuidar da remoção do batom dela em cerca de dez segundos. Sua boca vibrou só de pensar naquilo.

Ele tinha planos para Carly Pendleton. A maneira como os luxuriosos olhos dela dançavam com um ousado brilho o fazia querer ensinar coisas que nunca aprendera antes.

– Amanhã à noite está ótimo. Mas, um dia desses – disse com a voz rouca –, algum homem vai aceitar seus desafios inconsequentes.

O rosnado da voz dele causou um frio involuntário na barriga dela. Carly deixou a sensação de lado. Resistir à atração por Russ era algo tão natural quanto respirar. Na opinião dela, uma mulher prudente escovava seus dentes, pagava suas contas e não dava atenção à provocação masculina de Russ Bradford.

– Esse homem vai ter que ser rápido e inteligente. Estou ocupada demais cuidando dos negócios no momento. – Verificou seu relógio de pulso. – Estamos prestes a atracar. Então, vejo você depois.

Carly cumprimentou alguns dos convidados no caminho até a saída. Então, reservou um momento para desfrutar da brisa noturna e do céu

estrelado. Sentia uma onda de afeto por seu barco e alimentava seu desejo secreto de ser a única dona do Sonho de Matilda. Compartilhá-lo com seus sete amorosos, mas autoritários, irmãos testaria até mesmo a paciência de um santo. No entanto, alguém lá em cima estava dando uma trégua temporária, já que três dos irmãos dela estavam fazendo uma viagem para acampar na trilha dos Apalaches.

Carly sabia que sua vontade de ser a única dona tinha mais a ver com um problema emocional do que com um financeiro. Sua infância a deixara com uma secreta e latejante necessidade de ter algo ou alguém para chamar de seu. Pessoas costumavam não ser confiáveis. Por isso, Carly escolhera o Sonho de Matilda.

Observando o barco atracar, pensou em seu distante e inalcançável pai e em sua afastada madrastra. Mesmo naquele instante, a dor ainda era profunda. Alguns sonhos, como aprendera, jamais se realizavam.

QUANDO CARLY terminou de pôr a mesa de pinho no quintal dos fundos para o jantar, ergueu os olhos para as ameaçadoras nuvens e ficou preocupada. Seu barco estava lotado naquela noite. Se chovesse, a equipe da cozinha precisaria trabalhar ainda mais.

Russ chegou ao lado dela.

– Por que a cara feia?

– Se chover, a cozinha vai alagar. – Torceu as mãos. – Eles estão com o barco lotado. Eu devia estar lá.

– Está me dizendo que os seus funcionários não sabem como usar baldes e rodos?

– Bem, não. – Um relutante sorriso repuxou a boca de Carly. Quando dizia aquilo de maneira tão casual, a ansiedade dela parecia ridícula.

– Então, não se preocupe. – Russ segurou o cotovelo dela e a levou na direção da mesa de sobremesas posta debaixo de um salgueiro. – Desfrute da sua família. Desfrute da comida. Desfrute de mim.

Carly hesitou e sentiu seu rosto corar.

– Acho que vou começar pelos brownies – disse secamente, e pegou um da mesa. – Mais três grupos pediram que você tocasse piano nas festas deles

nos próximos dois meses. Acha que consegue?

– Vamos jogar pôquer para decidir. – Russ roubou um grande pedaço do brownie dela e o pôs na boca. Em seguida, lambeu os lábios.

Observando o ágil movimento da língua úmida dele, Carly sentiu uma pontada de curiosidade. A boca dele era molhada e sagaz. E Russ devia ser igualmente sagaz nas formas de usar sua boca para roubar o fôlego e a sanidade de uma mulher. Por um instante, desejou saber como seria ter toda a atenção sensual dele.

Sentindo o olhar de Russ sobre ela, Carly olhou nos olhos cor de caramelo dele. Ele a olhou fixamente durante um longo momento.

A garganta dela começou a ficar apertada. Seria possível que ele adivinhasse o que estava pensando? Como isso seria humilhante, pensou. Obrigando sua mente a voltar aos negócios, ela pigarreou.

– Vou pegar o baralho. Pode ser na sala? A cozinha é movimentada no momento.

– A sala estaria ótima. – Ele apoiou a mão no ombro dela e massageou sua nuca com um calejado polegar. – Vá na frente.

Russ caminhou perto o suficiente para que sentisse o calor do corpo dele, e aquele pequeno movimento de seu polegar fizera a respiração dela acelerar demais. Russ não costumava tocá-la tanto assim, ou talvez ela nunca tivesse percebido isso.

– Cuidado com esse aro de *croquet* – disse Russ numa voz baixa que trovejou pelos sentidos dela. Ele envolveu o abdômen dela com a mão para equilibrá-la, roçando a parte logo abaixo do seio. Carly quase caiu de cara no chão. O fôlego ficou preso em sua garganta. Uns poucos centímetros para cima, pensou, e estaria com a mão no seio dela, massageando o mamilo.

Carly contraiu o maxilar, resistindo ao efeito dele sobre ela. Sempre fora capaz de deixar de lado sua atração sexual por Russ. Por que não estava conseguindo agora?

Quando se sentou diante dele na sala de estar, sentia-se abalada. Empurrou as cartas para ele.

– Você embaralha.

Ele assentiu.

– Como sempre. Pôquer whiskey. Uma rodada. – Embaralhou e distribuiu as cartas, uma por vez, para ela, para o monte no centro e, em seguida, para si mesmo.

Carly observou as mãos dele, os dedos largos e quadrados e os ásperos calos. Com as mangas da camisa de Russ arregaçadas, a atenção dela foi atraída para os antebraços dele, morenos e musculosos, polvilhados com leves pelos clareados pelo sol. Já sentira aqueles braços em torno dela e nunca percebera como...

– Carly – falou Russ. – Não quer pegar suas cartas?

Carly piscou os olhos. Em seguida, recolheu rapidamente as cartas da mesa. A mão não estava ótima, mas já o vencera com piores. Russ era terrível no pôquer. Carly sempre vencia. Manteve os dois quatros e trocou as outras três cartas.

Tentou não fazer cara feia para o que recebeu.

Russ trocou duas de suas cartas e esfregou o próprio queixo.

Ela trocou duas cartas. Trouxe outro quatro, mas não confiava nele. Russ não estava brincando ou falando como costumava fazer quando jogavam.

Era a vez de Russ, e ele bateu na mesa de cerejeira.

Carly ergueu as sobrancelhas. Bater significava que tinha mais uma chance de trocar antes de eles mostrarem as mãos. Depois de trocar, conseguiu mais um quatro. Uma onda de adrenalina a percorreu. Ela o venceria novamente.

– Espero que você ande treinando bastantes músicas para festas de bodas – disse Carly confiante ao baixar suas cartas com um floreio. – Uma quadra.

O mais leve toque de um sorriso brincou em torno dos olhos de Russ. Ele não olhou para suas cartas ao virá-las para Carly. Em vez disso, observou o rosto dela.

Chocada, Carly arfou enquanto olhava para a mão vencedora dele.

– Um straight flush! Como conseguiu? Você nunca fez um straight flush antes. – Observou o rosto dele. – Você venceu! – disse num tom acusador.

Russ gargalhou.

– Acho que finalmente dei sorte. Já estava na hora, não?

Ela ainda estava balançando a cabeça para o resultado quando a consequência lhe veio à mente.

– Acho que vou ter que pagar a você agora.

O sorriso dele desapareceu. Carly percebeu o maxilar dele se contrair antes de ele pegar as cartas e as embaralhar.

– Nunca aceitei dinheiro para tocar piano. Não me pareceria certo. Mas eu estaria disposto a negociar.

Negociar. Aquela palavra de novo. Carly começou a suspeitar. Abriu a boca para recusar, mas se lembrou de suas metas para o verão. Precisava de Russ para aquelas festas. Ele fazia parte do pacote. Provavelmente, as pessoas o queriam tanto quanto queriam o Sonho de Matilda.

Não que a atuação dele ao piano fosse tão soberba assim. Era mais pelo clima tranquilo e relaxado que dava às festas. Conversava com os convidados e aceitava pedidos. Ocasionalmente, fazia todos cantarem junto.

Ela suspirou.

– Certo. O que você quer? Um cruzeiro particular ao luar com sua mais recente favorita? – A ideia a deixou desconfortável por dentro, mas falou mesmo assim. – Quer que eu faça sua contabilidade sem cobrar nada? Ou – terminou de forma canastrona – precisa de ajuda para coletar aqueles seus peixes feiosos?

– Nenhuma dessas opções. – Levantou-se da poltrona e foi até ela. – Estou com um problema – falou pensativamente. – E acho que você pode me ajudar.

– Problema? – Ele soava sério. A preocupação a dominou enquanto Carly o olhava. Ele não parecia doente. – Você não está doente, está?

Ele passou uma larga mão diante da boca para esconder um sorriso e se sentou ao lado dela.

– Doente, não. Digamos que assediado. Sabe como a Associação de Senhoras da igreja... – Ele parou de falar, observando a bandagem adesiva na coxa dela.

Contornou o curativo com seu dedo indicador. A pele dela era suave como veludo. Seu perfume feminino o envolveu, e Russ esqueceu completamente que os irmãos superprotetores de Carly estavam perto a

ponto de ouvir um grito. A barra do short branco dela estava a cerca de 3 centímetros do dedo dele. Russ estava tão ciente da proximidade de sua mão em relação aos segredos femininos de Carly que seus dedos tremiam.

Ele levou um deles à boca e o beijou. Em seguida, colocou-o de volta sobre o curativo na coxa dela. Quando a perna de Carly estremeceu sob o toque dele, o escuro olhar de Russ se ergueu para o dela.

Carly se esforçava para conseguir respirar. A inocente ideia de beijar o machucado para que sarasse assumia um significado diferente. Russ estava tão grande, tão másculo, sentado ali com uma camisa de algodão comum e jeans desbotado que pareciam evidenciar subitamente a virilidade dele.

Não havia nada de diferente nele, disse a si mesma. Sempre fora delicado e brincalhão com ela. Sempre se sentara daquela forma, os pés plantados firmemente no chão, as pernas afastadas. O olhar de Carly baixou para a área que recobria a masculinidade dele, e uma avassaladora excitação a percorreu.

Perplexa com a direção que seus pensamentos tomavam, Carly afastou a perna do toque dele. Sentia-se uma completa idiota. Inspirando fortemente, obrigou-se a falar lento.

– Eu estava subindo numa das cercas e me arranhei. – Aquela voz deplorável e trêmula era dela? Dando em si uma chacoalhada mental, continuou de forma mais firme. – Você estava falando sobre um problema.

Russ pigarreou e se recostou.

– A Associação de Senhoras está de olho em mim para este verão. Você sabe como elas encontram um solteiro cobiçado e empurram todas as mulheres disponíveis para ele até que se case com uma delas ou vá embora.

Carly assentiu, lembrando-se de como o mais velho de seus irmãos, Daniel, chegara a passar um verão inteiro fora da cidade. As senhoras do condado de Beulah levavam a sério seu dever de formar casais na população mais jovem.

– Não tenho tempo para isso este ano – explicou Russ. – E estão esperando que eu vá a várias atividades comunitárias.

Carly franziu o cenho, perguntando a si como poderia querer que o ajudasse.

– Russ, quem me dera poder ajudar, mas não vejo como. Não tenho nenhuma influência sobre aquelas senhoras. Nem frequento as reuniões delas.

– Bem, eu não ia pedir que você falasse em meu nome. – Ele se curvou à frente. – Quero que você seja minha acompanhante durante o verão. Isso faria com que deixassem de me importunar – disse com sua voz menos romântica possível.

– Sua acompanhante? – Carly se levantou, tentando entendê-lo. – Durante todo o verão?! Mas todos pensariam que estamos envolvidos. – Aquela era apenas a primeira objeção dela.

Russ deu de ombros.

– Sim.

Carly semicerrou os olhos.

– Isso poderia atrapalhar os seus... hã... outros relacionamentos românticos.

Ele a olhou diretamente.

– Não tenho outros relacionamentos românticos. Além do mais, é um preço pequeno a pagar. A Associação de Senhoras é implacável.

Carly massageou sua latejante testa. Algo naquilo não parecia certo.

– Por que não pediu a outra pessoa? Alguém que atraia você.

– Porque – disse pacientemente ao se pôr de pé – outra pessoa poderia interpretar minhas intenções da maneira errada. Você não faria isso.

Aquela sensata explicação deveria ter deixado Carly tranquila, mas não foi o que aconteceu. A confusão dela desapareceu, e, em seu lugar, veio a raiva.

– O que você quer – começou com uma lenta e tranquila voz – é que eu finja ser sua... – buscou um termo adequado – seu venerado interesse romântico durante o verão. Eu ficaria à sua disposição para ir a atividades, e, durante esse tempo, os fofoqueiros se fartariam com o nosso caso.

O maxilar de Russ se contraiu.

Carly ignorou aquilo.

– Quando setembro chegasse, nós deixaríamos de nos encontrar, e eu precisaria aguentar a piedade de todos os homens da cidade. Você já...

– Isso não é necessariamente verdade – interveio Russ. – Eles podem achar que foi você quem me dispensou.

– Ah, claro – disse com total incredulidade. – Quantas mulheres já dispensaram você, Russ?

Russ pôs as mãos na cintura e suspirou.

– Deve ter havido alguma no colégio. Droga, não sei, Carly. Tudo que sei é que você precisa de um pianista e eu preciso de uma acompanhante. Sempre fomos amigos. Sendo assim, não haveria nenhum mal nisso.

Ele levantou e baixou seus poderosos ombros de novo.

– Quanto à sua reputação, todos sabem que seus irmãos a protegem de praticamente tudo e que você é tão inocente agora quanto era no dia em que nasceu. Sair comigo não vai mudar isso.

A cada reconfortante palavra, ficava mais ofendida. Nunca tivera uma confiança especial em seus dotes femininos. Saber que Russ não a via como mulher doía. Não havia base para os sentimentos dela, e isso apenas a deixava mais irritada.

Ela só tinha uma coisa a dizer.

– V-V-Vá p-para o i-inferno!

Durante um interminável segundo, observou o choque envolver o rosto dele. Então, muito envergonhada, deu meia-volta e saiu da sala. Correu instintivamente para a porta dos fundos. Tão absorta em sua humilhação, Carly mal percebeu os rostos perplexos de seus irmãos no hall.

Tia Bitsy pediu que levasse uma tigela com gelo lá para fora. Carly obedeceu, mas sua última instrução para Russ ressoava dentro de sua mente como um acorde tocado num piano desafinado.

A expressão dela se contraiu. Fazia seis anos desde a última vez que gaguejara.

No salão, Russ estava tentando organizar seus pensamentos quando os irmãos de Carly entraram. Ele teve alguns segundos de trégua antes de eles começarem a falar em ordem de idade decrescente.

– O que foi aquilo, Russ? – começou Daniel.

– Vocês estavam jogando pôquer de novo – falou Garth, apontando para as cartas sobre a mesa de cerejeira.



A boca de Jarod estava contraída de reprovação.

– Carly nunca tinha mandado ninguém para o inferno antes.

Enfim, Troy ofereceu a informação mais reveladora.

– Ela gaguejou – disse de forma acusadora.

Quatro pares de olhos violeta o olharam fixamente, esperando uma explicação. Se Ethan, Nathan e Brick estivessem ali, estariam fazendo isso. Outro homem talvez tivesse tremido nas bases, mas Russ conhecia os Pendleton fazia um longo tempo. Jogara futebol americano com dois deles, compartilhara um dormitório na faculdade com Garth e trabalhara junto de todos eles depois que um feroz tornado atravessara a fazenda do pai deles.

Eles eram a coisa mais próxima que Russ tinha de irmãos. Mas também podiam ser um pé no saco.

– Jogamos pôquer whiskey, e ela perdeu – disse Russ de maneira simples.

A boca de Garth se contorceu melancolicamente. Uma risada escapou dele, e outra. Logo, todo o recinto estava preenchido por gargalhadas masculinas.

– Carly sempre detestou perder mesmo – falou Daniel.

– Ficava mais irritada que uma vespa. Talvez você devesse tê-la deixado vencer, Russ – ressaltou Troy.

Russ balançou a cabeça.

– Não. Carly está cansada de ser tratada como criança. Já está pronta para ser responsável por si mesma.

– Sim, mas é uma menina – disse Troy.

– Você se lembra de como se sentiu quando as pessoas continuaram chamando você de menino depois que você fez 20 anos? – perguntou Russ.

– Do que você fez para provar que não era mais um menino?

Todos se lembravam. Russ conseguia ver isso nos rostos deles. Ele se lembrava de sua própria busca por ser um homem adulto, de quando possuía uma mulher não por amor, nem mesmo por respeito, mas por uma vazia obsessão por provar.

A atmosfera do recinto ficou pensativa.

Daniel pigarreou.

– Você está tentando nos dizer algo.

– Nada que vocês já não saibam – disse Russ levemente. – Carly é uma mulher. Ainda precisa de vocês, mas não como antes.

Troy mudou sua postura.

– Mas, se não cuidarmos dela, quem vai cuidar?

Russ queria dizer que ele próprio cuidaria, que não precisariam se preocupar. Isso, porém, não resolveria o problema. Carly não queria que ninguém cuidasse dela.

– Acho que Carly quer cuidar da própria vida. Se não receber um pouco de espaço, talvez possa concluir que precisa provar algo. E vocês não vão querer isso.

Todos resmungaram, concordando.

Os homens começaram a ficar desconfortáveis com a séria discussão e encontraram desculpas para deixar o salão. Garth, contudo, permaneceu e, quando os outros foram embora, voltou-se para Russ.

– Você a quer – disse francamente.

O lábio de Russ se curvou.

– Você me conhece bem.

Garth balançou seu bagunçado cabelo escuro e suspirou.

– Não sei se está pronta para isso, Russ.

– Não vou mais esperar. Venho planejando isso há dois anos.

Os olhos de Garth se arregalaram de surpresa.

– Dois anos? Acho que esse não é simplesmente um dos seus casos, então.

Russ entendia a pergunta. Afinal, quando eles tinham dividido um quarto na faculdade, Garth vira o número e a variedade de mulheres que haviam desfilado pela vida dele, entrando e saindo.

– Minhas intenções são sérias – garantiu Russ. – Dê um tempo. Com você e seus irmãos e a obsessão de Carly por independência, este verão vai ser um completo inferno.

Garth riu e deu um tapinha de pêsames no ombro de Russ. Russ enfiou as mãos nos bolsos e suspirou. Estava determinado a permanecer com os pensamentos claros e a ser objetivo. Com uma dolorosa precisão, recordou-se da única vez que agira impulsivamente e dos desastrosos resultados. Ele fizera um completo papel de idiota durante seu passageiro e malfadado

casamento, e *aquilo não aconteceria de novo*. Russ se orgulhava de sua capacidade de se afastar de situações emocionalmente voláteis. Na realidade, até dera algumas dicas sobre o assunto para os irmãos de Carly.

Balançando a cabeça, Russ lembrou o último comentário de Carly. Não contara com a dimensão completa do orgulho feminino dela. Tentara tornar seu pedido o menos ameaçador possível. Ao tentar reconfortá-la, claramente estragara seu plano. Agora, precisava dar um jeito de pôr tudo de volta nos trilhos.

NA MANHÃ seguinte, Carly estava atrasada para a igreja. Foi rapidamente para o último banco de madeira, sem querer chamar atenção para seu atraso. Fora por causa de um daqueles loucos sonhos eróticos. Rolara de um lado para o outro na cama durante boa parte da noite. Então, acabara dormindo demais naquela manhã. E fora tudo culpa de Russ Bradford.

As ofertas foram aceitas, e o coral cantou um calmante hino. O ambiente de tranquilidade tinha começado a acalmá-la quando Russ apareceu ao lado dela no banco. Carly ficou tensa, mas abriu espaço para ele se sentar.

Ela manteve seu olhar fixo diretamente à frente, no pastor, ainda que não conseguisse ouvir uma palavra do que dizia.

Russ se curvou e murmurou em seu ouvido.

– Errar é humano.

Ela permaneceu em silêncio.

– Você nunca mais vai falar comigo? – sussurrou.

Desistindo de fingir que estava prestando atenção, Carly suspirou.

– Ainda não decidi. Estou dividida entre torcer o seu pescoço e pedir desculpas por ter mandado você para o... – Parou de falar, lembrando-se de que estava na igreja. Ainda que Deus soubesse o que ela dissera a Russ, Carly achou que seria melhor não refrescar a memória Dele.

– Deixe que eu leve você para almoçar – murmurou Russ.

Ela virou rapidamente os olhos para ele e começou a balançar a cabeça.

– Sem compromisso – sussurrou.

A mulher mais velha na frente deles se virou e franziu o cenho. Carly apontou para Russ. A expressão fechada da mulher se transformou num

sorriso. Carly olhou para o teto.

- Almoço – murmurou novamente.
- Fique quieto – disse Carly.
- Almoço.

Carly estava com um dilema. Queria retomar sua amizade com Russ, mas precisava se livrar primeiro daquela nova atração. Aquilo a estava fazendo agir loucamente, ter pensamentos loucos.

- Não estou pedindo que você vá para a cama comigo – sussurrou Russ.

O coração dela deu um salto. Chocada, Carly virou rapidamente a cabeça. Não tinha como saber que ela sonhara com exatamente aquela situação naquela manhã.

Ela o observou atentamente. Os olhos castanhos dele continham o preguiçoso humor de sempre. Seu corpo parecia relaxado, com um dos tornozelos apoiado sobre o joelho oposto, e um dos braços repousando atrás dela no encosto do banco. Se ela estivesse apenas um pouco mais perto, a grande mão dele talvez estivesse em seu ombro ou em suas costas. Carly sentiu um frio na barriga.

Algo na expressão determinada da boca dele dizia que Russ não desistiria.

- Quer ficar quieto? – perguntou com sua voz mais leve.
- Almoço.
- Sim – sussurrou sucintamente.

## Capítulo 2

---

CARLY ESTAVA aliviada por Russ não ter dado início a uma discussão a respeito do sermão do pastor. Como passara o resto do tempo ensaiando mentalmente todos os motivos lógicos para não poder ser a acompanhante de verão de Russ, Carly mal conseguia imaginar sobre o que o pastor falara.

Russ sugerira o Davy Crockett Diner. Concordara educadamente. Ele pediu bife. Ela, frango.

Carly esperava que começasse as negociações a qualquer momento.

Russ afrouxou sua gravata com estampa grená.

– Conheci ontem sua nova assistente, que me disse que você está procurando novas formas de entretenimento.

Carly assentiu e relaxou.

– Para os cruzeiros com refeições. Acho que isso atrairia mais clientes, mas não quero gastar muito dinheiro.

Russ sorriu para a garçonete enquanto ela servia o chá gelado deles e as saladas.

– Já pensou num DJ?

– Sim, mas isso é barulhento demais. – Carly deu um gole em sua bebida.

– Não sei o que quero. Só sei que é algo diferente.

– Por que não deixa os garçons fazerem hora extra? Talvez eles pudessem servir as bebidas e a sobremesa e, depois, fazer algum tipo de encenação

cômica musical.

Carly pensou na ideia e sentiu uma fagulha de empolgação.

– Isso é maravilhoso. Eu poderia contratar alguns alunos da faculdade comunitária. As agendas deles devem ser mais flexíveis. – Olhou radiante para ele. – Obrigada.

– Não há de quê.

Carly comeu uma garfada de sua salada e fez uma anotação mental para entrar em contato com a faculdade comunitária no dia seguinte. Depois de um instante, percebeu que Russ continuava a olhá-la. Sentiu uma curiosa pontada em seu abdômen.

– Então, você acha que essa ideia vai ajudar?

– Sim, obrigada por ter falado dela para mim. – Carly estava com uma incômoda sensação de que ele esperava algo além de um agradecimento dela. Então, enfim entendeu. – Quanto exatamente essa ideia vai me custar, Russ?

Russ levantou as mãos.

– Ei, estou do seu lado. Pode considerar um ato simbólico da minha amizade.

Carly assentiu e voltou a comer sua salada.

– Claro, se você tivesse vontade de retribuir o favor...

Erguendo novamente o olhar para ele, percebeu a expressão inocente no rosto dele. Os olhos de Russ, porém, eram pura tentação. Ela desistiu da salada.

– Imagino que você não tenha nenhuma ideia de como eu poderia retribuir o favor.

– Bem – disse, esfregando lentamente o queixo –, já que você tocou no assunto, há uma coisa.

– A-hã – disse Carly.

Ele empurrou um cubo de gelo com um dos dedos.

– O que eu preciso é de uma mulher linda e inteligente que me deixe levá-la para jantar e a eventos da comunidade durante os próximos meses.

Ele olhou de novo para ela.

– Tenho preferência por donas de barcos fluviais, altas e com pernas longas, cabelo escuro e curto e olhos cor de violeta. E um sorriso que faria um homem fazer qualquer coisa.

O cálido olhar dele se fixou no dela. Em seguida, em sua boca. Apesar de ela estar tentando ser racional, o coração de Carly palpitou. Suas faces se aqueceram. Sentiu-se encantada e lisonjeada. Quase acreditou na serpente. A aceitação estava na ponta da língua dela. Que mulher recusaria aquela deliciosa e plena atenção de um homem tão sexy?

Então, seu bom senso sobrepujou.

– Você já pensou em pôr um anúncio no jornal?

Um relutante sorriso repuxou a boca dele enquanto Russ balançava a cabeça.

– Carly, isso não é jeito de se tratar um amigo.

Aquele era o problema. Não via Russ apenas como um amigo, mas como um homem desejável. Ainda que a provocação dele tivesse a intenção de ser uma inocente diversão, ela conseguia se imaginar facilmente se magoando com o constante massacre do tipo de atenção masculina que Russ Bradford dava às mulheres. Todos sabiam que trocava de mulheres com a frequência que uma pessoa trocava de roupa.

Ela arriscou um olhar analisador para ele. Desde o curto e desastroso casamento dele, nenhuma mulher tocara o coração de Russ. Quando as coisas começavam a ficar mais sérias, Russ se afastava da situação. Ele tinha a capacidade de manter suas emoções distantes. Depois da infância que tivera, Carly precisava de um homem que tivesse as emoções à flor da pele.

Naquele exato instante, a garçonete pôs as fumegantes entradas deles sobre a mesa, e Russ desviou a conversa para uma direção menos volátil.

Eles conversaram sobre o novo panfleto de Carly. Perguntou a respeito da mãe de Russ, que se mudara para a Flórida depois da morte do pai dele.

Uma das clientes de Carly, Francine Granger, e seu marido pararam diante da mesa deles.

– Carly, era exatamente com você que eu estava querendo falar. Precisamos confirmar minha reserva para nossa festa de bodas no seu barco.

– Francine deu um afetuoso abraço em seu marido, que já estava ficando

calvo. – Norman e eu estamos casados há 25 anos e queremos uma grande comemoração.

Carly sorriu para a efervescente Francine e para o resignado Norman. Apostaria que Norman ficaria feliz com um tranquilo jantar em casa, mas não reclamaria de nada. A festa de bodas de Francine prometia ser tão extravagante quanto a própria mulher.

– Russ, você vai poder tocar piano para nós, não vai? – continuou Francine.

O estômago de Carly desabou. Ainda não tinha resolvido a questão com Russ e não queria perder a oportunidade de ser contratada por Francine.

A mulher de meia-idade, que, por acaso, era membro da Associação de Senhoras, fixou um olhar analisador em Russ.

– Sabe, Russ, minha filha Caroline vai vir nos visitar nas férias da pós-graduação dela. Ela precisará de alguém para fazer companhia. Você acha que poderia...

Russ pigarreou e lançou um olhar cheio de significado para Carly.

– Quanto à minha presença ao piano na sua festa, isso depende só de Carly.

Ela teve vontade de matá-lo. Ele a encurralou. Francine e Norman estavam esperando a resposta dela. Se dissesse que não, talvez perdesse aquele trabalho. Se aceitasse, estaria assumindo um compromisso com Russ durante todo o verão.

Lentamente, como se as palavras estivessem sendo arrancadas dela, Carly falou:

– Russ vai tocar na sua festa. – Então, sua mente fisgou outra ideia. Os cantos da boca de Carly se ergueram num radiante sorriso. – Quanto a Caroline, Russ está...

– Completamente ocupado – interveio Russ de maneira suave. Lançou para Carly um sorriso que, de alguma forma, misturava triunfo e promessa sensual. – Tenho muitos planos para este verão.

Os Granger murmuraram suas despedidas enquanto Carly olhava furiosa para Russ.

– Isso foi jogo sujo – sussurrou depois que foram embora.



Russ balançou a cabeça.

– É assim que se negocia. Eu dou algo que você quer. – O tórrido olhar dele se fixou nos lábios dela. – Você me dá algo que eu quero.

O coração de Carly saiu pela boca. Ela sabia que a explicação dele era pragmática, mas isso não explicava sua tontura.

– E o que você quer?

– Vou a um banquete no próximo sábado, e tenho que entregar um prêmio. Preciso que você vá comigo. – Ele deu de ombros. – Natalie vem dando indiretas a respeito de anéis que não vou comprar para ela.

Carly sentiu uma pontada de decepção. Sempre prático, Russ sentia quando uma mulher estava se aproximando demais e preferia cuidar disso de maneira eficiente. Suspirou, sentindo-se derrotada. Rancorosa, perguntou:

– A que horas?

– Cinco e meia – disse quando se levantaram para ir embora. – E seria bom se você usasse sapatos de salto, Carly. – Russ ignorou a expressão surpresa dela. Ele lançara aquele último pedido como um teste. Ela detestava usar saltos altos. Abrindo a porta, Russ conteve a vontade de soltar um grito de vitória. Seu plano estava dando certo.

NUM OUTRO dia, já tarde da noite, enquanto Carly estava verificando algumas correspondências no escritório, algo lhe ocorreu. Empurrou para o canto as contas e bilhetes de agradecimento da polícia local e do grupo de cidadãos da terceira idade para o canto.

Quase jogou longe o comunicado sobre a inauguração do Centro para Mulheres e Crianças do Tennessee Central. Um dos grupos de apoio, no entanto, atingiu-a como se ela fosse um soldado desarmado.

*Crianças que perderam o pai ou a mãe.*

Ela já devia ter superado aquilo, mas suas lembranças eram muito vívidas. Lembrava-se de uma menina de 5 anos tendo dificuldades para aceitar a morte de sua mãe, chorando sozinha na cama. Quantas noites passara chamando por sua mãe e seu pai, e nenhum deles tinham aparecido?

Ela esfregou as faces, surpresa ao encontrá-las úmidas. Lembrou-se da gagueira. Recorreu ao pai, que deu as costas. Tudo piorara quando a madrasta dela, Eunice, surgira em cena. Relembrando, Carly percebeu que perdera o pai e a mãe ao mesmo tempo. Apesar de sua gagueira ter inspirado a natureza protetora de seus irmãos a atingir proporções épicas, seu pai se tornara mais distante.

Carly passara a primeira parte de sua vida tentando alcançar um homem inalcançável. Um homem que guardava suas emoções para si. Não faria isso de novo. Esforçara-se muito para agradar à madrasta, que na verdade não queria nada disso.

Um desconforto se assentou no fundo do estômago dela com aquele pensamento. Embora Russ fosse bondoso, evitava escrupulosamente o envolvimento emocional. Conseguiria passar o verão fingindo ser o interesse romântico dele e permanecer inabalada?

Carly pensou na sexy boca de Russ e estremeceu. *Você está frita.*

Desgostosa com sua fraqueza, bateu na mesa. Precisaria lembrar a si mesma que Russ jamais teria algo sério com ela. Russ gostava de brincar. Quando as coisas se tornavam emocionais, tendia a ir embora. Precisava de um homem que conseguisse lidar com o lado terno de um relacionamento.

Com esse plano em mente, Carly se sentiu reconfortada. Olhou novamente para a carta. Não podia se oferecer como voluntária. Aquilo doeria demais. Podia, contudo, oferecer um cruzeiro como passeio especial para as crianças. Dando ouvido a seus instintos, escreveu uma carta para o centro e a enviou.

Às 17H29 da tarde de sábado, Carly estava vasculhando o fundo de seu armário em busca de sapatos de salto. Retirou um par de felpudas pantufas cor-de-rosa, tênis e sandálias rasteiras de couro preto. Sentiu esperança quando encontrou uma sandália branca com um salto de verdade, mas não conseguiu encontrar o par.

A campanha tocou, e ela soltou um palavrão.

– Só um minuto – gritou. O que havia de errado com ela? Era apenas Russ, pelo amor de Deus! Inspirou fundo e se levantou. Alisando o pequeno

vestido de crochê preto sobre os quadris, tentou recuperar a compostura.

Olhou de relance no espelho e aprovou o contraste entre sua gargantilha de pérolas de água doce e a gola de joias pretas. Depois de afogar o cabelo e aplicar o batom vermelho, Carly calçou as sandálias rasteiras pretas e foi abrir a porta.

Russ estava ali, maior do que ela se lembrava, e a deixou temporariamente tímida. Ele estava com um paletó esporte marrom com tecido áspero que ressaltava seus ombros largos. Seu cabelo vermelho-escuro estava penteado para trás, mas parte dele caía sobre sua testa. Sexy, pensou ela. Então, cravou os dentes no lábio antes que pudesse estremecer.

Quando o silêncio se prolongou, um sorriso brincou nas bordas dos olhos castanhos dele, mas não em sua boca. Carly se sentiu novamente uma adolescente boba e não gostou nada disso.

Russ deu tempo suficiente para ficar desconfortável. Em seguida, falou:

– Você está bonita. – Ele tocou um dos brincos pendurados dela. – Muito bonita. Está pronta?

Carly respirou com cuidado.

– Sim. – Então, riu para si mesma e fechou a porta depois de sair. – Não cheguei a perguntar quem está patrocinando esse banquete.

– A câmara de comércio. Talvez você consiga alguns negócios enquanto estivermos lá. – Olhou fixamente para os pés dela. – Nada de saltos altos?

– Saltos machucam meus pés. Você é um homem tão prático que fico surpresa por você gostar disso.

Ele a olhou de cima a baixo de novo.

– Todo homem tem seu ponto fraco. Por que não deixamos o banquete de lado e voltamos para dentro? Vou contar tudo a respeito do meu.

Um instantâneo surto de calor disparou pelas veias dela. Ele não estava falando sério, lembrou-se Carly. Porém, a imagem de Russ, nu e excitado, dando e exigindo, deixou-a sem palavras.

– Você precisa entregar um prêmio – lembrou, indo na direção do carro dele. – E estou com fome...

– Também estou – disse Russ com um sexy rosnado de trás dela.

Carly passou o curto caminho dizendo a si para não imaginar de que tipo de fome Russ estava falando e que métodos enlouquecedores usaria para saciar aquela fome. Quando eles chegaram, Carly já estava com os dentes trincados por causa do esforço.

Ela e Russ entraram no salão de banquete do hotel, onde fileiras de mesas cobertas por toalhas de mesa brancas e luz de velas criavam um elegante ambiente. Eles se sentariam diante de Natalie Conner e seu acompanhante, Bob Miller, o representante de uma nova empresa de eletrônicos.

Uma voluptuosa loira com sexy e acusadores olhos castanhos, Natalie fora a queridinha do Colégio do Condado de Beulah quando Carly era uma desajeitada anônima. Natalie era do tipo de mulher que, por algum motivo, sempre parecia fazer Carly se sentir menos confiante. Não era apenas a aparência de Natalie. Eram suas maneiras. Mesmo naquele instante, Carly precisou resistir à sensação de inadequação que a presença da outra mulher gerava.

– Russ, querido, quando você vai levar seus bagres para serem processados novamente? – perguntou Natalie com um sorriso venerador.

– Daqui a dois meses – respondeu Russ de maneira simples.

Carly deu outro gole em seu vinho, girou-o dentro da boca e se perguntou se o sabor ficaria melhor à medida que a noite prosseguisse.

Russ foi para o palanque apresentar o prêmio para a melhor contribuição de uma nova empresa à comunidade, e Natalie finalmente deu atenção a Carly.

– Que vestido mais fofo este seu, Carly. Eu jamais teria imaginado que alguém com a sua altura fosse capaz de usar esse estilo.

Enquanto Carly tentava concluir se aquilo fora um elogio ou não, Russ retornou à mesa. A dança começou, e Natalie o puxou imediatamente para a pista.

Uma expressão de irritação passou pelo rosto de Russ, e Carly se sentiu inexplicavelmente consolada. Percebeu o cálido olhar dele durante toda a dança. Aquilo fez com que se sentisse atraente, desejável... Carly revirou os olhos. Sentia-se mesmo era uma louca.

– Gostaria de dançar? – perguntou Bob.

– Por que não? – disse Carly com entusiasmo forçado.

Eles dançaram ao ritmo da música romântica que a banda tocava.

– Ela é meio sufocante, não? – perguntou Bob.

– Natalie?

– É. Trabalha para o meu chefe. No início, não entendi por que tinha insistido tanto para que eu viesse a este banquete. Agora, entendo. – Bob empurrou seus óculos de aros grossos para o alto de seu fino nariz.

Carly tentou pensar em algo gentil para dizer a respeito de Natalie Conner. Olhando de relance para Natalie e Russ, viu a mulher pressionar seu bem-dotado corpo junto ao de Russ e passar suas unhas vermelhas pelo cabelo dele. Carly desistiu de dizer algo educado e mudou de assunto.

– Você está há muito tempo na National Electronics?

– Vários anos.

Ela acabara de sugerir que a National Electronics realizasse seu próximo evento social no Sonho de Matilda quando Russ interveio.

– Você não está cumprindo sua parte no acordo – disse Russ de maneira objetiva ao tomá-la nos braços.

Carly piscou.

– Do que está falando?

– Você devia agir como se estivesse feliz por estar comigo, em vez de tentar roubar o acompanhante de Natalie.

– Bem, Bob tem sido um pouco mais acessível. Do jeito que Natalie se grudou em você, eu precisaria de dinamite para separar você dois com uma explosão.

Carly sentiu os músculos dos ombros dele se contraírem sob sua mão, mas continuou mesmo assim.

– Além do mais, você não disse que eu tinha que ficar bajulando você quando concordei em vir ao banquete.

A voz de Russ ficou muito baixa.

– Se eu quisesse ser bajulado, escolheria Natalie. – Os braços dele se contraíram, puxando Carly para ainda mais perto. – Sei que vai ser difícil, mas, durante os próximos minutos, finja que me acha atraente.

O fôlego de Carly ficou preso em sua garanta. Não precisaria fingir, percebeu ela. Intelectualmente, sempre soubera que o corpo de Russ era rígido e firmemente musculoso, mas nunca o percebera como uma mulher perceberia. Em sua atual posição, com os seios fortemente contra o peito dele, seu abdômen roçando no dele e as poderosas coxas de Russ entrelaçadas às dela, Carly estava plena e ciente da presença dele.

– Atraente – repetiu com a voz abalada.

Russ levou a mão dela a seu rosto e a acariciou.

– Finja que você é possessiva comigo. – Quando baixou a boca para a vulnerável pele logo abaixo da orelha dela e fez aquele mesmo movimento de carícia com o rosto, o coração de Carly saltou para a garganta. – Finja que somos amantes – sussurrou no ouvido dela.

As palavras dele a atingiram com tamanha força que Carly poderia jurar que as paredes e o piso do salão de banquete balançaram e tremeram. Seus joelhos pareciam feitos de gelatina, e sua cabeça estava mais enevoada que o céu durante uma tempestade elétrica.

Por um rápido momento, Carly olhou fixamente nos olhos de Russ e viu os olhos de um caçador, famintos e predatórios. Olhou para a boca dele e sentiu um latejante vazio dentro de si.

Então, alguém a sacudiu, e ela voltou à realidade. O calor marcou suas faces. *Era Russ.*

– Você enlouqueceu? – perguntou, arfante. – Se você queria que Natalie deixasse você em paz, devia ter escolhido alguém mais plausível. Eu nunca fui uma ameaça para ela.

– Agora, é – disse tranquilamente.

– Ah, é? – Carly não conseguiu evitar que a incredulidade transparecesse em sua voz. – Por quê?

– Porque você me tem.

Carly abriu a boca para retrucar, mas, para sua consternação, nenhuma palavra inteligente lhe veio à mente. Franziu o cenho.

A música parou, e Russ a pegou desprevenida, levando a mão dela a sua cálida boca. Beijou o dedo dela que estava coberto por um curativo.

– O que você fez dessa vez?

Um tremor a percorreu. Carly soltou lentamente o ar que fizera ficar preso.

– O dodói da semana – disse Carly, e respirou fundo. Para onde fora todo o oxigênio? – Tive uma discussão com uma faca de descascar, e ela venceu. – Sorriu e puxou a mão da dele, ávida por pôr algum espaço entre eles.

Russ a levou de volta à mesa.

– Acho que já podemos ir embora – murmurou, permitindo que seus lábios roçassem a orelha dela. – A menos que você queira ficar.

Carly resistiu à vontade de se esfregar para dissipar o efeito daquela perturbadora carícia. Em vez disso, balançou a cabeça.

Depois de uma superficial despedida de Natalie e Bob, Russ a impeliu na direção da saída. Quando eles chegaram ao carro, Carly desabou no banco de couro com um suspiro.

– Bem, a noite não terá sido uma perda total se a National Electronics começar a fazer negócios comigo.

Russ acelerou o poderoso motor em ponto morto e saiu de ré da vaga.

– Tenho certeza de que Bob vai ligar para você – disse nada feliz, lembrando-se da interessada expressão no rosto do outro homem.

– Ótimo. Isso vai me deixar muito mais perto do meu objetivo – resmungou Carly, e fechou os olhos.

As orelhas de Russ se aguçaram.

– Que objetivo?

Carly suspirou.

– Quero comprar as partes dos... – Parou abruptamente e se empertigou no banco.

– Comprar as partes do quê? – Ele a olhou. Estava quase se contorcendo no banco. – É segredo?

Um longo silêncio se seguiu.

– Acho que sim.

Ele não forçou. Por experiências passadas, Russ sabia que forçar com Carly seria um erro.

– Se é importante para você, espero que dê certo.

Pelo canto do olho, ele a viu relaxar levemente.

– É importante. Talvez até vital. E vou fazer isso acontecer ou morrer tentando.

Russ entrou com o carro numa vaga no pequeno complexo de apartamentos dela. Pôs a mão no delicado ombro de Carly, adorando a sensação do calor e da maciez dela.

– Bem, eu não quero que você se mate – disse com um preguiçoso sorriso.  
– Mas me avise se eu puder ajudar.

Ela hesitou. Foi apenas por alguns segundos, mas percebeu isso antes que se recuperasse e empinasse o queixo.

– Preciso fazer isso sozinha. – Carly abrandou a afirmação com um sorriso. – Mas obrigada mesmo assim.

Russ resistiu ao ímpeto de puxá-la para seu colo e beijá-la até acabar com a resistência dela. Desceu com os dedos pelo braço de Carly.

– Está na hora de moças trabalhadoras irem para a cama. Quer dividir a sua comigo? O caminho de volta à fazenda é bem longo.

Ele a ouviu arfar. Então, Carly gargalhou.

– Dê um tempo, Bradford. Você é o mestre em flertes sem sentido... e mentor dos meus irmãos. Uma mulher precisaria ser louca para levar você a sério. – Carly sorriu e cutucou o peito dele. – Se o caminho é tão longo assim, é melhor você ir logo. – Então, abriu a porta do carro e saiu.

Russ observou as longas pernas e o belo traseiro de Carly enquanto saía. Sentiu o familiar calor, esfregou a própria boca e perguntou a si mesmo se seria possível um homem morrer por ser tão paciente.

Ele semicerrou os olhos. Seu passado estava voltando para assombrá-lo. Ele não contara com a possibilidade de que Carly não o levasse a sério. Aquilo não fazia parte de seu meticuloso plano.

Agora, se ele apressasse a sedução, Carly pensaria que a estava tratando como qualquer outra mulher com quem saíra. O que estava bem longe de ser verdade. Sendo assim, o que precisaria fazer, percebeu Russ soturnamente, seria ir com calma.

Soltando um sofrido grunhido, ele a seguiu até a porta. Viu Carly se virar para ele. O cabelo dela estava macio e com uma aparência suave. A luz



brincava sobre a pele dela, fazendo com que parecesse cetim. As mãos dele estavam coçando loucamente para tocá-la. Russ as enfiou nos bolsos.

– Vejo você na quinta, nas bodas dos Henderson.

Russ assentiu, observando-a. Carly pigarreou e recuou na direção da porta. Estava nervosa? O peito dele se encheu de orgulho. Russ olhou para a boca de Carly e pensou em beijá-la. Por mais que quisesse fazer isso, o momento não era o certo. Ele não queria espantá-la. Quando se curvou à frente, viu os cílios dela estremecerem numa feminina demonstração de nervosismo, e sorriu por dentro. Então, beijou-a na testa, exatamente como um dos irmãos dela faria.

– Boa noite, Carly – murmurou Russ numa voz grave e se virou para ir embora.

Ele já estava quase no final da escada quando ouviu a leve resposta dela.

– Boa noite, Russ.

Carly precisara de todo aquele tempo para formular uma resposta. Russ sorriu por fora desta vez.

No entanto, balançou a cabeça ao se recordar das sandálias rasteiras dela. Ele ainda tinha um longo caminho a percorrer.

## *Capítulo 3*

---

---

SERIA POSSÍVEL uma pessoa morrer de curiosidade sexual?, perguntou Carly a si três semanas depois, enquanto olhava pensativamente para um catálogo de moda que recebera pelo correio. Até então, acompanhara Russ a dois eventos, ambos relacionados a negócios. Como ele era o piscicultor mais bem-sucedido do estado, costumava receber frequentes pedidos de que fizesse discursos para diversas organizações. Além do mais, sendo um dos executivos dos Fazendeiros de Bagre da América, era o dever dele promover o consumo de bagre em todas as oportunidades.

Eles tinham ido a um evento de fritura de peixes organizado por um corpo de bombeiros voluntários num condado vizinho. Tinham ido a Chattanooga para um encontro estadual de turismo. O segundo encontro fora especialmente benéfico para Carly, pois aproveitara a oportunidade para promover o Sonho de Matilda.

Em ambas as ocasiões, Russ fora atencioso e encantador. Sussurrava algo malicioso e provocante no ouvido dela, ou punha o braço em torno da cintura de Carly, ou tocava em seus brincos, ou olhava para sua boca da maneira mais desconcertante.

Apesar de sua determinação, Carly observou aquela firme e maliciosa boca dele e passou bastante tempo imaginando como seria sentia-la

pressionada contra a dela. Perguntou a si mesma como seria a sensação do peito nu dele contra seus seios.

Ao fim das duas noites, contudo, Russ beijara a testa dela e descera os degraus, deixando Carly decepcionada e irrequieta.

Ela franziu o cenho. Russ era totalmente errado para ela, ainda que deixasse seus hormônios enlouquecidos. Devia estar aliviada por não ser obrigada a rechaçá-lo.

Em vez disso, começou a se preocupar com sua imagem.

Ela sabia que tinha sido terrivelmente superprotegida por seus irmãos. Claro, namorara alguns homens, sempre sob os vigilantes olhos de seus irmãos. Para ser perfeitamente honesta, porém, nenhum dos pretendentes a tinha tentado o suficiente para fazê-la trocar seu cinto de castidade por uma noite selvagem na cama.

No momento, Carly estava considerando um fardo tanto o cinto de castidade quanto sua reputação de pureza. Estar com Russ fazia com que quisesse... experimentar. Russ pensava nela como uma mulher desejável? Alguma vez tivera vontade de beijá-la?

Numa tarde, discutiu aquilo cheia de rodeios com sua assistente, Sara.

– Você já pensou em furar as orelhas?

Sara afastou seu comprido cabelo castanho para revelar minúsculos brincos dourados.

– Minhas orelhas são furadas. Está vendo?

– Não. – Carly balançou a cabeça. – Eu estava falando de furar várias vezes.

– Não sei. – Carly suspirou e olhou para sua agenda sem a ver de fato. – Talvez para mudar sua imagem.

Sara fungou.

– Não tenho tempo suficiente na minha agenda para pôr três pares de brincos todos os dias. Você tem?

Carly pensou naquilo e balançou a cabeça.

– Não. – Começou a voltar para seu escritório, mas se virou novamente, inclinando a cabeça de maneira pensativa. – E saltos altos?

– Gosto dos meus pés. – Sara baixou o olhar para suas sandálias rasteiras simples. – Por que eu os torturaria?

– Verdade – concordou Carly, sentindo-se tola.

– Você não está falando de brincos e de sapatos de salto na verdade, está?

Carly hesitou. À exceção de seu irmão mais velho, toda a sua família gostara de sua solene e discreta assistente. E, como Sara revelara que os pais dela haviam morrido e que queria muito ter parentes, Carly se sentiu relutante em dizer qualquer coisa de ruim a respeito de seus irmãos.

– Só estou repensando minha imagem – disse por fim.

Sara assentiu.

– Seus irmãos têm enlouquecido você?

– Não – disse Carly, e sorriu ironicamente. – Ao menos não ultimamente. Com Ethan, Nathan e Brick naquela viagem de acampamento, as coisas têm estado bastante tranquilas. Mas ouvi comentários de algumas pessoas que me incomodaram.

– Tipo...?

O sorriso dela desabou.

– Tipo Carly sempre foi tão tímida e reservada. Como se todos soubessem que você simplesmente não é desse tipo de garota. – A voz dela ficou mais entrecortada. – Como se todos soubessem que você continua tão inocente quanto no dia em que nasceu.

– Humm – disse Sara.

– Humm o quê?

Sara sorriu lentamente.

– Parece que você está querendo manchar a sua reputação.

Carly pensou em todas as maneiras de fazer isso. A maioria envolvia Russ Bradford. Ela suspirou.

– É.

– Bem, nunca tive vontade de ter minha reputação manchada. Mas, se eu quisesse, acho que eu usaria algo de um destes catálogos.

Para a surpresa de Carly, a sensata Sara retirou meia dúzia de catálogos de mala direta com roupas que ressaltavam os atributos físicos de uma mulher.

Carly levou todos para casa naquela noite e telefonou fazendo um pedido antes que perdesse a coragem.

Russ foi até o apartamento de Carly e se preparou para outro programa tranquilo e nada ameaçador. Ele não estava com muita vontade de ir ao jantar festivo do prefeito. O que queria fazer era obter respostas para algumas perguntas urgentes. Tipo que roupa Carly usava para ir dormir, e quanto tempo precisaria para tirá-la? Qual era a cor e o sabor de seus mamilos? Suspiraria ou arfaria quando ele abrisse suas coxas e se pusesse entre elas?

Russ grunhiu. Sua estratégia cuidadosamente planejada estava começando a dar em seus nervos, pensou. Estava sendo um completo inferno manter suas mãos longe de Carly toda vez que dava aquele fraternal beijo de boa-noite diante da porta.

Ainda assim, não queria espantá-la. Precisava atraí-la lentamente, mas de forma tão completa que não questionasse quando sugerisse que fizessem amor. Esse era o plano. Só de pensar em ter Carly em seus braços e em sua cama, as palmas dele já suavavam.

Russ bateu e esperou pacientemente à porta do apartamento dela até Carly pôr a cabeça para fora. Sorriu de maneira um tanto incerta, mas seus olhos reluziram de empolgação. Tentou entender a curiosa combinação de emoções antes de a porta se abrir totalmente.

Carly estava com um vestido branco menos virginal que já vira em toda a sua vida. Ele pendia de um bronzeado ombro, moldando-se às curvas dela com uma clareza de tirar o fôlego. Mostrava mais das pernas do que ocultava. Quando Russ conseguiu levantar seu queixo, havia mais do que suas palmas suando.

– Oi – disse Carly.

– Oi – foi tudo que conseguiu responder. Então, balançou a cabeça. Agora, compreendia por que os irmãos dela tinham sido tão protetores. Era de se admirar que não a tivessem enrolado num robe e jogado um véu por cima do rosto dela.

Carly conduziu a conversa durante a rápida viagem até a casa do prefeito Goodman. Russ ainda estava tentando lidar com a mudança nela. Tomou muito cuidado para não a tocar, pois, se fizesse isso, sabia que não pararia até que tivesse se saciado. Ele parou o carro e inspirou fundo antes de sair e acompanhar Carly pelo caminho.

Com um sofrido sorriso no rosto, Janet Goodman atendeu a porta da casa de dois andares. Um coro de berros começou assim que eles passaram pela porta.

– Os dentes dos gêmeos estão nascendo, e minha filha saiu para o primeiro encontro dela – explicou Janet.

– Então, você perdeu sua babá – concluiu Carly.

– Preciso de outra camisa – gritou Sam do segundo andar. – Robbie babou nesta toda.

– Estou indo – falou Janet, e se virou para Russ e Carly. – Por favor, desculpem-nos, mas...

Outro coro de berros irrompeu.

– Posso dar uma olhada nos meninos? – perguntou Carly. – Não os vejo há muito tempo.

Alívio e gratidão surgiram no rosto de Janet.

– Ah, pode fazer isso? Sei que eles logo vão se acalmar. Só não deixe de vestir um avental, para que não destruam esse adorável vestido.

A campainha tocou.

– E, Russ, pode atender, por favor? Já vou descer. Pode se servir do bar e dos aperitivos do salão. – Janet desapareceu escadaria acima.

Carly e Russ olharam um para o outro e riram.

– Eu... hã... acho que vejo você depois – falou Carly, desejando que a tocasse, desejando que pudesse tocá-lo. Ele parecera tão distante desde que tinham saído do apartamento dela.

A campainha tocou novamente, e Russ assentiu.

Carly subiu a escadaria.

– Não demore muito – disse Russ em voz baixa atrás de Carly, que parou na hora. – Ou vou pegar você.

Havia algo de levemente predatório no tom dele. Aquilo fez um calafrio subir pela espinha dela e gerou um calor em sua pele. Carly se perguntou como seria se Russ Bradford *a pegasse*.

Depois de 15 minutos ninando Ronnie e embalando Robbie, os gêmeos adormeceram milagrosamente.

Quando ela foi para a sala de jantar, Janet e Sam a receberam com acolhedores sorrisos.

– Você faz milagres – falou Sam. – Eu estava balançando aqueles meninos já fazia meia hora.

– Eles só estavam cansados – disse Carly. Ela própria tivera vontade de se aconchegar naquela cadeira de balanço. Na noite anterior, passara grande parte do tempo colocando seus novos panfletos em envelopes.

– Vinho? – Russ chegou ao lado dela e ofereceu uma taça.

Casualmente, envolveu a cintura dela com um dos braços, e Carly se inclinou na direção dele.

– Obrigada – murmurou. Lançou um rápido olhar para ele e percebeu que os olhos de Russ estavam fixados em seu ombro nu. Uma pequenina emoção a percorreu, e Carly cedeu à vontade de provocá-lo como a provocava.

– Está com fome, Russ? – perguntou com uma voz baixa e sedutora.

O olhar dele se ergueu para os olhos dela, sondando, ardentes.

– Muita – rosnou, segurando-a mais firmemente.

Aquela história de manchar a própria reputação não era tão difícil afinal de contas, pensou Carly.

Depois da refeição, os outros convidados foram embora, enquanto Russ e Sam discutiam o iminente festival do condado de Beulah. Janet mostrou a Carly fotos do batizado dos gêmeos. Pela primeira vez em muito tempo, Carly sentiu uma pontada de desejo com a ideia de ter uma família. Janet e Sam pareciam tão felizes.

Carly enrugou a testa, lembrando-se de seu maçante e acelerado cronograma na faculdade que não deixara tempo para ter uma vida social. Depois disso, herdara o Sonho de Matilda e ficara absorvida pela tarefa de torná-lo um próspero empreendimento.

Olhando de relance para Russ, ela perguntou a si se não estaria deixando de ter algo importante. Claro, todos sabiam que Russ jamais se estabeleceria. Precisaria se lembrar disso. Apesar de ele poder ser uma boa opção para manchar a reputação de uma mulher, seria terrível num casamento.

Naquele exato instante, Russ ergueu os olhos, fixando-os nos dela. Aquele preguiçoso sorriso levantou lentamente os cantos da boca dele. Com os olhos ainda fixos nos dela, falou para Sam:

– Acho que está na hora de irmos. Obrigado por ter nos convidado, Sam.

Depois de elogiarem a refeição para Janet, Carly e Russ saíram para a úmida noite. Nuvens cobriam a lua em filetes azul-escuros, bloqueando a luz. Grilos guizalhavam no gramado.

Russ a levou pelo caminho com uma firme e cálida mão em sua cintura. Numa combinação com o vinho, a proximidade dele a deixava agradavelmente tonta.

– Gosto muito deles – falou Carly.

– É – concordou Russ, e riu. – Janet parecia um pouco desgastada quando chegamos.

– Ela precisou se esforçar muito para abrir aquele sorriso de boas-vindas.

– O que percebi foi o brinco – disse Russ, e riu novamente. – Ela só estava usando um.

A voz baixa e profunda dele tão perto dela fez o sangue de Carly borbulhar em suas veias como champanhe. O carro de Russ estava a apenas alguns passos de distância, e ela estava relutante em deixar a noite terminar.

– Cansada? – perguntou.

Ela deu de ombros.

– Foi muito gentil da sua parte ajudar Janet com os gêmeos.

– Eles são lindos. Robbie tem covinhas. – Ergueu o olhar para Russ. O poste de luz da rua estava apagado, e, por isso, o rosto dele era um misto de planos e sombras. Carly tocou o rosto de Russ.

O levíssimo toque o fez parar imediatamente.

– Você teve covinhas algum dia, Russ? – perguntou Carly, e franziu o cenho. – Não me lembro.

Sedento pelo toque dela, balançou a cabeça.



– Não, mas você teve – sussurrou.

– Não tenho mais – respondeu Carly também num sussurro.

Os olhos dela eram tão azul-escuros quanto a noite, e ela o fitava com um desejo feminino. Russ a girou em seus braços, perguntando a si mesmo até quando aquilo tudo duraria. Para sua surpresa, ela se aproximou mais. A fragrância dela envolveu a mente dele, roubando seu bom senso. Os seios dela estavam a uma profunda inspiração do peito dele. Seria necessário dar apenas um passo para sentir as pernas dela roçando contra as tensas e ansiosas coxas dele.

As pálpebras de Carly baixaram, ocultando seus olhos dos de Russ. Contudo, a mão dela permaneceu acariciando levemente o rosto dele.

– Russ, na verdade, não me importa se você teve covinhas ou não. Eu só queria uma desculpa para tocar em você – disse Carly numa voz tão baixa que quase não conseguiu ouvir.

O coração dele se revirou. Russ inspirou fundo, e ela acabou com o minúsculos espaço entre eles.

– Sabe o que eu queria agora?

– O quê? – perguntou, mantendo sua voz tranquila, não querendo perturbar a magia da proximidade dela.

Carly ergueu o olhar e levou a mão para a nuca de Russ. O gesto era inconfundível. Puxou a cabeça dele delicadamente na direção da dela.

– Queria saber como é a sensação da sua boca – disse com a voz rouca.

O coração dele deu um salto mortal, e seu sangue rugiu em seus ouvidos. Ele sempre se considerara um homem com autocontrole superior. Porém, quando Carly tocou hesitantemente seus lábios nos dele, Russ o perdeu por completo.

As mãos dele se fecharam em torno dos antebraços dela. Haveria hematomas no dia seguinte. Ele tomou a complacente boca de Carly com a paixão de um homem que esperara demais. Investiu com a língua, passando pelos lábios entreabertos dela, querendo possuir seu corpo, sua mente e sua alma com o beijo.

Quando Carly soltou um leve e pequeno gemido, ele se conteve e se acalmou, permitindo que o explorasse. Com um misto de excruciante dor e

prazer, Russ reagiu à doce sondagem dela, moldando o corpo de Carly ao dele. Entrelaçou os dedos pelo cabelo dela.

Inquieto, Russ subiu e desceu com as mãos por aquele enlouquecedor vestido dela, parando logo antes dos seios. Quando se esfregou nele, ele grunhiu e desistiu de se conter, sentindo o formato de um farto seio na mão.

– Ah – murmurou Carly contra a boca aberta dele. Afastou lentamente os lábios, arfando em busca de ar. Seu corpo vibrava como se tivesse sido pego por uma tempestade elétrica. Ainda acariciando o mamilo enrijecido dela, ele beijou seu pescoço e seu ombro descoberto.

– Você é capaz de levar um homem além do limite – sussurrou.

Carly sentia a rigidez de Russ pressionada. Conseguia ouvir o desejo em sua voz. Isso fez os sentidos dela se voltarem para a parte inferior de seu abdômen.

Com a respiração ríspida e entrecortada, Russ deslizou a mão para as costas dela. Puxou-a para si, o mais perto que eles poderiam ficar ainda vestidos, debaixo do poste de luz apagado do prefeito.

Ficaram daquele jeito durante vários momentos até que, finalmente, a sanidade retornou. Com relutância e cuidado, separou os corpos deles e olhou nos perplexos olhos dela.

– Bem, você conseguiu o que queria?

Russ observou o olhar de Carly descer para a boca dele. Sentiu o ardor começar novamente e balançou a cabeça. Se a beijasse outra vez, teria sérias dificuldades para não arrancar aquele pequeno vestido. De alguma forma, conseguiu destrancar o carro e ajudá-la a entrar.

Com movimentos nada sutis, deu a partida no carro e o engrenou.

– Russ – começou Carly –, sabe o que eu quero agora?

Uma contida risada borbulhou da garganta dele.

– Carly.

– O quê?

– Cale a boca.

Ela obedeceu.

Russ passou o resto do caminho até o apartamento dela perguntando a si mesmo como subjugar a bomba no assento do carona sem apagar

completamente a chama. Não contara com a possibilidade de que ela tomasse a iniciativa. *Isso não fazia parte de seu plano.*

Ele sabia que era cedo demais para levá-la para a cama. Se a quisesse apenas por aquela noite, não hesitaria. Estava pronta. Só Deus sabia como. O fato de tê-lo tentado além do autocontrole o deixava desconfortável.

Soturnamente, tamborilou com os dedos no volante, lembrando da outra ocasião em que dera carta branca a suas emoções. Um pesadelo e tanto. Aquela história de se entregar de corpo e alma não era para ele, pensou Russ, contendo um som de desdém. Ele tomara sua decisão de se casar com Carly depois de meses de cuidadosa avaliação, e o confortava saber que não estava escolhendo uma parceira com base em baboseiras emocionais.

Entretanto, a confiança de Carly era crucial, e fazer amor cedo demais poderia estragar tudo. Outras questões precisavam ser resolvidas primeiro. Eles precisavam se estabelecer como casal. Ele queria que fosse sua confidente, que acreditasse nele. Russ decidiu manter a sequência lógica em sua mente.

Soltando um longo suspiro, parou o carro e se virou para ela. A mulher era tentadora. Estava tão sexy com seu cabelo bagunçado e seus lábios inchados. Era um provocante convite à insanidade e ao êxtase.

E, além disso, estava dormindo.

Havia uma prazerosa ironia naquela situação, percebeu Russ ao tomá-la, adormecida, nos braços e carregá-la pelos degraus até o apartamento dela. Estava alheia ao mundo. Aquilo fez Russ se perguntar a que horas ela estava indo para a cama.

Ele alterou levemente o equilíbrio do peso dela para retirar a chave da bolsa branca de Carly. Quando começou a cair, enfiou a chave na fechadura.

Depois de abrir a porta com um empurrão, parou para permitir que seus olhos se ajustassem à completa escuridão.

Do nada, um punho atingiu seu maxilar. Ele gritou de dor. Carly acordou de súbito e gritou. Ainda se recuperando do golpe, Russ segurou a porta e tentou empurrar Carly para fora numa protetora manobra.

A porta bateu no batente, prendendo a mão dele. Russ soltou um palavrão, empurrando Carly para o lado, chutando e socando na direção de duas silhuetas indistintas.

Sentiu o gratificante impacto de seu punho contra carne. Ouviu um grunhido de dor. Seu pé atingiu um objeto inanimado. Um berro foi ouvido. Então, uma voz muito conhecida rosnou:

– O que você está fazendo com a minha irmã, seu filho da...

– Troy! – gritou Russ. Pensara que fossem ladrões ou algo pior.

Carly acendeu as luzes e olhou fixamente para o mais velho e o mais novo de seus irmãos. Eles estavam estendidos no chão com expressões embasbacadas e, em seguida, envergonhadas nos rostos. Daniel estava esfregando a própria canela, enquanto Troy tocava hesitantemente seu olho.

Com um audível grunhido, Russ puxou a mão da porta.

– Não sei bem se quero saber o motivo de tudo isto – disse. Então, olhou para Carly. – Preciso de gelo.

Cerrando os dentes, gesticulou para a cozinha.

– Ali. – Uma extrema vergonha alimentava sua fúria. Voltou seu irado olhar para seus irmãos.

– Ah, droga – disse Daniel, cobrindo o rosto.

– Você é dez anos mais velho que eu – falou Carly. – Devia saber das coisas. Como vocês entraram?

– O vizinho nos deixou entrar. Eu sei, eu sei. Eu não sabia o que fazia, e Troy sugeriu que passássemos aqui para ver como você estava. – Ele deu de ombros. – Foi o hábito.

– Que você precisa superar – disse. Daniel sempre fora o líder estável e comedido. Carly achava que parecia inquieto ultimamente. – Vá cuidar da sua vida.

– Ora, espere aí, Carly. – Troy se levantou com dificuldade. – Como nós iríamos saber que você tinha saído com Russ?

– Vocês não precisavam saber – berrou. – Tenho 23 anos.

– Mamãe se reviraria no túmulo se visse você com esse vestido – continuou Troy, ignorando os protestos dela.

– Então, devo tirá-lo e dar uma volta pela rua? – perguntou Carly veementemente.

Daniel soltou um cabeludo palavrão.

Troy permaneceu em silêncio.

Tremendo de fúria, pressionou as mãos contra seu quente rosto.

– Vou ter que me mudar para outra cidade para conseguir ter um pouco de espaço?

Russ chegou por trás dela e pôs uma apaziguadora mão em seu ombro.

– Vamos, Carly, não seja exagerada.

Ela ficou rígida ao ouvir o tom dele.

– A intenção dos seus irmãos não foi muito bem exposta, mas eles am...

Carly se afastou rispidamente.

– Não ousem me dizer o que fazer.

De repente, tudo ficou demais para ela. A maneira como seus irmãos se intrometiam em sua vida, a maneira como Russ a manipulara para que fosse sua acompanhante durante aquele verão, a maldita maneira como se distraía de seu objetivo de comprar as partes do barco que pertenciam aos irmãos dela.

Carly se sentiu uma idiota.

Inspirando fundo, olhou para os três homens responsáveis por sua atual humilhação. Sem dizer nada, abriu a porta. Sua intenção estava perfeitamente clara.

Daniel foi embora primeiro. Depois, Troy.

Russ parou diante dela e hesitou.

A hesitação quase a fez desmoronar. Queria perguntar como estava a mão dele. Queria olhá-lo, mas estava com medo do que veria. Se fosse preocupação, as lágrimas fortemente contidas cairiam, e ela se sentiria uma idiota.

Carly mordeu o lábio e se virou de costas.

Russ estava perto o suficiente para que ela sentisse o forte suspiro dele contra sua testa.

– Falo com você depois – disse em voz baixa antes de ir embora.

Como se viesse de muito longe, ouviu o vazio som dos passos dele pelo corredor. E, para sua própria perplexidade, percebeu que aquelas lágrimas firmemente contidas já tinham começado a escorrer por seu rosto.

## *Capítulo 4*

---

DE MANEIRA hesitante, Russ mastigou a crocante e marrom torrada, fazendo uma careta. Jogou o pão tostado no lixo e se sentou. Não valia o esforço para comê-lo, pensou ao se recostar na cadeira de carvalho da cozinha. Por um instante, perguntou a si mesmo se o casamento com Carly valia todo aquele esforço. Com seu maxilar dolorido, sua mão machucada e seu ego ferido, ele se sentia como se precisasse de terapia de reabilitação.

Franziu o cenho ao se lembrar da noite anterior. Carly ficara furiosa. Mesmo assim, a protetora demonstração dos irmãos dela resultaria num grande obstáculo para os planos dele. Ele olhou de cara feia para o vivaz papel de parede amarelo que cobria a parede de sua cozinha.

Como colocaria as coisas de volta nos eixos? Ele apoiou o queixo na mão. Uma lancinante dor percorreu imediatamente seu maxilar. Ele soltou uma sequência de palavrões. Naquele mesmo instante, a campainha tocou. Russ lançou um irritado olhar para a porta, rezando para que seu visitante fosse alguém em quem pudesse descontar sua frustração. Talvez fosse um de seus funcionários, pensou. Mas estava de péssimo humor. Com um rouco rosnado, foi a passos pesados até a porta e a abriu com força.

Ali estava ela. O objeto da completa frustração mental, física e sexual dele. Russ pensou em jogá-la por cima de seu ombro e carregá-la para seu quarto.

Isso resolveria um de seus problemas. E Carly *adoraria* o fato de ser dominada por um homem.

Ele não dissera uma palavra ao encontrá-la ali e percebeu que Carly estava começando a morder o lábio inferior. Russ semicerrou os olhos. Ela se remexeu. O nervosismo dela o amoleceu o suficiente para falar.

– Sim?

Ela engoliu em seco.

– Eu... hã... pensei em vir ver como você estava. – Tirou as mãos dos bolsos e gesticulou na direção dele. – Você sabe, seu maxilar e a sua mão.

– Estou bem – disse, deixando que se contorcesse, desconfortável.

– Ah, sim. – Carly abriu um fraco sorriso e deu de ombros. – Fico feliz por isso. Se você não precisa de nada, vou só...

– Não preciso de nada? – interrompeu Russ.

– Sim. Eu não sabia se você precisaria de ajuda hoje com a sua mão. E, como foram meus irmãos que...

– Bateram à porta na minha mão e quase quebraram meu queixo – completou Russ.

Carly fez uma expressão de dor.

– Sim. Sinto muito, Russ. Eu estava com tanta raiva deles. Não devia ter descontado em você.

A confissão dela acalmou o mau humor dele. Russ relaxou levemente.

– Está tudo bem. Quer entrar?

Ela assentiu e passou pela porta. Enrugou o nariz.

– Queimou a torrada?

– É.

Carly se virou e deu um passo na direção dele, observando o maxilar de Russ.

– O lado direito do seu rosto está parecendo o de um esquilo.

– Obrigado – disse secamente.

Ela sorriu e levantou a mão machucada dele, analisando delicadamente o inchaço e a descoloração.

– Posso preparar o café da manhã para você? Algo tipo ovos e legumes grelhados?



– Parece bom. – Ele gostava da sensação das macias mãos dela na dele. Na verdade, não se importaria nem um pouco se estendesse a carícia para todo o seu corpo.

– Acha que ajudaria se eu fizesse um curativo nisto? – perguntou Carly, sua testa se franzindo.

– Provavelmente, não faria mal. – Russ se sentia como um aluno tentando monopolizar a atenção da professora. Sentou-se à mesa de carvalho da cozinha e disse a Carly onde encontrar o kit de primeiros socorros. Estava com um jeans desbotado que se moldava a seu traseiro de maneira hipnotizante. Sua camisa azul teria sido entediante, mas Carly não estava de sutiã. Russ pigarreou e balançou a cabeça.

Carly empurrou a cadeira para perto de Russ e envolveu habilmente a bandagem em torno da mão inchada dele.

– Pronto – disse ao terminar. Tentou, sem sucesso, manter os olhos acima do pescoço dele. A camiseta de algodão listrada dele estava desabotoada, oferecendo uma generosa vista de seu peito e de seu abdômen definido. Os pelos do peito dele eram levemente enrolados, percebeu. Também percebeu a maneira como eles apontavam para o centro do abdômen dele, para seu umbigo. Perguntou a si mesma se a sensação deles seria a de maciez ou aspereza.

Deliberadamente, Carly levou seu olhar de volta ao rosto dele.

– Você teve dificuldade para abotoar a camisa? – Esperava que entendesse a indireta e se cobrisse antes que fizesse algo vergonhoso, como começar a babar.

– Sim. Você se importaria de fazer isso para mim?

Carly piscou os olhos.

– Fazer o quê?

– Abotoar a minha camisa.

O coração dela se contraiu como se fosse um punho gigante. Era como se tivesse pedido que se deitasse em cima dele. Russ não conseguia ouvir a respiração entrecortada dela? Não tinha ideia de como aquilo era difícil? Carly observou os olhos dele, mas as pálpebras baixas ocultavam a expressão de Russ.

Ela cerrou os dentes, determinada.

– Certo. – Levantou as mãos, encarando a primeira de suas grandes decisões. Deveria começar por baixo ou por cima? Ele estava sentado, e os lados da camisa estavam apoiados um de cada lado de sua virilha. O que, claro, significava que tocaria a virilha dele quando abotoasse a peça. Um pânico total a percorreu.

Por cima. Definitivamente, por cima. Mordendo o lábio, abotoou o primeiro botão de cima, depois o segundo. Então, olhou para os olhos castanhos de Russ. Eles eram tão sexy e sedutores que poderia estar desabotoando a camisa dele, em vez de abotoando. Carly se concentrou novamente em sua tarefa e descobriu que os pelos do peito dele eram suaves. Adoraria passar os dedos por eles. Conseguiu se abster de fazer isso, mas com um grande esforço. A cada sucessivo botão, sua boca ficava mais seca. Talvez fosse sua imaginação, mas parecia que a respiração dele também havia acelerado. Quando chegou ao terceiro botão de baixo para cima, parou, a boca mais seca que o Saara.

– Eu... hã...

– Obrigado – disse Russ.

Carly sorriu, aliviada.

– Quer colocá-la para dentro?

A cabeça dela se levantou imediatamente, percebendo o brilho malicioso nos olhos dele. Estranho, a voz dele soara séria. Carly riu.

– Acho que vou fazer aqueles ovos.

Ela preparou e serviu o café da manhã dele, falando sobre a fazenda e qualquer outro assunto que viesse à mente enquanto comia.

– Tenho inveja desta cozinha. Os azulejos italianos são lindos. E aquele forno de convecção é um sonho. – Admirava a forma como conseguira ter um cômodo renovado e limpo sem perder o toque masculino. A mesa, as cadeiras e os armários de carvalho dourado acrescentavam calor e profundidade.

– Você pode usá-la quando quiser. Especialmente se soltar estes dois botões de cima. Estou quase sufocando. – Russ fingiu tossir.

Carly revirou os olhos e obedeceu na hora.

– Devia ter me falado. O que você precisa fazer agora?

Russ se recostou e se espreguiçou.

– Espantar uns biguás.

Carly franziu o cenho, confusa.

– Mas, normalmente, eles não aparecem até setembro.

Russ deu de ombros.

– Eu sei. Deve ser uma revoada louca. De qualquer forma, eles podem pegar até 23 bagres por hora e, quando começam, a coisa só piora. Tenho que mudar os espantalhos de lugar e disparar sinalizadores hoje.

– Quer ajuda?

– Claro. Mas também quero saber o que você achou da noite de ontem. – O olhar dele estava sério e determinado.

– Ainda estou com raiva de Troy e Daniel, mas vou superar isso.

– E o que aconteceu antes disso?

Sentindo-se desconfortável, Carly limpou as bancadas com uma esponja molhada.

– Gosto dos Goodman. Eles são ótimas pessoas.

– E as minhas covinhas?

– Você não tem covinhas.

– E a minha boca?

O fôlego dela ficou preso na garganta. A lembrança da boca de Russ na dela trouxe uma onda de excitação que a atingiu como um maremoto. Resistiu à sensação.

– Vamos, Russ – disse Carly com leveza forçada. – Você sabe como foi. Um pouco de vinho e curiosidade demais. – Então, ergueu o olhar, implorando com os olhos que não continuasse com o assunto.

Russ apenas levantou uma cética sobrancelha. Ficou de pé e pôs a camisa para dentro do jeans. Carly se lembrou de que poderia ter sido ela a realizar aquela tarefa e quis sorrir a si por pensar isso.

– Vamos – disse Russ.

– Mas os pratos...

– ...vão para a lavadora. Vamos.

Alguns minutos depois, eles estavam descendo de carro por uma esburacada estrada cercada por grandes açudes. Enquanto o sol brilhava sobre a água, pássaros soltavam seus variados cantos matinais e os cães de Russ latiam, dando boas-vindas. Já fazia calor. Carly baixou o vidro para deixar a brisa entrar. Fazia algum tempo desde a última vez que fora à fazenda de Russ, e ainda mais tempo desde a última ocasião em que andara na velha picape dele.

Ela não sabia ao certo por que fora até ali naquela manhã. Em parte, fora por se sentir culpada pela maneira como seus irmãos tinham machucado Russ. Ele fora o inocente na situação. Ao menos o mais inocente que Russ Bradford podia ser, pensou ironicamente ao olhar de relance para ele.

E, em parte, fora pela confusão dela a respeito do relacionamento deles. Fosse lá o que tivesse acontecido entre eles, Carly não queria perder a amizade de Russ. Na noite anterior, culpara Russ por tê-la distraído quando, na realidade, fora a responsável. Sabia que sentia uma irresistível atração por ele, mas também sabia que precisava conter esses sentimentos. Eles passariam. Carly tinha certeza disso.

– O que você vai fazer com Daniel e Troy? – perguntou Russ ao parar a picape.

– Essa é a grande pergunta. Não sei o que fazer com Troy, mas Daniel...

– Daniel?

– Acho que o que Daniel precisa é de uma boa mulher.

Russ sorriu.

– Tem alguém em mente?

– Para dizer a verdade, tenho. – Abriu a porta da picape. – Minha assistente, Sara.

Eles atravessaram a grama alta até o lugar onde Russ começou a instalar um espantalho mecânico. Ele o segurou enquanto Carly o martelava para fixá-lo no chão.

– Acha que vai aceitar? – perguntou Carly.

– Vai resistir até onde aguentar, mas vai acabar cedendo no final. Está na hora de ele se estabelecer.

Carly hesitou ao ouvir aquilo.

– Estou surpresa de ouvir isso de você, o eterno solitário.

– Por quê? Quase todos os homens acabam querendo ter uma esposa e filhos.

Carly deu uma última martelada no espantalho.

– Não você. – Deu outra olhada no espantalho e balançou a cabeça para a calça verde-limão e a camisa laranja. – As roupas dele não combinam.

– Não estamos tentando criar moda aqui. A ideia é que eles usem cores vibrantes. – Ele a puxou junto consigo. – Vamos. Não temos o dia inteiro. Mas e Troy?

Carly entrou com Russ na picape. Era tão bom estar com ele daquele jeito que quis contar tudo.

– Ainda não escolhi ninguém para Troy. – Carly observou Russ. Gostava da maneira como lhe dava ouvidos. Ele a levava a sério quando as outras pessoas não levavam. – Pode guardar segredo?

O olhar dele se voltou brevemente para ela.

– Claro.

Carly inspirou fundo.

– Quero comprar as partes dos meus irmãos do Sonho de Matilda neste outono. Estou economizando muito e fazendo trabalho extra neste verão. Espero conseguir um empréstimo para cobrir o que eu não conseguir pagar.

Russ assoviou.

– Já economizou muito?

Carly passou a mão pelo cabelo, exasperada.

– Não o suficiente. É isso que me preocupa. E, se eu não conseguir me tornar a única dona até o outono, talvez tenha que tomar uma medida desesperada.

– Tipo o quê? – perguntou Russ, não gostando nada de como aquilo soava.

– Não sei. – Irrequieta, Carly deu de ombros. – Vender tudo e me mudar para Memphis ou Nashville.

As palavras dela o atingiram forte. Ele assimilou em silêncio o golpe. Com sua voz mais neutra, e porque precisava saber, Russ perguntou:

– É isso que você quer?

– Não.

A rápida resposta dela o aliviou instantaneamente. Russ soltou um profundo suspiro.

Carly o olhou, seus olhos implorando compreensão.

– Acho que seria mais fácil eles deixarem de se preocupar se eu me mudasse. – A voz dela ficou embargada. – Preciso ter algo que seja só meu.

Russ viu a umidade nos olhos dela e sentiu uma pontada dentro de si. Sempre odiara ver Carly sofrendo. Sem pensar duas vezes, ele a puxou por cima do câmbio para seu colo. Envolveu-a num forte e afetuoso abraço.

– Ah, Russ – disse, e as lágrimas começaram a fluir.

– Shh – murmurou, massageando a seda do cabelo dela. – Tudo vai dar certo, Carly. O tempo muda tudo. Quem sabe? Até o fim do verão, seus irmãos podem se casar e começar as próprias famílias deles.

– Ah. – Carly esfregou suas faces molhadas com o dorso das mãos. – A probabilidade de eles se casarem é igual à de eu me casar. Zero.

Russ cerrou os dentes.

– Você não tem como saber isso. Espere e verá. As coisas podem dar uma grande virada para você neste verão. – Ele levantou o queixo dela com o dedo. – Só não vá planejar nenhuma grande mudança para Memphis ou Nashville. Eu ficaria muito triste sem você aqui em Beulah.

Carly sorriu lentamente. Então, soltou uma risada. Russ sempre conseguia fazer com que risse.

– Nunca vi você carente de consolo feminino.

– Então, talvez você não tenha me observado bem – disse em voz baixa, e a pôs de volta em seu banco.

Carly sentiu a falta do calor dele. Analisou-o atentamente. Os olhos cor de âmbar de Russ não continham nenhum toque de provocação. Ele deu a partida na picape, e Carly pensou nele, perguntando a si se estaria tendo uma ideia errada a respeito dele. Talvez fosse um solitário, mas ela não tinha nenhum amigo melhor. Russ era durão, mas muito bondoso. Haveria algo dentro dele que desejava um amor verdadeiro e uma vida pacífica e estabelecida? Lembrando-se do breve casamento dele e de todas as mulheres

desde então, Carly balançou a cabeça. Se quisesse mesmo se estabelecer, já tivera uma dúzia de oportunidades.

Com discussões bem-humoradas, terminaram de instalar os espantalhos. Ele lamentou os fracos bíceps dela e acabou levando um tapinha. Avistaram um biguá, seu corpo preto voando num silencioso V. A ave mergulhou para a superfície, preparando-se para pegar um peixe. Russ disparou um sinalizador, e o pássaro retornou rapidamente ao ar e foi embora.

Depois disso, eles voltaram para a casa dele. Apesar do trabalho que a aguardava em casa, Carly se flagrou relutante em ir embora.

Russ se recostou na picape.

– Não tem nenhum cruzeiro hoje à noite?

– Não. As noites de domingo são fracas. Então, tento pôr a documentação e os registros em dia. – Carly se alongou. – Devo estar fora de forma. Acho que vou ficar dolorida amanhã.

O olhar dele a percorreu, fazendo Carly se sentir despida. Ela sentiu um frio na barriga.

– Quer uma massagem?

Deus do céu. Como conseguia fazer com que se sentisse como se estivesse presa no alto de uma roda-gigante?

– Você só pode usar uma das mãos – lembrou.

– Mas ela é muito boa.

O coração dela martelou dentro do peito. Apostava que a mão dele era mesmo muito boa. Boa o suficiente para lançar uma mulher num êxtase permanente e dominador.

Russ se aproximou. Instintivamente, Carly recuou e bateu na picape. Russ pôs a mão no ombro dela, e ficou dominada pela expressão nos olhos dele.

– Ontem à noite, você disse que queria saber como seria a sensação da minha boca. Hoje, diz que foi vinho demais e curiosidade demais. Bem, eu não tomei nem um gole de vinho e preciso dizer que estou louco de curiosidade.

Ele baixou a cabeça, e a respiração de Carly parou. Os lábios de Russ roçaram sobre os dela uma, duas vezes. Em seguida, assentaram-se calidamente contra a boca de Carly. A língua dele brincou com a dela,

enquanto seu polegar dava início a um tentador movimento no pescoço dela.

Carly teve uma sensação tão grande de estar afundando que se agarrou nos ombros dele, precisando de algo sólido ao qual se apegar. Russ murmurou o nome dela contra seus lábios e, em seguida, desceu com a mão pelo pescoço dela. Roçou os dedos sobre seu seio, desviando do mamilo que forçava a camisa de Carly, buscando a atenção dele.

Os seios de Carly latejavam. Como se tivesse lido a mente dela, Russ passou o polegar sobre o enrijecido mamilo. Fechou os olhos. O toque dele parecia fazer o desejo se espalhar. Com o rosto, acariciou a cabeça dela, convidando-a a ver a sede em seus olhos. Num sensual tipo de letargia, Carly ergueu o olhar e sentiu uma desconcertante fraqueza em seus joelhos. Ela os travou.

As mãos de Russ deslizaram para a cintura dela. Ele puxou a camisa para fora do jeans dela. Baixando a cabeça, ele a beijou minuciosamente enquanto levantava a barra da camisa dela centímetro por devastador centímetro até desnudar os seios. Moldou o seio exposto e inchado com uma de suas calejadas mãos e pressionou suas rígidas coxas contra ela. Os joelhos de Carly cederam.

– Ah – arfou, a boca aberta contra a dele.

Envolvendo a cintura dela com as mãos, Russ a apoiou no capô da picape e se postou entre as coxas dela. Carly olhou fixamente nos olhos dele, incapaz de desviar o olhar.

– Enrosque as pernas em mim – disse.

Carly começou a tremer.

– O quê?

Ele não repetiu. Apenas levantou as pernas dela em torno de sua cintura, para que sua rigidez a tocasse. Se estivessem nus, pensou Carly, ele estaria dentro dela. Sua boca secou.

O olhar de Russ aprisionou o dela até que finalmente baixou os olhos para os seios dela. Carly nunca se sentira tão linda ou tão excitada como estava naquele momento, com o forte sol do meio-dia acima dela e da boca de Russ Bradford, que descia para seus mamilos enrijecidos e sensíveis. A língua e os



dentos dele a provocaram. Quando sugou o seio dela profundamente para sua boca, Carly arqueou as costas. O peso dentro dela se intensificou, e sentiu uma úmida sensação de derretimento no ponto onde a ereção dele roçava.

Ele foi para o outro seio, e Carly gemeu de frustração. Queria estar nua. Queria que estivesse nu.

Queria que estivesse dentro dela.

– Russ – gemeu, entrelaçando seus dedos ao cabelo vermelho-escuro dele.

Russ ergueu o olhar e viu o rubor de excitação no rosto dela. Curvando-se à frente, manteve seus olhos abertos enquanto lambia os lábios dela com a língua. Seu olhar viajou da boca para os mamilos de Carly, reluzindo com o que estava fazendo.

– Você está molhada – murmurou com aprovação. Os olhos de Carly estavam anuviados de desejo. A virilha de Russ estava pronta para explodir com a intensidade de sua excitação. Ele levou as mãos para o botão do jeans dela e deu um puxão.

Absorto no momento, mal conseguiu ouvir algo além da leve arfada e do gemido de Carly. Cachorros latiam ao longe. No início, o som não penetrou a sensual bruma. Finalmente, Russ compreendeu. Piscou os olhos e olhou à volta, balançando a cabeça. Parou de mexer no botão do jeans dela e levantou as mãos, afastando-as do corpo dela.

Naquele instante, seus olhos se alteraram. Carly viu o momento em que percebeu a precariedade da situação deles. Russ soltou um palavrão e fechou os olhos. Carly enrijeceu, sentindo um instantâneo surto de vergonha. Com os seios expostos e as coxas abertas, devia estar parecendo exatamente o que se sentia, uma inconsequente. Constrangida e confusa, tirou as mãos do cabelo dele e foi mexer em sua camisa. Russ a impediu com uma forte pegada.

Carly desviou o olhar, não querendo revelar seus sentimentos. Sabia que seus olhos não esconderiam nada, e não havia nenhuma explicação racional para suas ações. A não ser, talvez, uma insanidade temporária.

– Não desvie o olhar – pediu com a voz rouca. – Por favor, não desvie o olhar. Vamos, querida – disse, guiando ternamente o queixo dela.

Carly abriu os olhos e viu o desejo honesto e feroz dentro dos dele e não se sentiu mais tão humilhada assim.

– Fale comigo – sussurrou Russ.

– Não sei o que dizer. – Ela o olhou, ainda sentindo a pulsante rigidez dele. – Por que você parou?

Russ grunhiu e baixou a camisa dela com mãos trêmulas.

– Fiquei tão dominado pelo momento que estava pronto para possuir você no capô desta picape, Carly. – Ele a beijou na boca e abriu um melancólico sorriso. – Não é o melhor lugar para uma novata perder a...

– Virgindade – terminou de maneira franca. Afastou-se dele. – É tão óbvio assim?

O olhar dele escureceu.

– Não pense nisso.

Sentindo a ameaça das lágrimas, Carly piscou fortemente e desviou os olhos. Viu um cardeal empoleirado no grande carvalho.

– Você se sente incomodado por eu ser virgem? – Ouviu a rouquidão em sua voz, mas não conseguiu fazer nada a respeito. Suas emoções estavam um caos.

Russ pegou a palma dela e a pressionou em sua latejante rigidez.

– Olhe para mim.

Carly resistiu à sedutora rouquidão da voz dele. Tentou puxar a mão de volta, mas Russ a segurou firme. Finalmente o olhou.

– Quero que você me sinta, Carly. – Os olhos dele fulguraram de excitação quando moldou a mão dela em torno de si.

Ele estava quente e rígido como aço, e Carly se flagrou ressentindo o fato de estar usando jeans. Queria tocá-lo ali, onde era mais vulnerável, mais carente e mais másculo.

– Provavelmente, vou passar o resto do dia nesta situação. – Ele moveu a mão dela num movimento de carícia e soltou um longo suspiro. – Acho que posso dizer que vou ficar *incomodado* até irmos para a cama.

Russ não escondia o tamanho de seu desejo. Sua necessidade era honesta e irresistivelmente atraente, e Carly ficou surpresa com o poder que aquilo parecia ter sobre ele. Ele era um homem tão grande e poderoso.

Com visível relutância, tirou a mão dela de seu jeans e pressionou os lábios na palma de Carly.

– Pode escolher o momento que quiser, mocinha – disse. – Mas pense muito bem, porque uma vez não vai ser suficiente para mim. Uma noite apenas não servirá.

Carly ouviu o aviso na voz dele. Olhou-o, vendo seu bagunçado cabelo avermelhado reluzindo ao sol, os olhos sérios. Aquele não era o Russ da infância dela. Aquele era o homem. E ela o desejava loucamente.

A imagem de longas e ardentes noites, frios lençóis de algodão e corpos entrelaçados preencheu a mente dela. Uma excitação de tirar o fôlego a dominou. Não seria uma união tranquila, percebeu. Seria ardente, dura e forte, como Russ. E, que Deus a ajudasse, não sabia como lidar com aquilo.

CARLY CONSEGUIU chegar de volta à sua casa sem bater o carro. Apesar de ter ligado o ar-condicionado no máximo (e fechado todas as janelas), ainda estava com calor quando subiu os degraus até seu apartamento. Estava quase tão perplexa com Russ quanto com seus próprios sentimentos. O único elemento de toda a situação que a confortava era o fato de que Russ lhe dera o controle total. “Pode escolher o momento que quiser”, dissera. Carly sabia que não estava pronta. Fisicamente, sim. Emocionalmente, não.

Quando pensava em fazer amor com Russ, seu peito se apertava de apreensão. Ou seria expectativa? Entrou no apartamento e bateu a porta ao passar. Talvez devesse fazer e acabar logo de uma vez com aquilo, pensou, irritada, ao ir a passos pesados até o banheiro e preparar um banho frio. Talvez, se fizesse isso, sua curiosidade fosse satisfeita.

Talvez até se decepcionasse, pensou, ainda que duvidando.

Talvez se apaixonasse loucamente por Russ e fizesse papel de boba.

O que aconteceria com a amizade deles depois daquilo? Carly jogou alguns sais de banho na banheira. A natureza da amizade deles mudara, admitiu. Parte dela desejava o relacionamento descomplicado que costumava ter com Russ. Apesar do fato de ser o melhor amigo de seus irmãos, passara a considerá-lo um aliado.

Carly girou os dedos na água e suspirou. Algo dentro dela mudara. O sentimento era tão intenso que a assustava. Conseguiria voltar a olhar para Russ e não sentir um aperto dentro de si? E se aquilo não fosse apenas luxúria?, perguntou a si, horrorizada.

*Uma coisa de cada vez.* A luxúria já era avassaladora o suficiente sem que se preocupasse com outras possibilidades mais sérias. A dúvida, sabia Carly, era se... ou quando? A ideia de fazer aquilo de verdade trazia uma onda de calor para todo o seu corpo. Ela grunhiu. Em seguida, tirou as roupas e tentou ignorar a maneira como ainda formigava por causa do toque de Russ. Entrou na banheira e se imergiu completamente na água fria e perfumada, esperando apagar o devastador efeito de Russ. Fechando os olhos, concluiu que não estava pronta para decidir.

DEPOIS DE uma atarefada semana, Carly estava sentada em seu barco, ouvindo as discussões de seus irmãos, e se perguntava se haveria assentos disponíveis no próximo ônibus espacial.

Daniel balançou a cabeça.

– Não gostei da voz do segundo cara. E, se eu não gostei, você sabe que os clientes também não vão gostar.

Troy argumentou.

– Ele não era tão ruim quanto o primeiro.

Carly apertou a parte superior de seu nariz. Sentia uma dor de cabeça chegando. Eles estavam discutindo os candidatos a garçom. Os irmãos dela tinham pedido desculpas de maneira cheia de rodeios e, em seguida, passado a interferir nos negócios, em vez de em sua vida social. Não sabia o que era pior.

– De qual você gostou mais, Carly? – perguntou Garth.

Carly piscou os olhos. Era a primeira vez que perguntavam.

– Gostei dos dois, mas precisamos de um tenor se vamos fazer uma harmonia de quatro partes.

Troy abriu a boca para discutir.

– Precisamos de outro garçom pronto até o próximo final de semana – interveio antes que pudesse começar. – Vocês têm cinco minutos para

chegar a uma decisão. Tenho coisas demais a fazer para me preparar para a vinda daqueles agentes de viagem na semana que vem.

– E tem outra coisa – falou Troy. – Ainda não acho que você devia dar um cruzeiro de cortesia a toda aquela gente. Como você sabe que eles vão enviar clientes para você?

Carly pressionou os lábios. Troy tinha um argumento válido. Ela devia assumir uma postura mais rígida, oferecendo tarifas reduzidas, a não ser para ações de caridade. Mas seus instintos se rebelaram contra a ideia, e não se deixou convencer. Olhou de relance para seu relógio.

– Quatro minutos.

Recostou-se, extraindo-se mentalmente da discussão.

– Como está Russ? – perguntou Garth.

– Não tenho falado com ele, mas acho que a mão dele já deve estar melhor a esta altura.

Garth semicerrou os olhos.

– Ele não ligou para você?

Carly se remexeu em seu assento. Garth não se intrometia tanto quanto os outros irmãos. Ele era quieto, mas extremamente perceptivo. Sempre se lembrava do aniversário de Carly e mandava suas flores preferidas. Já ouvira várias mulheres elogiando a bela aparência morena e o comportamento noturno dele. Naquele momento, porém, Carly achou enervantes sua percepção e atenção aos detalhes.

– Bem, você sabe que estive muito ocupada esta semana – disse. – Talvez tenha deixado uma ou duas mensagens. – Ou três ou quatro, pensou. O fato de estar atarefada era o motivo superficial para não ter retornado as ligações dele. Sua confusão era o motivo mais profundo.

– Já decidimos – anunciou Daniel. – Contrate o primeiro cara como experiência.

Troy resmungou:

– Se eu conseguir encontrar outra pessoa, mando vir até aqui.

Carly sorriu, aliviada.

– Pronto. Eu sabia que vocês conseguiriam chegar a algum tipo de acordo. Vou telefonar para o candidato amanhã. – Ela se levantou, deu o braço a

Daniel e o levou até a porta. – Obrigada por terem vindo. Podem marcar com suas acompanhantes para o cruzeiro dos agentes de viagem.

Troy e Garth seguiram Daniel automaticamente.

– Quem vai ser o seu acompanhante? – perguntou Garth quando Carly abriu a porta.

– Ninguém. Vou estar ocupada demais cuidando dos convidados.

– E Russ? – continuou Garth.

Carly inspirou rapidamente.

Daniel riu.

– Russ só está querendo Carly como camuflagem neste verão. A Associação de Senhoras está atrás dele.

Garth franziu o cenho.

– Foi isso que ele disse?

– Pode apostar – respondeu Troy. – Ele sabe que nós não deixaríamos que se aproximasse de Carly.

– Não demore muito para voltar para casa, Carly – lembrou Daniel.

Carly ficou nas pontas dos pés e deu um beijo no rosto dele.

– Vocês também. Boa noite. – Deu um rápido beijo em seus outros irmãos e tentou ignorar a expressão pensativa no rosto de Garth.

Depois de fechar a porta, voltou para a sala e afundou numa cadeira. Aquele era apenas mais um motivo para que um relacionamento com Russ jamais desse certo. Os irmãos dela eram piores que o FBI. Eles descobririam e a mandariam para um convento. O destino de Russ seria mais fácil. Eles o matariam.

Com os cotovelos plantados na mesa, Carly apoiou a cabeça nas mãos e fechou os olhos. Que Deus a ajudasse, o que faria? Ao mesmo tempo em que evitava Russ, também sentia falta dele. Que confusão! Uma fada madrinha seria muito útil naquele momento, pensou. Ou ao menos um amigo.

Como se seu desejo secreto tivesse sido realizado, ouviu uma conhecida e profunda voz.

– Semana difícil, mocinha?

Quatro xícaras de café injetadas em sua veia não teriam causado um efeito mais acentuado que aquele em seu sistema. Carly endireitou o corpo

imediatamente, perguntando a si mesma se estaria delirando.

Ali estava ele, apoiado na parede de madeira escura. Chegara completo, de camiseta preta e justa, jeans surrado que celebrava a masculinidade de uma forma como os dançarinos da Chippendales só poderiam desejar ser capazes de fazer. Sua boca se levantou com um sorriso de derreter uma mulher, enquanto seus olhos cor de caramelo reluziam com um leve humor.

O coração de Carly bateu com um ritmo instável dentro do peito dela. Quando se afastou da parede e foi na direção dela, Carly se levantou apressadamente.

– Eu... hã... não sabia que você viria hoje. – Carly mordeu sua desastrada língua.

– Deixei uma mensagem com Sara. Na verdade, deixei cinco mensagens com Sara.

Carly fez uma expressão de sofrimento.

– Tenho estado muito ocupada esta semana, contratando novos garçons e preparando tudo para aqueles agentes de viagem. – Engoliu em seco e se levantou. – Quer algo para beber?

– Espere. – Russ segurou o braço dela. Suas sobrancelhas se uniram enquanto observava o rosto dela. – Carly, você está tremendo! O que há de errado?

– Eu já disse – insistiu com uma trêmula voz. – Estou muito ocupada. – Detestava aquela sensação de descontrole.

– Então, diga o que posso fazer para ajudar.

Ela respirou de maneira profunda e calmante.

– Para início de conversa, você pode soltar meu braço.

Ela viu surpresa, um lampejo de mágoa. Então, a expressão dele se fechou. Russ soltou o braço dela.

– Certo.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e a observou.

– Quer me dizer o que está havendo?

Carly passou a mão pelo próprio cabelo. Estava tão abalada que tinha vontade de chorar, mas não havia nenhum motivo lógico para isso.

– Não sei mais como agir com você, Russ. Essa história entre nós aconteceu tão rápido. Num dia, somos amigos. No outro, estou praticamente fazendo amor com você em cima da sua picape. – Levantou as mãos, confusa.

O olhar de Russ foi leve e compreensivo. Ele avançou e estendeu a mão.

– Eu já disse. Você pode escolher a...

Carly recuou, tropeçando na cadeira. O móvel girou e caiu ao chão com um forte estrondo.

Russ a olhou fixamente.

Carly tinha quase certeza de que fora isso o que acontecera.



## Capítulo 5

---

---

– NÃO VOU atacar você – disse Russ finalmente.

– Eu sei – retrucou Carly. Levantou a cadeira e a empurrou para baixo da mesa. Sentindo-se desconfortável, cruzou os braços. – Não sei muito bem o que penso de tudo isso. Acho que talvez fosse melhor... se você não... – A voz dela hesitou diante da determinada expressão nos olhos dele.

– Se eu não o quê?

– Tocasse em mim. – Carly soltou um suspiro frustrado. Sabia que estava exagerando em sua reação e se sentia uma idiota. Porém, quando Russ a tocava, ela praticamente era capaz de sentir o cheiro da fumaça. E o fogo que vinha de dentro dela.

– Por quê?

Ela devia ter imaginado que perguntaria o porquê.

– Bem, isso complica as coisas. Pode estragar nossa amizade. Isso me deixa confusa. – *E excitada.*

Com uma luz de ciência nos olhos, Russ assentiu.

– Está preocupada com a possibilidade de perdermos nossa amizade?

– Sim – arfou Carly, sentindo um surto de alívio. Ele entendia.

– Sempre seremos amigos, Carly. Não importa o que mais aconteça entre nós. Posso prometer isso. – Ele a percorreu rapidamente com o olhar. – Também posso prometer que não vou tocar em você a menos que eu

pergunte primeiro, e que vou parar quando você me pedir. – Ele se aproximou e estendeu as mãos dos lados de seu corpo, indicando que obedeceria às regras dela. – Mas deixar de tocar não faz deixar de desejar.

Mas precisa fazer, pensou desesperadamente. Precisava se apegar àquilo. Precisava ter um pouco de perspectiva, pôr aquela insanidade sob controle. Carly pigarreou.

– Vamos pelo menos tentar.

– Certo. – O rosto dele estava sério, a não ser pelo malicioso brilho em seus olhos. – Mas isso vai contra a minha natureza. Não sei bem se você sabe como isso vai ser *duro*.

Carly sorriu, apesar da tensão dentro de si.

– Sim – disse secamente. – Considere isso uma experiência de construção de caráter, Russ.

Ele riu.

– Você é difícil.

– Com você e os meus irmãos, preciso ser. – Olhou de relance para seu relógio e exclamou ao ver a hora. – Preciso fechar tudo e ir para casa.

Russ percebeu a maneira como o agrupara com seus irmãos. Aquilo o irritou. Ele precisaria resolver isso depois. No momento, precisava garantir que não escapasse completamente.

– Vim lembrar a você o Dia dos Jogos para o hospital, no sábado. – Parecia ter esquecido. Aquilo o irritou ainda mais. – Algum problema?

– Não – garantiu Carly e abriu um sorriso autodepreciativo. – Só parece que não consigo manter nada no meu cérebro por mais do que alguns minutos ultimamente. Vou garantir que tudo seja resolvido.

– Ótimo. Busco você por volta das 11h. – O olhar dele baixou para os seios dela, e Russ balançou a cabeça. – Se você quiser que eu siga essa regra de não tocar, acho melhor usar sutiã.

Os olhos dela se arregalaram, e Carly soltou uma arfante risada.

– Algo mais?

Russ sorriu lentamente.

– Não. Eu sugeriria uma sacola de papel, mas isso não me impediria. – Ele soprou um beijo. – Vejo você no sábado.

Carly o viu sair do recinto. Conseguiu conter seu grunhido durante três longos segundos.

PARECIA QUE a cidade quase inteira viera para o Dia dos Jogos, pensou Carly. Deveria ser capaz de manter seu bom senso naquela inócua situação. Russ não teria como tecer sua hipnotizante teia sobre ela nas pastagens de George Killion cheias de homens, mulheres e crianças. O condado de Beulah queria dar melhores equipamentos a seu pronto-socorro, e os moradores acreditavam que as pessoas doavam dinheiro mais prontamente quando lhes eram oferecidas diversão e comida.

Carly ouviu um grito e olhou para ver alguém sendo derrubado na água por um tiro certo no alvo.

– Parece que o prefeito Goodman se deu mal – disse a Russ.

Ele sorriu.

– É. Como está quente, acho que não vai se importar muito.

Ela viu algumas crianças com algodão doce azul e sentiu o cheiro de bagre sendo frito.

– Você doou peixe outra vez?

Ele assentiu. Então, baixou o olhar para um pedaço de papel em sua mão.

– Nós vamos cuidar da corrida de carrinho de mão durante a primeira hora. Depois, a corrida de três pernas. Precisamos demonstrar as posições corretas para a corrida e dar as faixas de premiação. Em seguida, encerramos com o cabo de guerra sobre o riacho. – Ele estalou a língua. – Vamos. A corrida de carrinho de mão fica do outro lado do campo.

Eles foram até lá e, em poucos minutos, estavam cercados por um grupo de empolgados participantes.

– Seis pares por vez – orientou Russ em voz alta. – Todos atrás da linha de partida, enquanto Carly e eu mostramos a posição correta para a corrida de carrinho de mão.

A suspeita se avivou dentro de Carly quando viu Russ avançar em sua direção com uma expressão entretida no rosto. O apito de metal dele quicava contra a camiseta da University of Tennessee que não fazia nada para ocultar seus peitorais desenvolvidos e ombros largos. Uma bermuda

jeans se estendia sobre as ondulações definidas e terminava no meio das musculosas coxas dele, polvilhadas com ondulados pelos castanho-avermelhados.

– Você vai precisar ser o carrinho de mão, já que eu sou maior – disse Russ. – Quer ficar numa posição como se fosse fazer flexões?

Subitamente, Carly se sentiu relutante em deixar Russ Bradford ficar de frente para suas pernas abertas.

– Isso violaria a regra de não tocar.

Ele franziu o cenho.

– Mas somos responsáveis por mostrar a estas pessoas a posição certa para a corrida.

Ela apostava que sim. Carly perguntou a si se ele teria escolhido aqueles eventos propositalmente.

– Talvez seja melhor você pedir um voluntário.

Russ balançou a cabeça.

– Não. Eu fico sendo o carrinho de mão, e você segura os meus pés. Você consegue. É forte.

Carly pôs as mãos em sua bermuda de ginástica.

– E a regra de não tocar?

– Só dizia que eu não poderia tocar em você – ressaltou Russ com um sagaz sorriso. – Você pode me tocar quando e do jeito que quiser, querida.

Ele a olhou com puro convite sensual nos olhos. Carly não sabia se dava um tapa ou um beijo e acabou revirando os olhos.

– Certo, Bradford, para o chão.

Russ soltou um sofrido suspiro, mas se pôs em posição de flexão.

Carly observou a maneira como os largos ombros dele se afunilavam até a cintura e seu rígido e tonificado traseiro e resistiu à escandalosa vontade de beliscá-lo. Ela uniu as mãos fortemente.

– Preciso esperar o dia inteiro?

– Não – respondeu de forma mal-humorada. Então, pegou aqueles troncos de árvore que chamava de pernas e percorreu o campo com dificuldade e cambaleando.

Uma hora depois, ela se flagrou numa constrangedora posição, tentando demonstrar como era feita a corrida de três pernas, enquanto seu parceiro não a tocava. Cada passo à frente parecia destinado a lançá-los ao chão.

– Isto seria bem mais fácil se você me deixasse pôr só um braço em torno de você, Carly. – Tudo ficaria mais fácil, pensou Russ, se deixasse que pusesse os braços em torno dela. Carly passava tempo demais sozinha, pensando. Se Russ pudesse mantê-la na casa dele durante uma semana, sem interrupções, tinha certeza de que conseguiria convencê-la a se casar com ele. E não seria apenas sexo, pensou. Eles conversariam, e comeriam, e ririam, e nadariam. Ele gostava da companhia dela. Gostava de tudo nela.

Ele soltou um palavrão, inclinando-se perigosamente na direção do chão.

Carly segurou a cintura dele com as duas mãos.

– Alguém já disse que você é mais pesado que um touro? – Ela passou o antebraço para enxugar a perspiração em sua testa. – E você é grande demais.

– Nunca ouviu dizer que quanto maior, melhor?

– Só ouvi gente grande dizer isso – falou, rindo.

Arfando, eles pararam. Russ percebeu a maneira como os seios dela repousaram na lateral do corpo dele. A suave e lisa coxa dela roçava na dele, rígida e áspera. A mão de Carly estava no abdômen dele, torturando sua imaginação e sua libido. O perfume feminino dela preenchia as narinas dele. Russ baixou os olhos para suas vazias e desejosas mãos e quase chorou de frustração.

– Desamarre as cordas, Carly – disse com os dentes cerrados.

Depois da corrida de três pernas, eles fizeram um intervalo para almoçar. Carly deu a última mordida em seu sanduíche de churrasco e se curvou para trás, apoiando-se nos cotovelos. Estava à vontade debaixo de um imenso e frondoso carvalho. Uma sombra passou, e Carly ergueu o olhar. Franziu o cenho de maneira fingida.

– Você parece bem refrescada, enquanto eu estou toda suada e bagunçada. Vá pegar um cachorro-quente e derrame um pouco de ketchup nessa blusa limpa.

Sara se sentou.

– Você não está bagunçada. Está com a aparência de quem está se divertindo.

Carly ofereceu um pedaço de gelo.

– Você sempre diz a coisa certa. Não entendo como você não está casada e com vários filhos.

A expressão de Sara ficou velada.

– Perdi meu marido há dois anos.

Imediatamente arrependida, Carly se sentou.

– Sinto muito. Isso é horrível.

– Sim, foi. – Sara olhou para o horizonte. – Morávamos em Chattanooga, mas, depois que Ron morreu, acho que perdi a vontade de ficar na cidade. Preciso de um ritmo mais lento, sem precisar lutar contra as lembranças. Para dizer a verdade, esta é primeira vez que falo disso em muito tempo.

Carly observou sua amiga, de suave cabelo castanho e simpáticos olhos. Embora Sara tive excelente postura e fosse eficiente, Carly sentia uma vulnerabilidade nela.

– Foi um acidente?

– Sim. O outro carro se descontrolou. Ron nem soube o que o atingiu. Agradeço ao menos isso.

Carly suspirou e balançou a cabeça.

– Minha mãe morreu quando eu tinha 5 anos. Então, perdemos nosso pai vários anos depois disso. Foi difícil, mas meus irmãos praticamente me sufocaram tentando compensar a perda. Você não tem irmãos. E primos?

– Nenhum próximo. As famílias dos meus pais são de Minnesota.

– Como você consegue superar isso, então? – perguntou Carly, pensando em voz alta. Seus irmãos a tinham envolvido completamente com o amor deles. Não conseguia imaginar como seria enfrentar aquele tipo de tristeza sozinha.

– Nunca vou superar – disse Sara, tranquila. Olhou para Carly. – Vivo um dia de cada vez.

– Bem, você sai com outras pessoas ou algo assim?

Um lento sorriso repuxou a boca de Sara.

– Não. Nem mesmo quando minha chefe tenta me juntar com o irmão dela.

Carly pegou a mão de Sara.

– Você gosta dele? Daniel é teimoso, mas tem um coração de ouro. Não é nada feio. Você seria perfeita para ele. E talvez não ficasse tão solitária.

Sara soltou uma gargalhada. Carly ficou feliz por ouvir aquele raro som depois de ver tamanha tristeza no rosto de sua amiga.

– Daniel é bonito – admitiu Sara. – Mas não está interessado em mim.

Carly percebeu que Sara não comentara se estava interessada em Daniel ou não.

– Por que diz isso?

Um rubor tingiu as faces de Sara.

– Eu o ouvi dizer a um dos seus irmãos que era uma pena a assistente de Carly ter um... corpo tão bonito e uma personalidade tão séria.

Carly olhou fixamente para Sara.

– Está brincando? – Então, achou graça da situação e começou a rir. Sara franziu o cenho para ela, mas Carly apenas riu ainda mais. – O que será que Daniel faria se soubesse daqueles seus catálogos de lingerie?

Sara sorriu, mas seus olhos continham uma luz de aviso.

– Ele jamais saberá.

– Ah, não sei, não. Esse tipo de informação sempre acaba vazando.

– Carly.

– Seria bom para você mesma. Você é do tipo de pessoa que precisa de uma família. Só quero ajudar.

– Olhe só quem está falando de homens. Você fica mantendo Russ Bradford na coleira e bem longe de você.

Carly fez uma expressão de dor.

– Russ Bradford não fica na coleira de ninguém. Faz sempre o que quer e nunca vai se estabelecer. – A realidade daquela afirmação a deprimiu.

– Ah, não sei, não – disse Sara com um delicado tom de zombaria. – Para um homem que nunca vai se assentar, parece gostar muito de crianças. – Fez um movimento de cabeça indicando o grupo de crianças que cercava Russ.

Carly o olhou, seu cabelo vermelho reluzindo ao sol, sua risada convidando todos que a ouvissem a se juntar a ele. Ele ergueu um menino no ar e o segurou como se fosse um avião. Eles fizeram sons de turbinas juntos até que uma pequena menina puxasse a perna dele. Russ deu um abraço no menino e o colocou no chão. Pegou a menininha e a girou, fazendo o comprido cabelo loiro dela voar.

Se algum dia encontrasse uma mulher que fosse capaz de amar, Russ seria um pai maravilhoso. Carly sentiu um forte aperto em torno de seu coração. Um indescritível desejo a dominou. Por um segundo, desejou poder ser essa mulher, a que o amaria e jamais o abandonaria. O sentimento a afetou até a alma.

– Não tem jeito – sussurrou, mais para si do que para qualquer outra pessoa.

– O quê? – Sara a olhou, confusa.

Carly balançou a cabeça, tentando clareá-la.

– Nada. Faça o favor de irritar Daniel um pouco. Vai ser divertido para você e talvez isso o distraia. Ele está devendo pela declaração arrogante que fez a seu respeito.

Sara inclinou a cabeça pensativamente.

– Não que eu vá irritar o seu irmão de propósito – disse depois de uma longa pausa. – Mas o que você acha que o irritaria?

– Ah, isso é fácil. É só dizer que você admira muito a habilidade atlética dele e, depois, falar que tem sorte de não precisar do intelecto para ter sucesso. – Carly lançou um significativo olhar para Sara. – Daniel é o mais velho. Então, acha que sabe tudo. Isso vai enlouquecê-lo. Só não deixe de sorrir quando falar isso.

– Você é diabólica.

– Sou um anjo comparada com meus irmãos – disse, fazendo um movimento com a cabeça indicando Russ, que gesticulava, chamando-a para que fosse na direção do riacho. – Vejo você depois. Está na hora do cabo de guerra.

Ela foi saltitando até ele.

– Quem está na nossa equipe?



– Butch Hollingsworth vai ficar na frente. Eu fico na retaguarda.

Carly assentiu.

– Eu só queria saber se devo me preparar para me molhar.

Russ levou uma das mãos ao quadril.

– Você não precisaria se preocupar com isso se deixasse de lado a regra de não tocar. Eu poderia evitar que você caísse.

– Vou arriscar a água – disse Carly de forma arisca. – Vou acabar me secando depois.

– Está dizendo que o meu toque deixaria uma marca permanente?

Carly quase desabou. Tentou pensar numa resposta sagaz. Como nenhuma lhe veio à mente, foi na frente dele e assumiu sua posição na fila de participantes.

Russ chegou por trás dela. Carly sentiu o calor da respiração dele em sua cabeça. Ela estremeceu.

– Você não respondeu à minha pergunta – disse numa voz baixa perto da orelha dela.

Por um instante, Carly se sentiu cansada daquele joguinho que eles estavam fazendo. Virou-se de frente para ele.

– Talvez o seu toque deixasse uma marca permanente em mim, mas isso não afetaria você. Não estou mais interessada em usar um peso e duas medidas. Meus irmãos sempre tiveram um conjunto de regras para mim e outro para si próprios.

– Não sou seu irmão.

– Eu sei, mas acho que tenho respeito por mim suficiente para não querer ser apenas outra mulher na sua longa lista de conquistas.

– O que faz você pensar que seria apenas outra mulher?

A expressão dele estava séria. As linhas esculpidas em torno de seus olhos não tinham se enrugado com humor. O maxilar dele estava contraído. O coração de Carly acelerou. Tolo coração, censurou ela, por acreditar num homem cujo coração era mais protegido do que ouro de Fort Knox.

– Isso é loucura.

Russ abriu a boca para refutar no exato instante em que Butch Hollingsworth gritou para que todos segurassem a corda. Carly deu meia-

volta e agarrou a corda com força. Olhou de relance para a outra equipe e percebeu que Gordon, o Alce, era o líder deles. Carly olhou para o riacho e fez uma expressão de dor.

– Você não me falou do Alce – disse por cima do ombro. – Quem mais está na equipe deles?

– O quarterback do colégio e Bertha Collins.

Ótimo. Bertha era a campeã local de queda de braço. Vencia a maioria dos homens. Carly inspirou fundo e se preparou para um gelado choque.

– Ainda há tempo de quebrar a regra de não tocar. Eu puxo você de volta. Não deixo você cair.

Ele a estava tentando. Os braços de Russ eram muitos mais atraentes do que um nada digno mergulho no riacho. Carly balançou a cabeça.

– Não, obrigada.

– Vou fazer você acreditar, Carly.

Ela engoliu em seco. A simples afirmação dele causou uma onda de empolgação e medo. Ouvia-se um grito, e a corda foi puxada. Carly ouviu o grunhido de esforço de Russ e puxou com toda a sua força.

Ganhou alguns centímetros de vantagem e, em seguida, perdeu-os num piscar de olhos. Butch soltou um palavrão. Sua esposa o olhou de cara feia, e ele xingou novamente. A equipe perdeu mais vários centímetros. Carly se sentia mais impotente a cada vez que eles eram puxados para a frente.

Ela abaixou a cabeça e cravou os calcanhares no chão. Eles foram puxados ainda mais, e veio o som de algo caindo no riacho, seguido por outro. Um grito de vitória veio do outro lado. Alguns segundos depois, ela viu o homem diante dela cair.

Um puxão na corda tirou o equilíbrio, e Carly mergulhou na água fria. O choque contra sua pele aquecida roubou o fôlego de seus pulmões. A água entrou em sua camisa e seu short. Ela se sentou no instante em que Russ fez um escorregadio pouso forçado com muito mais graciosidade. Molhou apenas seus tênis.

Os espectadores assoviaram e vibravam. Cambaleando, Carly se levantou. Jogou o cabelo para trás e percebeu que até ele estava molhado. Ergueu o olhar para Russ, cobiçando sua relativa secura.

– Exibido.

Russ plantou um inocente sorriso no rosto e levantou as mãos.

– Nada de tocar.

CARLY SE afogou no trabalho na semana seguinte. Quando o sábado chegou, já estava acabada. Os agentes de viagem chegaram, e não se economizou em nada. O bufê estava perfeito. Os garçons erraram apenas algumas notas e encantaram totalmente o público. Os irmãos dela estavam lindos e cordiais. Sara mantinha tudo em ordem, desaparecendo nos bastidores quando necessário.

Os agentes de viagem foram embora com promessas de que enviariam seus clientes para ela. Carly sorriu até suas bochechas doerem e se retirou para detrás do bar. Seus pés a estavam matando. Eram aqueles malditos saltos.

– Nunca mais – resmungou para seus pobres e sofridos pés ao se descalçar. Apenas Daniel, Sara e os garçons permaneciam. O rosto preocupado de Russ lampejou na mente de Carly. Seu coração acelerou, e ela se flagrou desejando ter pedido a presença dele ali. Apoiou o rosto nas mãos e questionou seriamente sua sanidade.

Carly não sabia explicar por que se sentia prestes a chorar. Russ dera um incrível apoio, ligando todos os dias. De alguma forma, conseguira trilhar aquele delicado caminho entre a preocupação e a interferência. Passara para vê-la duas vezes e obedecera à regra de não tocar. Estranhamente, o comedimento dele a deixara com uma sensação de perda.

– Carly – disse Daniel em voz baixa.

Ela levantou a cabeça.

– Sim?

– Não sei bem o que Sara está fazendo. Assumi completamente o comando dos garçons.

O irmão dela estava com uma expressão de perplexa irritação. Carly sorriu.

– Eu pedi que assumisse o comando. Estou acabada. É muito eficiente, não é?

– É – disse, ressentido.

– E tem um adorável efeito calmante sobre as pessoas. Não concorda?

Ele mudou de posição e enfiou a mão no bolso.

– É.

Contendo sua vontade de rir de alegria, Carly observou seu desconcertado irmão. Soltou uma leve risada.

Daniel a olhou, suspeitando.

– O que foi?

– Ah, nada – disse num leve tom. – Sara parece tão reservada. Fiquei surpresa quando me deu estes catálogos cheios de lingerie sexy. Deve deixar toda essa loucura bastante escondida.

Daniel pigarreou.

– Lingerie?

Carly assentiu.

– Tudo. Renda, cetim, seda. Vermelha, preta, transparente. – Riu novamente. – Os homens devem sentir essa tendência sensual dela. Alguns daqueles agentes de viagem pediram o telefone dela.

– Pediram? – Daniel franziu o cenho.

Carly não estava blefando. Perguntara a si se Sara não teria desaparecido para a cozinha por causa, em parte, da atenção masculina extra que fora dada. A sensação de alegria se dissolveu.

– Sim, mas o marido de Sara morreu num acidente faz alguns anos. Acha que não está pronta para outro homem. Vai precisar ser alguém muito especial para fazer com que se abra novamente.

Daniel pareceu pensativo.

– Eu jamais teria imaginado.

Subitamente, o cansaço de Carly a dominou. Depois de se calçar, ela se levantou e chegou a sentir o mundo girar.

– Acho que preciso ir para a cama. Pode fechar tudo?

– Claro. Quer uma carona?

Carly balançou a cabeça.

– Não. Não é longe. Obrigada por ter ajudado hoje. – Ela se esticou para dar um beijo no rosto dele. – Vejo você depois.

Percorrendo a passos cansados a distância até seu carro, planejou um calmante banho e uma taça de vinho. Nuvens cobriam as estrelas e a lua. Fez uma anotação mental para acrescentar outro holofote ao tropeçar numa grande pedra. O cheiro da iminente chuva estava suspenso no ar. Carly bocejou e se espreguiçou. Em seguida, curvou-se para destrancar seu carro.

Ouviu o som do cascalho sendo pisado atrás de si e se virou rapidamente. Um lençol foi jogado por cima dela, e foi erguida no ar. Durante vários imobilizadores segundos, um grito ficou travado em sua garganta. Tentou respirar fundo e acabou sugando o lençol.

Carly tossiu e se engasgou, e um choramingado abafado saiu de sua boca. O terror fez seu coração disparar quando braços fortes a puseram em algum lugar. Então, ouviu uma porta bater.

Imediatamente, começou a lutar contra o pesado lençol que a cobria.

– Ai, meu Deus! – Estava sendo sequestrada! O lençol parecia interminável. Quanto mais lutava, mais presa ficava. A histeria travou a garganta dela quando Carly ouviu outra porta se abrir e se fechar. O motor foi ligado, e o carro avançou.

Carly socou loucamente, acertando algo duro. Ouviu um ríspido palavrão e continuou batendo, mesmo quando o veículo parou do nada. Era um homem, e estava dizendo algo, mas Carly estava frenética demais para ouvir. Seus ombros foram agarrados.

– Carly!

Ela parou. A voz dele soava muito familiar.

– Sossegue. Sou eu, Russ. Ninguém vai machucar você.

Ela quase desmaiou de alívio.

– Ah, graças a Deus – murmurou, ainda tentando recuperar o fôlego. Então, deu-se conta do que fizera, e uma explosão de raiva a atingiu fortemente. – O que você pensa que está fazendo? Quase me matou de medo. Tire este lençol de mim antes que eu sufoque, seu... seu idiota.

Quando não reagiu, ela berrou:

– Agora!

Nada convencido, Russ falou:

– Você precisa me prometer que vai ficar sentada aí como uma humana civilizada e parar de me bater enquanto eu estiver dirigindo.

– Civilizada? Depois de você ter me sequestrado? Prometer? – A voz dela subiu uma oitava. – A única coisa que vou prometer a você, Russ Bradford, é a morte certa se não tirar isto de cima de mim.

Russ suspirou e prendeu o cinto de segurança dela.

– Acho que você vai ficar com o lençol durante mais um tempo, então. – Ele engrenou o carro e voltou a dirigir.

Carly estava irada. Estava ficando abafado ali, e havia gotículas de perspiração em sua testa.

– Você enlouqueceu? O que está fazendo?

– Estou levando você para casa – disse calmamente. – Vou servir uma taça de vinho que você pode beber enquanto toma banho na minha banheira de hidromassagem. Depois, vou levar você para a minha cama.

O coração de Carly bateu com força contra suas costelas.

– Não posso dormir com você, Russ. E a regra de não tocar?

– Você não vai dormir comigo. Vou ficar numa cama de hóspede hoje.

Um filete de decepção a invadiu e afastou aquela sensação.

– Você tocou em mim quando me pôs à força nesta picape – acusou.

– Toquei num lençol – corrigiu de forma seca. – Se eu fosse tocar em você, pode ter certeza de que eu não permitiria que houvesse nenhum lençol entre nós.

– Russ, estou morrendo de calor debaixo deste lençol. Por favor, tire para podermos ter uma conversa racional.

– Você vai agir civilizadamente?

Carly cerrou os dentes.

– Sim.

Ele parou novamente a picape, puxou o lençol dela e o jogou para detrás do banco. Estendeu a mão para arrumar o cabelo dela, mas parou no meio do movimento. Abriu um tenso sorriso.

– Você está bem?

Era tão bom vê-lo, ver o calor nos olhos dele e ouvir aquela voz, que ela quase disse que sim. Seu cérebro devia ter sofrido com a falta de oxigênio

quando estava debaixo daquele maldito lençol, pensou Carly, franzindo o cenho.

– Não. Estou cansada. Meus pés estão doendo. E quero ficar na minha própria cama.

O olhar de Russ a percorreu da cabeça aos pés. Ele olhou fixamente para os pés dela.

– Sapatos novos?

Carly ficou feliz pela escuridão que ocultava seu rosto corado. Com o lençol e o olhar de Russ, devia estar roxa como uma beterraba.

– Sim. Nunca mais vou usá-los. Eu sabia que tinha um motivo para eu não usar saltos altos.

– Gosto deles.

Ela dobrou os dedos dos pés.

– Eu, não.

– Se seus pés estão doendo tanto assim, posso massageá-los para você – ofereceu graciosamente.

A imagem das mãos dele nos pés dela fez todo o corpo de Carly formigar.

– Não. Quero que você me leve para casa.

– Não posso fazer isso. – Ele olhou rapidamente para o rosto dela e acelerou a picape.

– Russ, não estou gostando disso. É chauvinista e machista. Você está me tratando como se eu fosse algum tipo de concubina.

Russ riu.

– Se você fosse minha concubina, não teria um emprego, nem seu apartamento. Você dedicaria toda a sua vida a me agradar. Por mais que essa ideia me intrigue, sei que você não é desse tipo de mulher. Parte do motivo para você me agradar é o fato de você ser tão independente.

Carly se recostou no banco. Precisava pensar naquilo.

– É chauvinista. Você está tentando tomar todas as minhas decisões por mim.

– Não estou. Você pode escolher o vinho que quiser. E tenho três camisetas diferentes para você escolher quando for para a cama.

– Não estou gostando disso.

Ele virou na entrada de carros de sua casa.

– Quando a segunda-feira chegar, já estará gostando.

– Segunda-feira?! – disse, perplexa. Não sabia o que a incomodava mais, duas noites com Russ ou um dia longe do trabalho. – Você sabe o que estou tentando fazer neste verão. Não posso tirar um dia inteiro de folga.

– Você não tem nenhum cruzeiro amanhã. E estão dizendo que vai chover. Vai ser um dia perfeito para você descansar um pouco.

– Vai ser um dia perfeito para fazer minha contabilidade.

Russ parou o carro.

– A hidromassagem está pronta.

Carly suspirou, sentindo-se mais cansada do que nunca em sua vida.

– Russ, você não devia ter feito isso.

Ele balançou a cabeça.

– Precisei fazer. Você vai se matar de tanto trabalhar. – Ele parou por um momento, esfregando a própria boca. – É isso que amigos fazem uns pelos outros. Você precisa descansar e dar um tempo dos seus livros de contabilidade e seu telefone. Precisa estar num lugar onde não sinta que precisa cozinhar e limpar. Precisa de alguém para cuidar de você. – Ele levantou a mão para a resposta dela. – Só por um tempo. E sou seu amigo. Sendo assim, vou fazer isso. Depois, você pode voltar para a batalha.

Os argumentos dela se desintegraram. Russ fazia a ideia de ficar na casa dele ganhar um grande apelo, quase irresistível. Carly se sentia tanto vulnerável quanto segura. Observou enquanto saía da picape, contornava o veículo e abria a porta dela. Ficou parado ali, esperando, uma das mãos na porta, a outra no quadril coberto pelo jeans, de olhos indecifráveis.

Carly hesitou. Se insistisse, ele a levaria de volta para casa. Contudo, estava emocional e fisicamente esgotada e, se fosse honesta consigo mesma, admitiria que não havia nenhum outro lugar onde preferisse estar naquele momento que não fosse com Russ Bradford. Carly desligou seus processos mentais. As implicações de seus pensamentos eram perturbadoras demais, e havia um banho na hidromassagem a esperá-la.



## Capítulo 6

---

---

SE AQUELA era a ideia dele de amizade, Carly detestaria saber o que seria uma sedução total. O leve perfume floral que Russ acrescentara ao banho provocava as narinas dela. Carly deu outro gole no vinho e se levantou relutantemente da água, que girava. Russ avisara para não dormir dentro da banheira, ou precisaria tirá-la de lá. Ela riu. Como poderia tirá-la de lá e ainda obedecer à regra de não tocar? Carly se sentiu tonta e lânguida.

– Seu lugar é na cama – disse seriamente a seu embaçado reflexo.

O banheiro dele era um refúgio de mármore branco e jade. Carly pisou no macio tapete. Cercada por espelhos, vislumbrou sua pele cor de pêssego e molhada e a olhou fixamente. Por um instante, imaginou Russ a vendo daquele jeito. Seus seios pareciam fartos. Os mamilos estavam contraídos. Lambeu os lábios. A ação era tão provocadora que Carly fechou os olhos.

O mundo girou, e ela riu. O som ecoou levemente pelas paredes. Não devia ter tomado o vinho, percebeu Carly. Suspirando, se secou com a toalha e vestiu o robe azul-escuro de Russ ao entrar no quarto dele.

A decoração combinava tons sutis de jade e cinza para criar um efeito acolhedor. Uma comprida cômoda de carvalho com produtos higiênicos masculinos e dinheiro trocado ficava numa das paredes do grande quarto. Um pesado armário de carvalho ocupava outra parede. O criado-mudo, do mesmo conjunto, continha um abajur que emitia uma leve luz e um livro.

Curiosa, Carly olhou o nome do autor. Stephen King. Balançou a cabeça. Aquilo era garantia de pesadelos.

Uma tela impressa de P. Buckley Moss, exibindo uma jovem família acomodada diante de uma crepitante lareira, pendia sobre a cama dele. A domesticidade da imagem a deixou desconfortável. Ouviu uma batida na porta e se virou. Seu coração bateu mais rápido. Puxando o robe com mais força em torno de si, falou:

– Entre.

Russ abriu a porta.

– Tudo bem?

– Claro. Só estou dando uma olhada. Acho que não tinha visto este quarto desde que você o remodelou.

Russ sorriu.

– Eu teria ficado feliz em mostrá-lo a você.

Carly se virou de costas e finalmente olhou para a cama dele. A cama que Russ compartilhara com várias outras mulheres. Sentiu seu estômago se contrair.

– Acho que você andou ocupado, mostrando a outras mulheres nos últimos anos.

Ela sentiu Russ se aproximando por trás.

– Não aqui, Carly – corrigiu tranquilamente.

Um alívio inexplicável, mas ilimitado, percorreu-a por completo.

– É um quadro lindo – disse por fim, para acobertar suas instáveis emoções. – Eu não sabia que você gostava dessa artista.

Russ mudou de posição, semicerrando os olhos.

– O que você esperava?

Carly deu de ombros.

– Não sei. Nada tão... tão familiar.

– Talvez uma foto gigante de uma mulher nua?

– Não? – Ergueu uma das sobrancelhas.

A expressão dele se alterou mais rápido que um piscar de olhos. Seu olhar recaiu sobre Carly lentamente, não deixando de perceber nada. Sentiu o escaldante caminho dos olhos deles e inspirou rapidamente.

– Não preciso de fotos. – Pigarreou roucamente e foi até a cama, gesticulando para as roupas de dormir que deixara para ela.

Carly olhou para o conjunto.

– Você mentiu. Não são três camisas.

Russ abriu um meio sorriso.

– Pode me processar. Qual delas você vai vestir? Esta? É da cor dos seus olhos. – Ao ver as grandes e rígidas mãos dele envolvendo a blusa de seda violeta, Carly teve uma trovejante sensação em seu abdômen. – E esta? – Ele levantou uma camisola cor de pêssego. – Sua pele fica desta cor quando você cora. – Ele passou os dedos pelo corpete de renda.

Fraca, Carly afundou na cama.

– Hã... – disse, vencendo o imenso embargo em sua garganta. Pegou a camisa de uniforme de futebol americano, limpa, ainda que bem surrada, da University of Tennessee da cama. – Acho que esta vai servir muito bem.

Russ deu uma última e demorada olhada para as delicadas peças e deixou que deslizassem de seus dedos. Então, virou-se para o uniforme.

– Usei este na minha última temporada na UT. – Ele pôs as mãos nos quadris e balançou a cabeça, seus olhos cheios de lembranças. – Já saiu um litro de suor meu desta camisa. Quando vencemos a Geórgia, um running back me deu banho de champanhe. Minha mãe conseguiu tirar a mancha, mas tem uma de sangue que vai ficar para sempre. – Russ ficou sério. – Foi quando meu pai morreu. Dei um soco num armário.

Carly o olhou, sentindo uma poderosa conexão, um instante de profunda e mútua compreensão. Os dois tinham vivenciado o luto, mas jamais o tinham compartilhado um com o outro. Durante aquele efêmero momento, a parte mais particular da mente dele encontrou e se fundiu com a dela.

Então, Russ pareceu se lembrar de que estava violando sua própria regra a respeito de manter pensamentos mais profundos para si mesmo. Soltou uma desconfortável risada e deixou seu tom deliberadamente mais leve.

– Aposto que você mal pode esperar para vesti-lo agora, com todo o sangue e suor.

Ela apertou o desbotado tecido amarelo e o levou ao rosto.

– Está com cheiro de amaciante de roupas – disse no mesmo tom leve, pois o momento parecia incrivelmente íntimo. Carly não conseguia identificar o que estava sentindo. Eram sentimentos fortes demais, turbulentos demais.

Russ olhou com aprovação para ela em sua cama, aninhando o uniforme dele contra o pescoço e o peito. Ele desejou estar dentro daquele uniforme.

– Tenho que deixar você dormir um pouco – disse relutantemente. – Você precisa de alguma coisa?

Ele a viu balançar lentamente a cabeça. O olhar de Carly permaneceu fixo nele enquanto recuava na direção da porta. Era melhor ir embora logo. Vê-la em sua cama era quase mais do que poderia suportar. A iniciativa, porém, precisava vir de Carly, sabia disso.

Russ pigarreou.

– Boa noite. Avise se... – A voz dele desapareceu.

– ...precisar de alguma coisa. – Ela assentiu. – Eu aviso.

Russ fechou a porta e foi para o armário de bebidas.

– Isso é loucura – sussurrou Carly para si depois que ele saiu. A situação era impossível. Se tivesse um pouco de bom senso, vestiria suas roupas e exigiria que Russ a levasse para casa. Contudo, Carly sabia que ela própria não tinha nenhuma intenção de fazer isso. A alternativa mais sensata depois dessa seria vestir o velho uniforme, ir para a cama, desligar a luz e dormir.

Carly tirou o robe e vestiu o uniforme sobre a cabeça. Parada de pé no meio do carpete, ela se sentiu completamente cercada. O quarto era dele, a cama era dele, o uniforme era dele. E seria impossível sentir menos sono.

Descansar?! Quem conseguiria descansar? Russ Bradford era uma dose pura de adrenalina em seu sistema. O corpo de Carly vibrava e ardia com uma indesejada inquietação. Ela passou os dedos pelo cabelo, frustrada. Talvez pudesse dar algumas voltas correndo em torno da casa dele. Talvez pudesse usar a sala de musculação dele. *Talvez devesse tomar uma ducha fria.*

Carly grunhiu. Não sabia ao certo o que acontecera, mas algo dentro dela mudara. Algo se abrandara e cedera. A questão de fazer amor com Russ já não era mais de se. Era de quando. O desejo que sentia por ele era forte

como uma corrente de retorno do mar, puxando-a implacavelmente cada vez para mais longe da segurança da terra firme. Carly fechou os olhos. Podia apenas torcer para encontrar um jeito de voltar depois que as ondas arrebetassem.

A decisão estava tomada, percebeu. Tentou inspirar fundo, mas o ar pareceu ficar preso em sua garganta. Tocou as próprias faces e flagrou sua pele ardendo, como se tivesse passado tempo demais ao sol. Sentiu um frio de expectativa na barriga. A única coisa com que podia comparar aquilo era o nervosismo e a empolgação que sentira antes de fazer um resumo oral sobre um livro na escola primária.

No entanto, não era mais uma garotinha. Era uma mulher cheia de necessidade e desejo por um homem que estava pronto e disposto a levá-la a lugares onde ela jamais estivera. Carly abriu os olhos, e seu olhar se fixou nos sapatos de salto alto que descartara mais cedo. Antes que perdesse a coragem, ela os calçou e começou a andar.

– UM GRANDE erro, amigo – resmungou Russ para si mesmo. Olhou fixamente para o segundo copo de uísque e balançou a cabeça. O primeiro não adiantara de nada. Aquela ideia fora um grande erro. Pensar em Carly em sua cama e sem ele fazia seu corpo berrar de revolta. Ele devia estar com ela, tocando-a e aprendendo o prazer dela e ensinando a respeito do dele. Em vez disso, estava sentado à mesa de sua cozinha, tentando subjugar uma libido que teria humilhado a maioria dos adolescentes do sexo masculino.

Ele devia ser internado no sanatório do condado de Beulah. Se as coisas não mudassem logo, achava que acabaria sendo.

Deu outro gole e soltou uma sibilante respiração ao sentir o forte e amargo sabor. Então, ouvindo um som, virou a cabeça, e seu coração quase parou por completo.

O uniforme terminava no meio das coxas, exibindo as longas e sedosas pernas dela para o olhar dele. Nos pés dela, estavam os sapatos de salto. Russ piscou para se certificar de que não estava delirando. Sim, estava usando os sapatos de salto.

Carly uniu as mãos diante de si. Estava mordendo o lábio inferior, e seus olhos era imensas piscinas violeta de incerteza e desejo.

– Eu... hã... não estava conseguindo dormir – disse com a voz rouca.

Russ não conseguiu evitar. Seu olhar não parava de retornar para os saltos. E pelo significado de os estar usando. Ele pigarreou.

– Eu também não estava.

Carly avançou até parar diretamente diante dele. Curvando-se, tocou a borda do copo dele.

– V-V-Você não p-precisa disto. – Levantou subitamente a mão para cobrir a boca.

A leve gagueira o abalou. Russ viu os olhos dela se encherem de pânico. Estava envergonha, percebeu, e parecia pronta para sair correndo. Num único e rápido movimento, ele se levantou e levou as mãos até ela. Então, parou, deixando-as suspensas a um milímetro da pele de Carly. Abriu um tenso sorriso.

– Nada de tocar.

As pálpebras dela baixaram, ocultando sua expressão. Então, erguendo muito lentamente a mão até ele, uniu palma com palma, polegar com polegar, dedos com dedos. Perplexo, ele a observou. Nem um terremoto o teria abalado mais do que a sensação dos aveludados lábios dela. O coração de Russ martelou fortemente contra seu peito.

Incapaz de esperar mais um segundo sequer, ele a puxou contra si.

– Tem certeza? – perguntou, rezando para que ela não mudasse de ideia.

– Absoluta, mas não tenho nenhum... Quero dizer, não trouxe nada...

Russ a abraçou e beijou o cabelo dela.

– Vou cuidar disso. – Afastou-a de si e a olhou. – Vou cuidar de você.

– Eu nunca, você sabe, fiz... – A voz dela desapareceu, e Carly engoliu em seco.

– Eu sei. Vai ficar tudo bem. – Ele afastou o bagunçado cabelo dela. – Eu prometo. – Então, Russ enganchou um dos braços debaixo das pernas dela e a levantou.

Pega de surpresa pelo gesto de cavalheirismo, procurou a própria voz.

– Isso faz parte da programação?

Russ balançou lentamente a cabeça.

– Tudo será novidade esta noite.

Ele baixou a cabeça e a beijou. O recinto girou como um caleidoscópio, e, antes que Carly se desse conta, ela estava caindo na grande cama do quarto dele. Quicou contra a macia colcha. Um entretido sorriso começou dentro dela e se alastrou para seus lábios.

Russ estava de pé, assomando diante dela, desabotoando a camisa e sorrindo para Carly. Prendeu um dos tornozelos dela em sua mão. Usando apenas o dedo indicador, tirou um dos sapatos de salto. Deixou-o pendurado em seu dedo durante um momento antes de permitir que caísse ao chão.

O coração de Carly estava a mil por hora; ainda assim, ela não conseguiu impedir a alegre risada que se formou em sua garganta.

– Pensei que você quisesse que eu ficasse com eles.

Em resposta, Russ riu. Um som profundo e malicioso.

– Achei que você fosse ficar enlouquecida de paixão e que eu acabaria com as costas furadas. – Ele passou um dos dedos pela sola nua do pé dela.

Carly curvou os dedos do pé.

– Bem-pensado. Eu iria... – Inspirou fundo quando levou o pé dela a seus lábios e mordiscou o dedo maior. Todos os pensamentos racionais escaparam da mente dela.

– Sim? – perguntou ao descartar o outro sapato e começar a dar igual atenção ao outro pé.

Carly se contorceu sob o entretido e malicioso olhar dele.

– Sim? – repetiu.

– Você ia dizer algo. – O joelho dele se cravou na colcha quando se curvou à frente e passou as rígidas palmas pelas panturrilhas dela, passando pelo joelho, indo até a parte inferior da coxa.

– Ia? – Carly balançou a cabeça para clarear seus pensamentos, mas a bruma sensual permanecia.

Russ riu novamente. Então, curvou-se para beijá-la. Todos os beijos e toques dele ao longo das últimas semanas, cada provocante comentário, e as vezes que dissera que a desejava a tinham deixado fervendo durante

semanas. Fervendo e insatisfeita. Sedenta e ávida, acolheu a boca e a língua exploradoras dele. Depois do leve movimento de sucção dele, Carly o puxou mais para dentro de sua boca.

Quando Russ tentou abrandar suas carícias, ela passou os dedos pelo cabelo dele e o puxou para perto. Ele grunhiu e inclinou a boca contra a dela vorazmente, como se não conseguisse se satisfazer dela. A brincadeira que temperara a paixão desapareceu. Agora, havia apenas um desejo ardente e agressivo.

Ele puxou sua boca da dela e a repousou contra o ombro de Carly, a respiração instável.

– Preciso ir devagar – murmurou. – Devagar e com calma. – Ele parecia estar orientando a si mesmo.

Carly balançou a cabeça.

– Não – sussurrou, arfante. Já não conseguia mais brincar. A comoção dentro dela estava chegando à beira do prazer e da excitação incontrolável. – Não quero que seja devagar e com calma. Quero você.

– Ah, Deus. – Ele levantou a cabeça e olhou nos olhos dela. – Você não sabe o que está dizendo.

Com um inequívoco instinto feminino, Carly sabia que meias ações não serviriam. Subitamente, tornou-se essencial que se entregasse a Russ como jamais se entregara antes. Despudorada e um pouco desesperada, ergueu o corpo e deslizou lentamente a língua em torno dos úmidos lábios dele.

– Sendo assim, acho que você vai ter que me ensinar.

Russ fechou os olhos e apertou sua pegada nos ombros dela. Seu grande corpo estremeceu.

Mudando levemente de posição, Carly levantou um dos joelhos para aninhar Russ entre suas coxas. Sentiu a excitação dele e se moveu, uma única vez, contra ele. Russ abriu os olhos, e o coração de Carly disparou com a expressão dele. Seu rosto estava tenso, e seus olhos castanhos a escaldavam com uma pura sede masculina.

Ele investiu à frente contra a úmida feminilidade dela, coberta pela seda, revelando toda a força e a consequência de sua determinação. A boca de



Carly secou. Seu corpo ardia, fervoroso e febril, de dentro para fora. Ainda assim, pareceu hesitar.

– Russ – disse, vencendo o embargo em sua garganta –, por que ainda estamos vestidos? – Então, com mãos trêmulas, Carly empurrou a camisa desabotoada dos ombros dele.

Russ tirou o uniforme dela. Enquanto a beijava, Carly entrelaçou os dedos nos macios e encaracolados pelos do peito dele. Deslizou as mãos sobre seus músculos definidos. Passou a unhas sobre um dos contraídos mamilos e sentiu Russ arfar contra seu pescoço. A calcinha dela desapareceu logo em seguida.

Num rápido movimento, tirou o jeans e afastou ainda mais as coxas dela para acomodá-lo. Carly se preparou para ele, mas Russ a tentou com a íntima proximidade.

Com lábios, língua e dentes, ele a provocava, distraíndo-a. No instante em que pensou que terminara, sugou um dos intumescidos mamilos para dentro da boca. Ao mesmo tempo, sua mão viajou com uma lenta precisão até o centro molhado e latejante dela.

Carly arfou e gemeu.

Mas Russ ainda não tinha terminado. Enquanto acariciava o pequeno ponto de feminilidade dela, deslizou um dos dedos para dentro de Carly. Uma insuportável contração ocorreu dentro dela. Carly arqueou o corpo para cima, contra a mão dele, contra seu peito.

– Está tudo bem – murmurou Russ.

Mas não estava. Sob as mãos e a boca dele, Carly pairava sobre um extremo limite de desejo avassalador. Lágrimas chegaram a seus olhos. Seus dedos se fecharam nos largos ombros dele em movimentos agitados.

– Russ!

Ele parou imediatamente.

– Estou machucando você?

Carly poderia ter chorado.

– Não. Sim. – O desejo não satisfeito ameaçava transformá-la em cinzas. – Não me deixe assim. – Ela se contorceu contra ele.

– Ah, querida, não vou deixar. – Ele a beijou. Então, recuou por um rápido momento para protegê-la. – Ponha as pernas em volta da minha cintura – murmurou no ouvido dela.

Carly obedeceu, sentindo remotamente o leve brilho de perspiração na pele dele, ouvindo a significativa rouquidão na voz de Russ. O corpo dele estava tenso e rígido contra o dela. Ele sondou sua entrada com sua ferrenha masculinidade.

Ela olhou o rosto dele, uma máscara de desejo seriamente controlado, e quis satisfazê-lo, liberá-lo daquele tormento. Moveu-se contra ele, buscando, acolhendo.

Russ cerrou os dentes.

– Não se mexa.

– Por quê?

Ele sussurrou um palavrão.

– Simplesmente não se mexa.

Carly não obedeceu. Arqueou o corpo, puxando-o para dentro.

– Ah, Deus – murmurou. – Desculpe. – Então, investiu profundamente para dentro dela.

Carly arfou. Sentiu uma ardência no corpo, o protesto contra a íntima invasão. Os dois ficaram imóveis. A respiração de Russ estava pesada.

Depois de um longo momento, levantou a cabeça.

– Você está bem?

Carly não respondeu imediatamente. Em vez disso, remexeu-se de forma experimental.

Russ grunhiu, olhando nos olhos violeta profundos dela. Os lábios de Carly estavam provocantemente inchados dos beijos dele. Seus seios estavam pontiagudos contra o peito dele. As coxas envolviam a cintura de Russ como uma corrente de seda. Ele não conseguia se lembrar de já ter sentido um desejo como aquele. Queria o corpo, a mente, o coração dela. Uma posse completa. Nada além disso serviria. Se isso era possível, ficou ainda mais rígido. O ímpeto de investir sem parar para dentro dela ficava mais forte a cada segundo.

– Você está bem?

Carly se contorceu novamente, o movimento o levando para mais dentro dela e esgotando a reserva mental dele.

– Eu quero... – A voz dela desapareceu quando Russ esfregou um dos dedos no ponto sensibilizado dela. – Eu... só quero... mais de você – sussurrou de forma instável.

A carência feminina dela apunhalou o coração dele e acabou com seu controle. Russ investiu na direção dela. As paredes femininas de Carly o seguraram enquanto observava com terna fascinação o movimento de seu persistente dedo lançar Carly ao êxtase.

Ela enrijeceu, e seus pequenos tremores internos precipitaram os dele. Russ soltou um rouco rosnado de posse quando chegou ao ápice e desabou num infinito poço de liberação.

Momentos depois, Russ estava deitado ao lado de Carly, olhando-a fixamente, fascinado. Sentia-se como se tivesse acabado de andar na montanha-russa mais rápida do mundo, e seu corpo vibrava com a sensação. As emoções dele estavam um caos. Sua mente girava em círculos. E não era uma mulher experiente a responsável por seu estado de perplexidade, percebeu, maravilhado. *Era sua pequena vizinha virgem, Carly Pendleton.*

Ao contrário de suas outras experiências com sexo, Russ não tinha nenhuma vontade de abandonar sua amante. Descobriu que queria acariciar o cabelo dela, aninhá-la, conversar tranquilamente com ela.

Seguindo sua inclinação, levou a mão ao cabelo bagunçado dela.

– Carly – sussurrou.

Não houve resposta.

– Carly. – Ele levantou o corpo para olhá-la. Estava virada para o outro lado. Seus lábios estavam sensualmente inchados. Sua palma aberta repousava contra o rosto dela num gesto de vulnerabilidade. Ele a empurrou levemente uma última vez, sem resultado. Os olhos de Carly permaneciam teimosamente fechados, e sua respiração, estável. A selvagem amante de Russ estava dormindo como um bebê.

NA MANHÃ seguinte, Carly acordou com o cheiro de bacon fritando. A chuva batia no telhado num ritmo hipnotizante. Era um dia perfeito para ficar na

cama, pensou, grogue. Aconchegou-se mais profundamente debaixo das cobertas.

Uma voz masculina cantarolou “Tennessee Waltz”. Os olhos de Carly se abriram. Ela se sentou imediatamente na cama. Na cama de Russ, percebeu com uma estranha sensação no fundo de seu estômago. Olhou debaixo das cobertas para seu corpo, que tinha várias marcas de arranhões de barba por fazer em lugares incriminadores. Então, saiu rapidamente da cama.

Carly não esperara que o sexo com Russ fosse tão avassalador, tão apaixonado. Não esperara implorar. Fez uma careta para a lembrança. Ela não sabia exatamente como se sentia, muito menos como agir naquela manhã.

– Oi, Carly – chamou Russ do corredor.

Ela baixou o olhar para seu corpo nu e correu para o banheiro.

– Vou sair depois de tomar banho – gritou, fechando a porta. Abrindo totalmente a água, decidiu apresentar uma atitude mais sofisticada e mundana quando encarasse Russ.

Dez minutos depois, juntou-se a ele à mesa.

– Está parecendo ótimo. Estou morrendo de fome. – Ela apertou a faixa do robe emprestado até quase se sufocar e sorriu para ele.

– Ótimo – falou Russ, e deu prontamente um firme beijo na boca de Carly. – Você também está com uma aparência ótima, na minha cozinha, usando meu robe, na minha cama.

O uso repetido do pronome possessivo a fez se remexer na cadeira, mas Carly decidiu ignorar aquilo. Talvez fosse apenas a conversa do dia seguinte.

– Gostei do seu robe. Talvez eu o leve comigo na segunda-feira.

– Nada disso – falou Russ, pondo uma colherada de ovos no prato dela. – Se você o levasse para o seu apartamento, não teria nada para usar quando viesse para cá.

Na opinião dela, aquilo era uma presunção imensa.

– Eu só estava brincando – disse animadamente.

Russ a olhou.

– Eu não estava.

Carly deu de ombros e mordeu um pedaço de torrada.

Ele levantou o queixo dela com o dedo e a fixou com seu olhar.

– Sabe... Fazer amor pode mudar um relacionamento. As pessoas começam a pensar na permanência...

A garganta de Carly se fechou no exato instante em que engoliu, e começou a ter espasmos de tosse sufocante. Bebeu o café quente e, depois de queimar a língua, balançou a cabeça.

– Ah, não, Russ. Você não precisa se preocupar com isso. Não tenho nenhuma intenção de ter um relacionamento permanente com homem nenhum, assim como você não tem nenhuma intenção de ter um relacionamento permanente com uma mulher. Não tenho ilusões com relação à noite passada. Você me queria, e eu queria você. Foi só isso. – Ela sorriu, muito orgulhosa de si. Soava sensata e prática, quase mundana.

Russ a olhou fixamente, como tivessem brotado em Carly presas e uma barba.

Ela estendeu a mão e deu tapinhas no ombro dele, vacilando ao se lembrar do corpo nu dele. Inspirando fundo, falou:

– Não quero que você sinta uma responsabilidade por mim só porque a noite de ontem foi minha... hã...

– Primeira vez – concluiu. – Parece que você está pensando que foi um relacionamento de apenas uma noite, Carly. Eu achei que tivesse deixado claro que uma vez não seria suficiente para nenhum de nós. Depois da noite passada, pensei que você também perceberia isso.

– Não um relacionamento de uma noite só – corrigiu rapidamente. – Eu estava pensando mais em termos de um... hã... um caso. – Aquilo soava tão melhor no chuveiro. – Assim, você não precisa se preocupar com a possibilidade de eu esperar um casamento, e eu vou poder manter minha independência. Você foi muito inteligente quando pensou nessa situação.

Ela estava pondo a culpa daquela ideia *nele!* Russ estalou os dedos debaixo da mesa. Em seguida, levou a mão à nuca e massageou. Se os irmãos dela não torcessem o pescoço dela, talvez ele próprio fizesse isso. Tivera certeza de que a doce intimidade deles traria à superfície o desejo dela por um relacionamento comprometido. Novamente, estivera equivocado em seus cálculos. Russ suspirou.

– É melhor comer os ovos antes que esfriem.

Durante toda a refeição, Carly tentou criar assuntos banais para conversar, mas Russ parecia distraído. A confiança dela se esvaía com cada assunto fracassado, até que Carly ficou quieta e terminou em silêncio. Eles retiraram os pratos da mesa, e ela se perguntou o que fizera de errado. Bem, não fazia sentido permanecer numa situação tão desconfortável, especialmente se Russ não a quisesse ali.

– Eu agradeceria se você pudesse me dar uma carona até a minha casa. Esta seria uma boa hora para eu cuidar da minha contabilidade.

– Não. – Ele ligou a lavadora de pratos. – Hoje é domingo, e está chovendo.

Carly franziu o cenho.

– O que isso tem a ver?

Russ puxou as lapelas do robe dela até que Carly estivesse a poucos centímetros dele. Então, levou a boca à orelha dela.

Carly sentiu um frio na barriga.

– Só existe uma atividade aceitável para amantes numa tarde chuvosa de domingo, Carly.

Ele criou um caminho de beijos pelo pescoço dela, aprovando o leve calafrio dela. Ele levava a refeição inteira para formular seu plano. Se Carly queria um caso, isso seria exatamente o que teria. Um caso que levaria a um casamento em setembro. Ele soltou a faixa do robe, empurrou-o dos ombros dela e sentiu o calor inundar suas veias com a beleza desnuda dela.

– Você quer um caso, senhorita? – Russ a beijou. Então, pôs as mãos dela nos botões de sua camisa. – É um trabalho duro, mas alguém tem que fazer.

Carly hesitou. Então, soltou os botões dele. Lentamente, seus lábios se levantaram num sorriso que se tornou luxurioso.

– Russ, se você acha essa ideia tão repulsiva assim, não quero que você se sacrifique.

Russ riu.

– Você é ousada até demais.

– Ah, sou?

– Sim. – Ele deu um rápido tapa no traseiro dela e sorriu ao ouvir o berro de Carly quando a pôs sobre o ombro como um homem das cavernas.

– Ainda não está de tarde, seu bobão – disse enquanto ia na direção do quarto principal.

– Gosto de começar cedo. Podemos apenas treinar.

– VOCÊ ESTÁ quieta – disse Russ ao fazer a curva para entrar no estacionamento do edifício dela. – Em que está pensando?

Carly olhou de relance para ele. Russ estava com uma camisa casual e jeans. Seu maxilar estava com a sombra da barba por fazer, surpreendentemente atraente. Ele não se barbeara. Em vez disso, dissera que preferia passar o tempo com ela.

Agora, era seu amante, e Carly jamais conseguiria olhá-lo como antes. Ele fora terno, engraçado e sexy. Tivera um final de semana maravilhoso. Mas havia algo por trás do jeito dele que a deixava desconfortável. Ele demonstrava o que sentia quando eles faziam amor e, com exceção daquele único momento em que falara a respeito de seu pai, mantivera a conversa leve e tranquila. Russ estava mantendo seu coração protegido, percebeu Carly, como sempre soubera que faria. Ela se remexeu, inquieta, resistindo a uma estranha pontada de decepção.

– Trabalho – respondeu por fim. Era nisso que *deveria* estar pensando.

– Trabalho? É por isso que você está com essa cara de cachorro abandonado? – Ele parou a picape e desligou o motor.

– Russ, talvez isso choque você, mas não gosto de ser comparada a um cachorro abandonado.

– E é sensível, é?

A precisão dele a irritou.

– Não sou sensível.

Ignorando o mau humor dela, ele a puxou para seu colo.

Carly resistiu.

– Você está me esmagando.

Russ mudou de posição.

– Também estou me sentindo sensível. Você não usou nenhuma daquelas camisolas minúsculas durante todo o tempo que passou na minha casa.

Ela travou os lábios para conter a risada que borbulhava dentro dela. Russ soava como um garotinho que não pudera andar em seu brinquedo favorito no parque.

– Você não me deu oportunidade.

– Não dei? – Ele soltou um pesado e sofrido suspiro. – Acho que você vai ter que as usar da próxima vez. O que acha de hoje à noite?

A risada de Carly escapou.

– Não. Tenho uma tonelada de trabalho.

Russ a ignorou.

– Tenho uma ideia ainda melhor. Por que não levo as suas coisas para a minha casa hoje e você simplesmente se muda para lá?

Um puro terror fez a garganta dela se fechar.

– Não! – guinchou Carly.

Os olhos de Russ se semicerraram. O comportamento dele ficou sério.

– Por que não?

Carly riu nervosamente, preenchendo o constrangedor silêncio. Não queria ofendê-lo, mas a ideia de se mudar para a casa de Russ Bradford cheirava a compromisso, e a ideia de se comprometer com um homem que era uma incógnita parecia idiota. Deu um rápido beijo nele e foi para o outro banco.

– Você me distrai demais. É por isso que não. – Abriu a porta do carro e saiu.

Russ a encontrou na calçada e capturou a mão dela na sua.

– Certo, vou deixar o caminhão de mudança em espera. Quando posso ver você de novo? Terça à noite?

Carly balançou a cabeça.

– Quarta?

Ela balançou a cabeça, lentamente.

– Quinta?

Carly fez uma expressão de dor quando pensou em sua agenda.



– Sabe, se eu não tivesse muita autoconfiança, você estaria causando um sério estrago no meu ego.

– Sim, mas autoconfiança é o que não falta a você – ressaltou.

– Eu detestaria ter que recorrer ao sequestro outra vez.

– Quinta à noite – disse Carly.

## Capítulo 7

---

---

– V OCÊ QUER o quê? – perguntaram Troy e Daniel ao mesmo tempo.

Russ deu um longo gole em sua cerveja e se preparou para mais uma batalha pela mão de Carly Pendleton.

– Quero comprar as partes de vocês do Sonho de Matilda.

O rosto de Troy se contraiu de confusão.

– Por quê? Achei que você já estivesse ocupado demais com as suas operações com bagres.

Garth mudou de posição na cadeira.

– Ele vai se casar com Carly.

– Quem? – exigiu saber Daniel.

Russ suspirou. Torcera para que o jantar e a cerveja os amolecessem, para que os tornassem um pouco mais razoáveis. Ele gesticulou para a garçonete e apontou para sua garrafa. Parecia que aquela seria uma longa noite. Então, com uma firme voz, anunciou:

– Planejo me casar com Carly neste outono.

Troy o olhou fixamente. Então, deu um soco na mesa e explodiu numa gargalhada. Jarod se juntou a ele, incerto. Garth balançou a cabeça, e Daniel franziu o cenho.

– Ele não está brincando, Troy – falou Garth. – Já estava com isso planejado desde o início do verão.

A risada de Troy cessou abruptamente. Incrédulo, olhou para Russ.

– Você, não. Todo o mundo sabe que você nunca vai sossegar. Até as mulheres sabem disso.

Aquela afirmação tocou um ponto sensível de Russ. Carly diria exatamente isso. Russ estreitou os olhos.

– Bem, sendo assim, todo o mundo está enganado. Carly e eu estamos passando muito tempo juntos e, se tudo acontecer conforme o planejado, estaremos casados em setembro.

A garçonete entregou outra rodada de cerveja ao silencioso grupo. Jarod pigarreou.

– Quando você decidiu isso?

– Venho pensando nisso há uns dois anos, mas Carly não estava pronta. Quis dar um pouco de espaço a ela.

– E acha que está pronta agora? – Daniel balançou a cabeça. – O que ela pensa disso?

Ela não está pronta, pensou Russ, mas planejava mudar isso.

– Estou fazendo tudo que posso para convencê-la.

Troy levantou uma das sobrancelhas.

– Tudo?

Russ sentiu um imediato surto de tensão no ar e se recostou, afastando-se da mesa.

– O que acontece entre mim e Carly fica entre mim e Carly. Vocês podem ter certeza de que tem sentimentos por mim e de que eu jamais vou magoá-la.

– O que isso tem a ver com o Sonho de Matilda?

Russ sorriu soturnamente para a pergunta de Jarod.

– Carly tem alguns planos que precisam ser cortados pela raiz. Não posso dizer quais são. Prometi a ela que não faria isso. Vocês simplesmente vão ter que confiar em mim.

Troy franziu o cenho.

– Confiar em você com Carly? Acha que somos idiotas?

Russ cerrou os dentes, lembrando a si mesmo que Troy sempre tivera uma tendência a falar sem pensar.

– Vocês têm todos os motivos para confiar em mim. Sempre me conheceram. Sabem que sou um homem de palavra.

– Também é um homem que teve uma fila quilométrica de mulheres – rebateu Troy. – Como vamos saber se Carly é diferente?

Russ revirou os olhos.

– Acha mesmo que eu faria isso por qualquer outra pessoa? Droga, comprando as partes de vocês, estou comprometendo um dinheiro que queria investido numa cooperativa.

Daniel olhou para Troy.

– É um bom argumento.

– Sim, mas por que Carly?

Russ sentiu o turbilhão caótico de uma centena de emoções duelando dentro dele. Pensou na natureza honesta e generosa de Carly. Pensou em sua atração feminina. Não conseguia explicar nem para si mesmo. Sendo assim, como seria capaz de explicar aos irmãos dela?

– Nós combinados – disse enfim. – Estou comprometido com ela, mas está forçando essa ideia de independência. Se eu não contiver agora, quem sabe com que tipo de homem pode terminar? Ao menos eu sou um só. Podia ser bem pior do que isso.

Russ se sentiu como se estivesse tentando vender um cavalo. Deveria mostrar os dentes e entregar seu histórico médico em seguida?

– Vem agindo com independência ultimamente. Talvez isso seja o melhor. – Jarod olhou para Russ de uma nova e apreciadora maneira. – Você vai ter que parar com toda a sua vadiagem.

Russ esfregou a boca para esconder seu sorriso ao se lembrar de como a querida irmãzinha deles o tinha esgotado na cama. Ele pigarreou.

– Não vai haver mais vadiagem – disse numa voz tranquila. Droga, nem sequer teria energia ou vontade de fazer isso. – Então, o que vai ser? Vocês vão me vender suas partes ou não?

Garth falou primeiro.

– Pode ficar com a minha.

Daniel assentiu.

– A minha, também.

Garth brincou com sua garrafa durante mais alguns instantes.

– Certo.

Troy empinou o queixo.

– Bem, eu não sei. Por que você está guardando tantos segredos? Por que não nos conta o motivo de querer comprar nossas partes?

Russ fez um som de irritação.

– Troy, acho que você discutiria até o formato da Terra. Eu já disse que não posso falar. Prometi a Carly e não quebro minhas promessas. Mas, se vocês quiserem arriscar... – Russ deu de ombros – a escolha é de vocês. Eu detestaria ver Carly terminar como Mary Weaver.

Troy ficou pálido.

– Mary Weaver foi embora para a Tanzânia com aquele cara que andava por aí entoando cânticos o tempo todo. – Ele deu um gole na cerveja e olhou para Russ, como se fosse a primeira vez. – Quer dizer que tenho que escolher entre você e a Tanzânia?

– Eu não disse isso – falou Russ, contendo sua risada. – Você tem que escolher entre o conhecido e o desconhecido.

Troy suspirou e soltou um irritado ronco.

– Sendo assim, acho que terá que ser você.

Russ sorriu levemente.

– Fico feliz por ter todo o seu apoio. E Ethan, Nathan e Brick?

– Sem problema – disse Daniel. – Eles irão junto da maioria.

– Ótimo. – Russ olhou para as expressões variadas nos rostos de seus futuros cunhados. Apesar de Troy ter concordado de forma nada entusiasmada, uma sensação de satisfação dominou Russ pela batalha que acabara de vencer. Era mais um passo à frente, outra barreira derrubada. O sorriso de Russ cresceu, desenrolando-se da empolgação dentro dele. Pela primeira vez, tudo estava acontecendo de acordo com o planejado.

NO FIM da tarde de quinta-feira, Carly voltou ao escritório depois de dar um longo telefonema comercial para a National Electronics. Sorriu para Sara ao passar pela porta.

– Reservei um banquete com a NE para o mês que vem.

– Ótimo!

Carly tirou os sapatos.

– O diretor disse que vai nos experimentar, e, se eles gostarem de nós, podemos esperar quatro reservas por ano. – Pensou no vice-presidente de um banco com quem falara na semana anterior e se perguntou se aquela notícia ajudaria nessa situação. – Alguma mensagem?

Sara entregou a Carly uma pilha de papéis de mensagem cor-de-rosa.

– Várias.

A primeira era de Daniel. *Russ se sairá muito bem.* Carly franziu o cenho. O que aquilo significava? A seguinte, de Garth, dizia *Russ é um cara legal e consistente.* Carly enrugou a testa. A de Troy era tão ridícula que leu em voz alta.

– Você poderia ter alguém muito pior que Russ. – Olhou para Sara. – O que está havendo?

– Parece que eles estão dando o selo de aprovação para Russ. – Sara riu. – Eu não anotei isso, mas Troy também falou: “Ao menos Russ não entoa cânticos.” Duas das outras são de Russ. Ele disse que viria buscar você por volta das cinco, para irem jantar.

– Mas por quê? – Carly franziu o cenho, confusa. – Por que dariam essa aprovação?

Sara balançou a cabeça.

– Não sei, mas três das outras mensagens são de agentes de viagem. Se você vai telefonar para eles ainda hoje, é melhor fazer isso logo.

Carly assentiu, indo para seu escritório.

– Talvez Russ saiba algo a respeito disso. Você pode perguntar quando o encontrar hoje à noite – disse Sara atrás dela.

Carly foi para de trás de sua mesa e se sentou lentamente. *Talvez Russ saiba algo a respeito disso.* Ficou tensa, como ficava toda vez que pensava nele.

Carly não gostava da sensação que estava tendo. Sempre que o telefone tocava, queria que fosse ele. No entanto, precisava lutar para se recompor depois de ouvir a voz dele. Quando ria, uma emoção de deixar os joelhos

bambos a percorria. Era ridículo, censurou-se. Mas aquilo não parava. Ela se tornara uma massa de emoções femininas.

Fazendo cara feia, amassou as mensagens de seus irmãos e de Russ numa bola e as jogou no cesto de lixo. Aquilo precisava parar, disse a si. Na noite anterior, ficara acordada, pensando quais seriam os verdadeiros sentimentos de Russ. Claro, era especial para ele. Mas especial como?

Carly fechou os olhos, sentindo a chegada de uma dor de cabeça. Talvez não servisse para ter casos, pensou. Talvez devessem voltar a ser amigos. Sem chance, censurou a consciência dela.

Fechando a porta para seus pensamentos, ela se obrigou a abrir os olhos, ler a mensagem do agente de viagem e, com excessivo vigor, digitar o número dele.

Alguns minutos depois, Russ apareceu na porta. Carly sentiu um aperto no peito, mas manteve a frieza e gesticulou para que entrasse.

– Sim, sr. Emerson, ficamos felicíssimos por sermos incluídos no seu tour. Com o número de pessoas de que estamos falando, podemos conseguir uma tarifa especial. Vou mandar as informações pelo correio para o senhor amanhã. – Carly parou para deixar o agente se despedir. – Obrigada de novo.

Ela desligou o telefone e levantou a cabeça para receber Russ, mas o beijo dele chegou antes das palavras dela. A mão dele deslizou para a nuca de Carly, enquanto sua cálida boca acariciava a dela de maneira provocante e íntima. Os sentidos dela vibraram, e sua mente se esvaziou.

Russ se afastou e a olhou.

– Oi. Senti sua falta.

O coração dela se inflou.

– Eu... hã... oi. – Ela pigarreou. Seus olhos absorveram a visão que era Russ. Ele estava com uma camisa azul de mangas curtas e calça preta, de algodão. A camisa, de gola aberta, revelava os pelos do peito dele. Nos quais ela passara seus dedos e enterrara o rosto, recordou-se Carly.

Russ sorriu.

– Onde quer comer? Podemos ir a Chilham para comermos frutos do mar se você quiser.

Carly balançou a cabeça.

– Não. Estou cansada e com fome. Fui a um almoço de negócios e fiquei nervosa demais para comer. O Davy Crockett Diner está ótimo para mim.

Ele estendeu a mão.

– Almoço de negócios. Foi bem-sucedido?

Carly hesitou. Em seguida, aceitou a mão dele.

– Sim, mas minha perspectiva de um empréstimo ainda está incerta. – Vislumbrou a bola descartada de papéis cor-de-rosa no chão e ficou ligeiramente rígida. – Preciso falar com você sobre algo.

Russ a puxou para perto e a observou.

– Pode falar.

Desconfortável com o observador olhar dele, balançou a cabeça e o puxou na direção da porta.

– Depois do jantar. Não consigo pensar de estômago vazio.

Russ permitiu que o levasse para o carro, embora tivesse um desconcertante pressentimento. Ele percebera como evitara seus olhos. Reagira ao beijo dele, mas recuara imediatamente. E quase recusara a mão dele. Em seguida, dissera que não conseguia pensar de estômago vazio. Que Deus o ajudasse. Se começasse a pensar estaria morto.

Depois que Carly comeu pouco de seu bife à Salisbury e recusou a sobremesa, Russ teve uma suspeita ainda maior. Seu próprio estômago já estava começando a se contrair.

– Café. Sem sobremesa – disse à garçonete quando retirou os pratos. – Estou esperando, Carly.

Carly inspirou fundo e uniu as mãos sobre o colo. Manteve a voz deliberadamente casual.

– Você tem visto meus irmãos?

Russ deu de ombros.

– Eu os vejo o tempo todo. Saímos para jantar outra noite.

Ela assentiu.

– Sobre o que vocês conversam quando estão juntos?

Ele deu de ombros novamente.

– Qualquer coisa. Fazendas, economia. – Ele sorriu. – Os Braves.



– Mulheres?

– Às vezes. – O sorriso dele desapareceu. – Por quê?

– Recebi algumas mensagens deles hoje e fiquei me perguntando se você tinha contado sobre o fim de semana. – Lançou um observador olhar para ele e, em seguida, voltou-o para a mesa de fórmica, esperando durante um longo silêncio.

Russ pigarreou.

– O que aconteceu no fim de semana é particular. Eu não contaria isso a ninguém.

Carly sentiu um instantâneo alívio dentro dela.

– Deve ter sido outra pessoa. Você não é do tipo que conta vantagem.

Russ se remexeu na cadeira.

– Não contei a eles sobre o fim de semana, mas falei das minhas intenções com relação a você.

– Intenções? – Ela se curvou à frente. – Você disse a eles que estamos tendo um caso? – sussurrou tensamente.

Russ franziu o cenho.

– Não. Não disse nada a respeito de um caso. Eu disse que nós estávamos... num relacionamento sério.

Carly buscou sinais de insanidade no rosto de Russ.

– Você enlouqueceu? Agora, eles vão esperar que você se case comigo. – Suspirou e desviou o olhar, balançando a cabeça.

– Isso seria tão ruim assim?

As palavras a atingiram como um ciclone, despertando seus sentidos e emoções num turbilhão de confusão. O mundo girou. Levou a mão ao peito para se recompor e olhou para Russ.

– Não seria ruim. Seria horrível! Especialmente por não termos nenhuma intenção de nos casarmos.

Russ olhou fixamente nos olhos dela.

– Fale só por você.

Os olhos de Carly se arregalaram. Um ataque cardíaco viria em seguida, tinha certeza disso. Seria impossível que Russ a deixasse mais perplexa do que aquilo.

– Eu achei – disse tremulamente – que tivéssemos concordado em ter um caso.

Russ assentiu, e Carly sentiu um pouco de alívio.

– Um caso permanente – disse. – Casamento é isso.

Ela piscou os olhos. Aquilo não podia estar acontecendo, pensou. Era loucura. Carly baixou a cabeça e levou a mão à testa.

– Não faz sentido – sussurrou para si.

– Faz todo o sentido – falou Russ com uma voz casual. – Somos compatíveis. Nós dois fomos criados em fazendas. Então, entendemos o passado um do outro. Nós nos respeitamos.

Carly ignorou a dança que ocorria em seu estômago e tentou se concentrar nas palavras dele. Ainda não conseguia entender Russ.

– Mas isso é tão repentino, e eu achei que...

– Achou que eu só estivesse me divertindo com você. – Russ balançou a cabeça. – Eu não pretendia contar a você tão cedo, mas venho pensando em me casar com você há um bom tempo.

Perturbada, Carly balançou a cabeça.

– Mas e a Associação de Senhoras? E o fato de você querer a minha ajuda porque eu não interpretaria de maneira errada a sua... – A voz de Carly desapareceu, um filete de luz surgindo em sua mente escura e enevoada. Olhou para Russ de forma acusadora. – Foi um truque.

Russ levantou a mão.

– Não tire conclusões precipitadas. Você estava tão envolvida com aquele seu barco que eu precisei usar medidas extremas para conseguir a sua atenção.

A indignação dela aumentou.

– Então, você mentiu.

Russ fez uma expressão de dor.

– É um jeito duro de descrever.

As mãos dela se transformaram em gelo de tão grande que era a sensação de ter sido traída.

– Sobre o que mais você mentiu? Contou aos meus irmãos que eu queria comprar as partes deles do barco? Mentiu sobre me querer na cama?

Russ estendeu a mão e segurou a dela.

– Isso não é justo. Se você precisa que eu prove meu desejo por você, posso fazer isso a qualquer momento, em qualquer lugar. Poderia mostrar agora mesmo, nesta mesa, se você não se sentir incomodada com a plateia.

A respiração de Carly estava rápida e ríspida. Puxou a mão. Sentia-se usada, manipulada e dolorosamente vulnerável. Naquele momento, não sabia quem merecia mais sua fúria: Russ, por tê-la manipulado, ou ela mesma, por ter permitido que isso acontecesse. Somado a todas as suas outras dúvidas, aquilo foi demais.

– Vou para casa.

Ele estendeu a mão, mas Carly se afastou do alcance dele.

– Você não está de carro, e não quero que vá embora chateada assim.

– Não tenho muita escolha a não ser ir embora chateada, Russ, mas não vou embora com você. – Começou a andar na direção da porta sem sequer olhar para trás.

Russ olhou fixamente enquanto se afastava e jogou algumas notas sobre a mesa. Com poucos e rápidos passos, alcançou-a e abriu a porta. Carly parou, mas saiu.

– Carly, não podemos simplesmente deixar tudo por isso mesmo. Há assuntos pendentes demais. Deixe que eu leve você para casa.

Apática, Carly fez um cumprimento com a cabeça para um conhecido e continuou andando.

– Por mim, nossos assuntos estão muito encerrados.

O coração de Russ afundou. Ele não imaginava que fosse ficar tão chateada.

– Está falando sério? – Ele pôs a mão no ombro dela e a fez virar. Fitou os olhos que o gelavam com sua decepção. – Você realmente não me quer mais?

– Parece que o que eu quero não importa tanto assim. – O corpo dela estava tenso como um arco, mas seus olhos pareciam úmidos.

Russ tocou ternamente o rosto dela.

– Importa para mim – garantiu. – O que você quer, Carly?

– Quero ir para casa – sussurrou.

Russ queria levá-la para qualquer lugar, menos para o apartamento dela. Pois, ao chegarem lá, ela se despediria e teria a noite inteira para deixar a raiva e a mágoa crescerem. Ele voltaria ao ponto de partida, se tivesse sorte. Queria levá-la para sua casa e resolver tudo. Mas aquele trêmulo sussurro o derrubou de maneira tão certa quanto um machado derrubaria um carvalho. Com um pesado suspiro e um coração ainda mais pesado, ele a levou para seu carro.

CARLY TIROU a roupa, vestiu uma camisola e subiu na cama, abraçando o travesseiro. A ardente raiva ainda estava dentro dela, deixando-a alerta e desperta. Não dormiria naquela noite, ela sabia disso.

*Meninas ingênuas não devem brincar com fogo.* Russ Bradford era o fogo, e se sentia chamuscada. Pressionou os lábios um no outro e baixou os olhos para seus lençóis cor-de-rosa. Apegando-se à raiva, percebeu que não havia ninguém a culpar a não ser si própria. A mágoa vinha em surtos, e ela queria evitá-la. Se continuasse irritada, não precisaria enfrentar a lancinante e avassaladora dor. Seu rosto estava contraído com o esforço para conter as lágrimas.

Apesar de não ser aconselhável confiar a Russ o coração de uma mulher, confiara nele. Por causa da longa amizade deles, Carly pensara que eles compartilhavam um respeito mútuo.

Ela franziu o cenho. Com toda a provocação e flerte dele, uma parte secreta e idiota dela começara a acreditar nele. Com dolorosa precisão, lembrou os práticos planos de casamento dele. Russ sequer falara em amor ou desejo.

As lágrimas começaram a borrar a visão dela. Carly enxugou o rosto com as mãos. Ele a enganara, fazendo com que aceitasse ter um caso com ele. Em seguida, listara seus motivos nada emotivos para querer se casar com ela, como listaria os motivos para uma razão de bagre ser melhor que a outra.

Carly jogou o travesseiro do outro lado do quarto. Não entregaria seu coração a um homem que ela não seria capaz de alcançar. Fizera isso durante anos com seu pai. Quantas vezes tentara conquistar a aprovação dele e fora recompensada com um apático afago na cabeça? Olhou

fixamente para o teto e se lembrou dos desenhos que fizera para seu pai na escola primária, das boas notas. Quando isso não funcionava, virava um moleque para poder trabalhar ao lado dele. O pai dela, contudo, não permitira, dizendo que tinha filhos homens para isso. Quantas vezes fora dormir chorando?

Racionalmente, Carly sabia que seu pai ficara preso na própria dor pela perda da mãe dela. Sabia que, a seu próprio modo, ele dera o melhor de si. Encontrara uma nova esposa, disposta a cuidar de oito crianças. Mas essa nova esposa se ressentira do fato de que Carly tinha uma assustadora semelhança com a mãe. Não havia o que ser dito de ruim a respeito de Eunice, que assumira o trabalho de cuidar deles, mas Carly tinha certeza de que Eunice quisera mais também do pai dela. Talvez, em outra situação, isso pudesse ter unido Eunice e Carly. Naquele caso, aquilo as afastara. Fossem quais fossem os motivos dela, Eunice sempre mantivera Carly distante. E, por causa de seu próprio luto silencioso, o pai dela também fizera isso.

Carly se lembrou da vontade de que a aconchegasse em seus braços. Lembrou-se de quando fizera um desejo em seu nono aniversário, pedindo que seu pai dissesse que a amava. Esperara ano após ano. Ele morrera quando ela estava com 13 anos, e Carly ainda estivera esperando. Aprendera muito bem a cruel realidade de que certas coisas não tinham jeito.

Desabando novamente na cama, sentiu o choro crescer em seu peito até que sua força de vontade já não fosse mais capaz de contê-lo. Mornas e salgadas lágrimas escorreram por suas faces. Virando-se de lado, chorou até dormir.

A manhã seguinte foi ainda pior. O rosto dela estava uma bagunça de pele tensa e marcada. Estava com câibra no pescoço, e sua cabeça parecia ser um campo de batalha. Os olhos dela estavam com vívidos tons de vermelho, branco e roxo.

Carly fez cara feia para seu reflexo no espelho e levou um tempo extra com a maquiagem. Usou uma pesada base, pôs colírio nos olhos e tomou duas aspirinas. Mas nenhuma aspirina curaria seu coração.

Às quatro da tarde, já estava pronta para um bom drinque. Olhou para o telefone de seu escritório.

Sara estava na porta, observando Carly com uma expressão preocupada no rosto.

– Russ ligou de novo. Disse que, se você não atender à próxima ligação dele, vai vir pessoalmente da próxima vez.

Carly suspirou.

– Certo, transfira a ligação para mim da próxima vez.

Sara entrou e se sentou na cadeira diante de Carly.

– Você não chegou a me dizer o que o vice-presidente do banco falou.

Carly abriu um fraco sorriso.

– Ele disse que sentia muito, mas que, com a condição atual da economia, eles foram forçados a ser conservadores com os empréstimos corporativos.

– Sinto muito.

– Hoje foi um daqueles dias. Também cancelaram um banquete.

– E Russ? – perguntou Sara em voz baixa.

Carly inspirou fundo. Seu peito estava apertado e dolorido. Ela balançou a cabeça.

– Não está dando certo.

– Carly, sei que você é minha patroa, mas pense em mim como uma amiga.

– Porque você é minha amiga.

Sara empurrou o cabelo para trás do ombro.

– Bem, você está num estado deplorável. Não devia falar com ele?

– Não – disse Carly rapidamente. – Ele fez uma coisa que... – Ela mordeu o lábio. – Bem, digamos apenas que estou me sentindo muito idiota.

O telefone tocou, e Carly apenas o olhou.

– Deve ser Russ – disse Sara.

– É.

– Quer que eu atenda?

– Sim, mas eu vou atender. – Ela se preparou. Então, pegou o fone. –

Sonho de Matilda.

Houve uma longa pausa.

– Carly? É você? – perguntou Russ com uma voz rouca.

Ela olhou para Sara e assentiu. Sara saiu da sala.

– Sim, sou eu.

– Você não estava atendendo meus telefonemas – disse.

– Eu estava ocupada. – Torceu o fio. – Foi um dia difícil.

Russ soltou um audível suspiro.

– Não diga. Não consegui fazer nada direito hoje. Precisamos conversar.

Carly balançou vigorosamente a cabeça, esquecendo-se de falar.

– Carly, precisamos conversar.

Ela ouviu a necessidade na voz dele. Estaria enganando a si mesma de novo?

– Agora, não – falou, vencendo o embargo em sua garganta. Sua voz se transformou num sussurro. – Não posso falar com você agora.

– Mas quando? – perguntou, a frustração já transparecendo.

– Não sei. Não posso falar com você agora. – Precisava desligar o telefone antes que desmoronasse. Estava perplexa com a maneira como seus olhos haviam se enchido de lágrimas. – Tenho que ir. Tchau, Russ. – Desligou o telefone ao som dele chamando seu nome.

Sara entrou imediatamente outra vez pela porta com uma caixa de lenços de papel.

– Achei que você poderia precisar disto.

Carly pegou um e o levou aos olhos. Em seguida, assoou o nariz.

– Isto é ridículo. Preciso parar.

– Tem algo que eu possa fazer?

– Não. Quem me dera ter um interruptor para desligar meu cérebro. Eu o desligaria. – Carly gemeu e bateu com o punho na mesa. – Se eu fosse Jarod ou Daniel, iria para aquele bar louco de Chilham, paqueraria um pouco, beberia muito e pediria que Garth me levasse para casa.

– É um daqueles bares de strip-tease?

– Não. É só um grande bar em estilo country.

Sara inclinou a cabeça pensativamente.

– É um lugar seguro?

Carly deu de ombros.

– Imagino que sim.

– Então, acho que devíamos ir.

Carly hesitou.

– Você está brincando.

Sara endireitou os ombros com o que Carly pensou que parecia ser petulância.

– Não estou. Você precisa aliviar um pouco a pressão esta noite. Parece ser exatamente o lugar para fazer isso.

Carly tentou imaginar a séria Sara num ambiente como aquele e não conseguiu evitar sorrir.

– Meus irmãos me matariam. Eu lembro que, uma vez, quando estava na faculdade, eles ameaçaram me deixar trancada por um semana se me vissem lá.

– Eles não podem deixar você trancada agora.

Aquilo fez Carly parar. Passara tanto tempo sendo forçada a aceitar as regras de seus irmãos, que já obedecia sem pensar. Vinha dizendo que queria independência. Talvez fosse a hora de agir, em vez de falar.

– Fechado. Vamos trocar de roupa. Pode me buscar daqui a uma hora?

Sara e Carly se levantaram ao mesmo tempo. Um lento sorriso cresceu nos rostos das duas.

– Provavelmente, vamos detestar isso – ressaltou Carly.

Sara assentiu.

– Sim, mas podemos considerar uma experiência educativa.

DUAS HORAS depois, a cabeça de Carly estava entorpecida pela música alta da banda.

– É tanto barulho que não consigo pensar – gritou para Sara.

Sara sorriu.

– A ideia é essa.

Um homem parou diante dela e sorriu. Empurrou seu chapéu de caubói para trás.

– Você precisa dançar – disse com uma voz profunda e lenta.

Carly estava prestes a recusar, como já fizera várias outras vezes, quando Sara a deixou perplexa ao intervir.

– É verdade. Só precisa de um pouco de incentivo.



Carly desviou o olhar para Sara.

– Eu... – Antes que pudesse terminar, pegou sua mão e a pôs de pé.

– Seus pés estavam criando raízes no chão. – Ele fez um som de reprovação. – Seria um inferno para o dono do bar desenterrar você quando a noite chegasse ao fim.

Um relutante sorriso repuxou a boca de Carly. Os olhos dele eram de um amistoso tom azul, e ela precisava admitir que a abordagem dele era original.

– Certo. Mas, se você me chamar de potranca, vou pisar no seu pé.

Bem-humorado, riu e a balançou numa veloz dança. Carly logo se flagrou nos braços de outro homem, e de outro, e outro. O recinto se tornou um caleidoscópio de diferentes músicas e diferentes homens. Perdeu a conta de quantas canções já tinham sido tocadas, mas um dos homens sempre retornava. Ele se chamava Jim e a segurava perto demais, elogiando-a efusivamente enquanto tentava convencê-la a ir para um lugar mais reservado.

Carly balançou a cabeça.

– Não. Só vim para me divertir hoje. Nada de mais.

– Também vim para me divertir.

– Não estou falando desse tipo de diversão – disse firmemente, pensando que os olhos dele eram como os de Russ, cor de caramelo.

– Você só vai saber se experimentar – ressaltou.

Carly pensou em como vinha ficando ansiosa por causa de Russ.

– Não quero experimentar hoje. – Recuou, pondo um pouco de espaço entre eles. Torceu para que a música terminasse logo. Aquilo estava ficando complicado.

Jim avançou, eliminando o espaço.

– Deve haver algo que eu possa fazer para convencer você.

Ficando cada vez mais desconfortável, Carly recuou e olhou pelo recinto cheio de fumaça.

– Eu realmente não... – Parou de falar quando avistou duas figuras conhecidas no fundo do salão.

Ficou rígida e sentiu seu estômago desabar para os pés. O instinto de 23 anos a atingiu. Daniel e Russ estavam na porta, os olhares fixos nela e em seu parceiro de dança. Daniel estava de cara feia. Russ parecia querer sangue.

Ela se voltou de novo para Jim, fazendo cara de dor ao ver a sedutora expressão dele. Balançou a cabeça.

– Jim, eu realmente...

A principal característica de Jim devia ser a persistência. Naquele momento, baixou a cabeça e plantou um firme beijo na boca de Carly.

Ela o empurrou com força.

– Você vai se arrepender disso.

Jim apenas sorriu.

– Seria impossível eu me arrepender.

– Mas vai, quando todos os seus dentes desaparecerem. – Carly olhou de relance por cima do ombro. – Está vendo aqueles dois caras vindo na nossa direção?

– Sim.

– Provavelmente, o moreno vai me matar – disse, desejando estar em qualquer lugar, menos ali. A Sibéria parecia uma boa opção.

O sorriso de Jim vacilou.

– Não se preocupe. Eu falo com ele.

Carly balançou a cabeça e suspirou.

– Não. O ruivo vai matar você.

## Capítulo 8

---

EM POUCOS segundos, Russ e Daniel já assomavam acima dela. Jim devia ter fortes instintos de sobrevivência, pois desaparecera. Carly resistiu à vontade de correr ao mesmo tempo em que procurava saídas de emergência. Tinha cerca de dois piscares de olhos para se recompor. Como não tinha a força emocional para uma briga, optou por um animado olá e adeus.

– Que prazer encontrar vocês aqui – disse com um sorriso dolorosamente radiante.

Daniel a olhou irritado.

– O que você está fazendo aqui?

Russ estava ocupado, olhando a multidão, em busca do elusivo pretendente dela.

A garganta de Carly se contraiu com a imagem que preencheu sua mente; cadeiras quebradas, vidro quebrado e membros quebrados.

– Eu... hã... vim com Sara.

– Sara! – O cenho de Daniel ficou ainda mais franzido.

Disfarçadamente, Carly observou a expressão nos olhos de Russ e jurou ir embora assim que possível. Os olhos cor de caramelo, geralmente ternos, estavam frios como o inverno.

Ela estremeceu, apesar do calor no recinto.

– Sara está ali – disse, afastando-se. – Está me chamando. Acho que está na hora de ir. Vejo vocês depois. – Ela se virou e andou rapidamente na direção da mesa.

Seu profundo suspiro de alívio foi prematuro. Uma forte e calejada mão se fechou no braço dela, fazendo-a parar. Uma poderosa sensação de pavor começou dentro do estômago dela e se alastrou para as pontas de seus pés. Carly não queria olhar para o rosto de Russ naquele momento. Sentia-se perigosamente perto de uma mastodôntica explosão de raiva ou lágrimas e sabia que qualquer uma das duas traria arrependimento.

– Sim? – disse sem se virar para ele.

– Você vai para casa comigo. Já passou da hora de conversarmos.

– Isso parece uma ordem. Não reajo bem a ordens.

O suspiro surpreso dele esvoaçou o cabelo dela. Mesmo sem ver o rosto dele, Carly conseguia sentir a frustração que emanava de Russ.

– Você vai voltar comigo?

– Muito obrigada, mas já tenho carona com Sara. – Carly tentou se afastar, mas era como se estivesse presa a ele com um cadeado.

– Sara vai levar Daniel para casa. Você pode ir no meu carro.

A raiva dela se eriçou com o tom calmo e implacável dele. Carly deu as costas a ele.

– Eu não quero.

Ele a fez virar e baixou a cabeça. O coração de Carly quase parou. Ele a beijaria?

– Quanta dificuldade – resmungou a poucos centímetros da boca de Carly. Em seguida, impeliu-a na direção da porta.

Embora quisesse perguntar a Russ como soubera que fora ao bar, Carly não disse sequer uma palavra no caminho até sua casa. Considerou a ideia de bater à porta de seu apartamento na cara dele, mas Russ estava logo atrás dela. O excruciante silêncio continuou enquanto acendia a luz e tirava os sapatos.

Ela preferiria comer minhocas a ter aquela discussão. Seria constrangedora. Provavelmente, ficaria chorosa e emotiva, enquanto Russ

permaneceria lógico e distante. Não haveria conclusão satisfatória. Russ iria embora confuso, com suas emoções intactas, e ela iria dormir chorando.

– Está tarde – começou, esperançosa. – Talvez outra hora seja...

Russ balançou a cabeça antes de terminar a frase, e Carly suspirou, derrotada. Começou a se sentar no sofá, mas pensou melhor e escolheu uma poltrona. Uma poltrona de um lugar, em vez de um sofá para dois, onde as pessoas conversavam e faziam amor. Ela mordeu o lábio.

Russ permaneceu de pé.

– Algo deu errado da última vez que nos vimos. Foram os seus irmãos?  
Ela inspirou fundo e balançou a cabeça.

– Não.

Ele se aproximou.

– O Sonho de Matilda?

O perfume da loção pós-barba dele provocava a memória dela.

– Na verdade, não.

– Por que você não olha para mim? – exigiu saber.

Carly ergueu a cabeça imediatamente e encontrou o olhar de desprazer de Russ. A raiva dela entrou em ação. Ela se levantou.

– Eu já disse que não queria falar.

– Por quê? – perguntou, inabalado.

– Não sei explicar o motivo, e, mesmo se eu soubesse, você jamais entenderia.

– Tente.

– Por quê?

– Porque não vou embora até você fazer isso.

Carly o olhou com irritação.

– Certo, Russ. Responda à minha pergunta. O que você sente por mim?

Os olhos dele lampejaram com incerteza durante um segundo. Então, deu de ombros.

– Sinto algo bom por você.

Ela assentiu.

– Ótimo. Já vi você demonstrar mais empolgação por vender seus bagres do que isso.

– Bem, se é empolgação que você quer...

– Não desse tipo. – Carly levantou a mão, apesar do repentino surto de calor que a sugestão dele criou. – Você não acha estranho que a melhor descrição dos seus sentimentos pela mulher com quem você quer se casar seja “algo bom”? Aposto que você sente “algo bom” pelos meus irmãos. Sente “algo bom” pelos seus cachorros. Sente “algo bom” por tomar uma cerveja ao fim do dia.

– Carly – começou num tom paciente e sofrido que ela não conseguia tolerar.

Ela balançou a cabeça. Seria melhor que fosse rápido e indolor.

– Você não me ama, ama?

Ela prendeu a respiração, e uma pequenina e idiota parte dela desejou com o fervor de uma criança no Natal que ele dissesse sim.

Russ desviou o olhar, e o desejo morreu. Ele não precisava dizer nada.

Ele pegou a mão dela.

– Carly, o amor nem sempre é o ingrediente mais importante de um relacionamento bem-sucedido. Respeito, um passado em comum, objetivos em comum. – Ele sorriu. – Ótimo sexo.

Ela puxou a mão rispidamente.

– Estou falando sério, Russ. Não acho que sejamos a pessoa certa um para o outro.

Russ semicerrou os olhos, vivenciando a familiar sensação de ter seus planos descarrilados de novo. Ele resistiu ao sentimento.

– Pode confiar em mim. Pensei muito bem nisso tudo. Somos perfeitos um para o outro.

Carly balançou a cabeça tristemente.

– Você não pensou em uma coisa. Preciso de um homem que me ame.

Russ a viu piscar os olhos, resistindo às lágrimas ainda não vertidas. Sentiu-se mais impotente que um linebacker com dez corpos em cima dele ao se esticar para recuperar uma bola perdida. Droga, aquilo era o suficiente para levar um homem a entoar cânticos.

– Preciso de um homem que seja louco por mim. Louco o suficiente para... – Parou de falar, claramente procurando as palavras certas.

– Para fazer o quê?

Ela levantou os ombros.

– Não sei. Louco o suficiente para entalhar nossas iniciais numa árvore. Louco o suficiente para fazer uma tatuagem com o meu nome.

– Uma tatuagem?! – Russ fez um som de desprezo. – Carly, são permanentes! – Ele tentou negociar. – Eu poria nossas iniciais numa árvore, contanto que isso não danificasse uma árvore boa, mas uma tatuagem? Não é prático.

– É uma loucura – disse com uma resignada expressão de “eu falei” no rosto.

Russ soltou um pesado suspiro e estendeu as mãos para tomá-la nos braços, mas Carly recuou. O pequeno movimento de rejeição dela perfurou a espessa barreira dele, e o trovejar de desconforto dentro de Russ cresceu para algo mais parecido com dor. Ele a observou atentamente.

– Então, o que fazemos agora? Não podemos esquecer o fim de semana.

Carly cruzou os braços.

– Não. Não podemos esquecer o... – gesticulou – o fim de semana. Mas somos adultos maduros. – Começou a andar de um lado para o outro, e Russ não soube se estava falando com ele ou consigo. – Até adultos cometem erros. Se deixarmos isso no passado...

As palavras dela fizeram o sangue dele gelar. Incapaz de suportar a direção que estava tomando, pôs a mão no ombro de Carly para fazê-la parar.

– Não consigo deixar isso no passado. – Russ se virou e enxugou uma lágrima do rosto dela. – Senti você debaixo de mim. Toquei você de maneiras como nenhum outro homem já tenha tocado, e não dou pouca importância a isso.

– Ah, Russ. – Carly mordeu o lábio para conter mais outro gemido. Se ao menos a amasse... Ficou tensa quando a envolveu com os braços.

– Estive tão dentro de você que já não queria mais sair.

O coração dela se revirou do avesso, e Russ tomou a boca de Carly com o desejo e a necessidade de um homem que não estava disposto a ser negado. Era o paraíso saber como a desejava, e o inferno saber que jamais a amaria.

A boca de Carly se abriu com a coação dele. Os seios dela forçavam o sutiã, os bicos latejando de excitação, e, mais abaixo, ela sentiu um inchado vazio onde ele roçou.

Mas a garganta de Carly estava um nó de tormento pelo que ele não podia ou não queria dar. Indesejado, um soluço escapou, e Russ abrandou o beijo.

– Não estou pronto para abrir mão de você, Carly – murmurou contra o cabelo dela. – Não encerre a nossa história ainda. Não demos uma chance justa um ao outro. – Ele recuou e fez uma dolorosa expressão. – Não quero fazer você chorar, querida. – A determinação retornou aos olhos dele. – Não feche a porta para mim. Prometa, Carly.

Ela pensou ter ouvido o mais leve toque de desespero na voz dele. Sua mente negou aquilo, mas seu coração teve esperança.

– Não posso me casar com você – insistiu com uma voz não tão estável.

Ele impediu qualquer outro protesto com um firme beijo.

– Conversaremos a respeito disso depois. Simplesmente não feche a porta para mim.

No caminho de carro de volta até sua casa naquela noite, Russ garantiu a si mesmo que Carly mudaria de ideia. Ela veria como eles eram certos um para o outro. Aquilo era temporário, apenas mais uma pedra no acidentado caminho para o matrimônio.

No entanto, surgira num momento muito conveniente, pois, dali a uma semana, estaria ocupado coletando seus bagres. Sentia que aquele era um momento crucial para ela e pensou no que deveria fazer para garantir o compromisso dela.

Russ adoraria carregá-la para a cama e acabar com cada pequenino protesto dentro da mente feminina dela. Contudo, era provável que aquilo não funcionasse. Enquanto os homens eram acometidos por uma letargia mental e física depois do sexo, as mulheres tendiam a se recuperar muito mais rapidamente, com perguntas e discussões emocionais. Russ estremeceu ao pensar naquilo.

Ele poderia fazer algo romântico, imaginou Russ. Então, fez um som de desprezo. Se começasse a agir com romantismo naquele momento, Carly esperaria que aquilo continuasse durante todo o casamento deles.



Russ suspirou ao virar na pista de terra de sua casa. Racionalmente, estava confiante de que aquela peculiaridade de Carly seria deixada de lado.

Então, pensou em seus olhos cheios de lágrimas e do soluço que ficou preso na garganta dela. “Não posso me casar com você”, dissera. O pescoço dele estava rígido de tensão. Suas mãos apertaram o volante com toda a força.

Russ soltou um palavrão, parando a picape. Uma tatuagem! Nem toda a lógica do mundo seria capaz de livrá-lo da sensação de desconforto que se assentara em seu estômago. Ele olhou para sua casa, escura e vazia. Era necessária a risada de Carly para torná-la um lar. Durante um agonizante segundo, perguntou a si mesmo se todo o seu planejamento e seu desejo teriam se transformado em algo maior e mais assustador. Algo emocional, que Deus o ajudasse.

– AS ROSAS estavam lindas, Russ – disse Carly em voz baixa quando apareceu na porta da cabine do navio.

Avançando, Russ ouviu o calor na voz dela e sentiu sua pulsação palpitar.

– Fico feliz por você ter gostado – disse com a voz rouca. Então, pegou a mão dela e a beijou. Carly corou, e ele ficou infinitamente feliz por ter enviado aquelas rosas.

Por causa do calor, estava com um top lilás e short branco que mostrava a extensão de suas torneadas e bronzeadas pernas. O cabelo dela estava bagunçado, e seu rosto, borrado, e Russ só conseguiu pensar em como seria divertido se juntar a Carly no chuveiro e limpar cada centímetro dela.

Um pigarro interrompeu o momento, e Russ percebeu Troy atrás de Carly.

– Oi, Russ – falou Troy numa voz cantada. Então, fez um gesto como se estivesse tocando uma harpa.

Russ assentiu rigidamente.

– Troy. O que está fazendo aqui?

– Jarod e Garth fugiram para a praia. Então, estou ajudando minha irmãzinha com o *nosso* barco. – Ele deu uma descarada piscadela para Russ.

Russ conteve a vontade de revirar os olhos.

– Pode ir fazer o que quiser agora. Eu ajudo Carly. – Ele olhou à volta, percebendo coletes salva-vidas espalhados por todo o lugar. – O que aconteceu?

– Inspeção da guarda costeira – falou Carly ao pegar um deles e guardar.  
– Essa gente se diverte tirando tudo do lugar e deixando a maior bagunça possível. Tenho um grupo especial que vem para o almoço amanhã. Então, preciso guardar tudo.

– Eles vão pagar? – perguntou Troy.

Carly parou. Em seguida, continuou.

– Não, é para a caridade.

– Carly, você precisa parar com isso. Nunca vai ganhar mais dinheiro se continuar dando esses cruzeiros gratuitos. Quem é desta vez? A Associação de Senhoras?

– Não é a Associação de Senhoras – garantiu pacientemente. Mas Russ ouviu a tensão no tom dela. Arregaçando as mangas, ele a observou.

– Então, quem é? – perguntou Troy de maneira impertinente.

Carly demorou para responder, guardando outro colete.

– É um grupo de apoio para crianças que perderam o pai ou a mãe.

A simples declaração deixou os dois homens em silêncio. Boquiaberto, Troy olhou fixamente para Carly, e Russ viu a expressão calma no rosto dela. Por baixo da calma, sentia o caos. Ele franziu o cenho.

Recuperando a voz, Troy pigarreou e deu de ombros.

– Bem... hã... acho que não tem problema. Afinal, é só uma vez. – Olhou para Russ. – Se você vai ajudar Carly, acho que vou voltar para a fazenda. Vejo vocês depois. – Constrangido, deu um beijo no rosto de Carly e saiu.

Carly apenas olhou enquanto ia embora e suspirou.

– Já teve notícias do banco?

Ela assentiu.

– Eles não vão me dar o dinheiro.

Quando Russ viu a decepção no rosto dela, sentiu-se culpado por seu extremo alívio.

– Bem, se você não pode comprar as partes dos seus irmãos, já pensou em encontrar um parceiro silencioso?

Ela pareceu confusa.

– Mas quem? Eu precisaria de alguém com dinheiro suficiente e que me deixasse cuidar das coisas sem interferir.

Russ quis gritar: “*Eu!*” Em vez disso, manteve sua voz baixa.

– Deve haver alguém na cidade em quem você possa confiar. Essa pessoa precisaria ter um negócio próprio, para que não se sentisse tentada a se meter no seu. Precisaria confiar na sua capacidade como empresária. Provavelmente, também não faria mal se você já conhecesse essa pessoa, para que nenhum de vocês tenha surpresas. – Russ tinha certeza de que estava dando uma descrição precisa de si mesmo.

– Humm... – disse, inclinando a cabeça para o lado. – Não consigo mesmo pensar em... – O rosto dela clareou. – Espere um minuto. E o diretor da National Electronics? Não o conheço há muito tempo, mas seria perfeito. Tem dinheiro, está focado no próprio negócio e parece gostar de mim.

Russ olhou para o teto, implorando silenciosamente misericórdia.

– Russ – disse Carly ao abraçá-lo –, é uma ótima ideia!

Preso entre o prazer de senti-la pressionada contra si e a frustração de ser deixado de lado novamente, Russ grunhiu.

– Eu não apressaria as coisas. Afinal, você não conhece esse cara de verdade. Ele pode acabar sendo pior que os seus irmãos.

– Vou pensar a respeito primeiro – garantiu. – Mas é uma ótima ideia. Obrigada.

Então, ela o beijou. Provavelmente, sua intenção fora fazer um leve gesto de apreciação, mas os braços de Russ se apertaram em torno dela. Ele convenceu os lábios dela a se abrirem com os dele até conseguir prová-la, e a doçura e o calor de Carly lançaram uma onda de desejo pelo sangue dele. Apertou os ombros de Russ, e explorou sua sedosa boca com a língua. Quando recuou, sentia-se como se tivesse faltando um pulmão e seu jeans estivesse apertado demais.

A própria Carly parecia um pouco abalada. Russ inspirou fundo e sorriu lentamente.

– Não há de quê.

À MEDIDA que a quente tarde deu lugar a uma morna e úmida noite, Carly se sentiu cada vez mais distraída. Parte dela queria jogar Russ na água e gritar: “Eu amo você, e você não me ama. Quero que me deixe em paz!” Outra parte dela gostava de tê-lo por perto. Ele era atencioso e cuidadoso de um jeito que fazia o coração dela se inflar.

Russ tirara sua camisa branca horas atrás. Cada movimento acentuava a força de seu peito musculoso, de suas costelas e de seu abdômen definido. Ela se lembrou dos momentos que passara explorando o corpo dele. Lembrou-se da maneira como o abdômen dele estremeceu quando passara os dedos por ele. Carly pressionara a boca no umbigo dele, querendo prová-lo, mas a puxara para cima e ocupara sua boca com a dele.

– Carly, onde você está? – perguntou Russ, curvando-se sobre ela.

Ela piscou e deixou aquelas imagens de lado, mudando de posição no banco de madeira. Pura loucura! Decidira fazer uma curta pausa e acabara pensando em Russ.

– Bem aqui – disse, oferecendo uma lata de refrigerante. – Foi muito gentil da sua parte me ajudar hoje. Realmente não precisava.

– Sim, precisava. – Ele sentou com uma perna de cada lado do banco e deu um longo gole.

Carly observou a garganta dele trabalhando enquanto Russ engolia o gelado líquido e sentiu sua própria boca secar. Aquilo não estava certo, pensou. Devia estar se afastando de Russ, não ficando fixada no corpo dele. Ele se moveu para ficar de pé, mas a puxou de volta para baixo.

– Fale desse grupo que vem amanhã. Como você o encontrou?

– Foram eles que me encontraram. – Carly sentiu Russ levantar a mão para o cabelo dela e passar os dedos por ele. O movimento foi simples, mas hipnotizante. Ela suspirou. – Eles são vinculados ao Centro para Mulheres e Crianças do Tennessee Central e mandaram uma carta pedindo a voluntários que chefiassem os diferentes grupos de apoio que eles têm.

– Então, você vai se oferecer?

A voz baixa e calmante dele sobrepujou o costumeiro desconforto de Carly por discutir aquele assunto em especial.

– Acho que eu não conseguiria. Provavelmente, eu só pioraria as coisas se contasse a minha história a eles.

As mãos de Russ foram para os ombros dela.

– Acho que você lidou muito bem com aquilo. Não chorou muito.

– Só à noite – murmurou. Uma brisa noturna a tocou, e, com o calor do cálido e sólido peito de Russ em suas costas, Carly se sentiu segura. – No início, Daniel vinha tentar me reconfortar, mas Eunice o fez parar. Disse que isso me deixaria mimada. Não sei se o meu pai chegou a me ouvir.

As mãos dele pararam por um segundo. Então, Russ roçou levemente os dedos no pescoço dela e abaixo do queixo.

– Eunice era uma mulher dura.

Carly fechou os olhos e assentiu.

– Tentei fazer com que gostasse de mim, mas era impossível agradar. Era difícil olhar para mim. Era difícil para o meu pai também – admitiu ela. – Sabe, Eunice estava numa situação difícil, com oito crianças para cuidar. E o meu pai nunca conseguiu superar a perda da minha mãe. Eunice sabia disso. Acho que isso a deixou amargurada. E olhar para uma miniatura da mulher que era dona do coração do meu pai deve ter sido uma tortura. Mas... – Ela parou, recordando-se de sua confusão, da dor da rejeição.

– Mas? – perguntou suavemente.

– Mas eu era só uma menina e só fui entender o que estava acontecendo quando já tinha 16 ou 17 anos. Eu tinha certeza de que havia algo de errado comigo.

– Não pense isso. O problema não era com você.

A voz dele era reconfortante, mas as lembranças borbulhavam dentro de Carly como o caldeirão de uma bruxa. Era um assunto pendente que jamais poderia ser resolvido. Lutou contra a necessidade insatisfeita dentro dela.

Virou-se para Russ.

– Simplesmente não conseguia me amar. É por isso que não podemos...

Balançando a cabeça, Russ cobriu a boca de Carly com a mão.

– Eunice era amargurada. Não é a mesma coisa, Carly.

– Mas parece que é. – Estava pensando no divórcio dele, mas não conseguia se obrigar a falar.

– Não é. Você vai precisar confiar em mim. – Então, Russ segurou o queixo dela e o levantou, olhando nos olhos de Carly como se estivesse assumindo um compromisso.

Seus calejados polegares se moveram delicadamente pelo rosto dela, falando sem palavras. Num movimento lento e cuidadoso, baixou a cabeça e tomou os lábios dela com sua boca e sua língua. Carly expusera seus segredos, e os ternos toques dele a enfraqueciam e a fortaleciam ao mesmo tempo. Havia uma doçura nele que a emocionava dolorosamente.

Quando as mãos dele desceram pelo pescoço dela até seus seios e Russ alterou o ângulo de seu beijo, Carly tentou se afastar.

– Isto está errado. Precisamos parar – disse, arfante, e virou a cabeça para longe dele. Ela fortaleceu sua determinação.

– Deixe que eu faça isso. Eu... eu preciso fazer.

A hesitação na voz dele venceu a resistência dela. Desejou que ele tivesse dito qualquer palavra, menos *preciso*, pois a ideia de Russ precisar dela fazia sua cabeça girar. A necessidade era algo mais profundo que o desejo, mais próximo do amor.

– Preciso fazer isso por você, Carly. Agora. – Ele roçou os lábios no cabelo dela. – Esta noite.

Se ele tivesse ordenado ou exigido, talvez tivesse encontrado forças para lhe dar as costas, mas havia algo de profundo e altruísta no jeito dele, que pedia, mas não insistia. Carly era impotente contra aquilo.

– Ah, Russ – murmurou.

Sob as palmas dela, o peito dele se expandiu numa profunda inspiração.

– Deixe que eu cuide de você.

E, como Carly sempre fora esperançosa, fingiu que Russ a amava. Era mais fácil no escuro, com as ternas mãos e boca dele a acariciando. A fantasia secreta a deixou leve. Carly sentiu o deslizar dos dedos dele por dentro das alças de seu top, contra sua pele, aproximando-se lentamente de seus seios, e estremeceu.

– Frio? – murmurou, dando leves e provocantes beijos atrás da orelha dela, enquanto seus dedos quase alcançavam os túrgidos mamilos dela.

Carly balançou a cabeça e se arqueou contra ele. Seus seios já estavam pesados. Quando Russ enfim a tocou, suspirou de alívio. Ele torceu os picos entre os polegares e os indicadores, elogiando a reação dela. Uma inquietude cresceu bem dentro dela, e Carly quis estar perto dele.

Deu um beijo com a boca aberta no pescoço que a cativara pouco antes. Tocou-o com a língua e foi recompensada com um tremor de aprovação masculina. Russ a puxou para seu colo, empurrou o top para cima e apoiou o rosto no coração dela.

Carly perdeu o fôlego. O gesto era tão inocente e íntimo. Então, foi com a boca do seio até o mamilo, e sugou. Carly quase chorou.

A visão dela ficou borrada quando Russ levou sua boca de um seio para o outro, mordiscando e passando a língua sobre ela. Uma das mãos dele segurou o quadril dela, fazendo Carly roçar contra a rígida ereção dele, coberta pelo jeans, para a frente e para trás, até que houvesse calor líquido entre as coxas dela, pronto e desejoso.

Ela desceu com as mãos pelo peito dele, passando pelo abdômen, indo até a fivela do cinto.

Russ balançou a cabeça.

– Ao menos desta vez, confie em mim. – Então, capturou as mãos dela e fez Carly se virar, deixando o traseiro dela encaixado entre as coxas dele. Ela se contorceu num protesto, e Russ grunhiu. – Não dificulte para mim, senhorita.

– Mas o que...

– Shh. – Com o rosto, acariciou o pescoço dela e subiu com os dedos por uma das coxas de Carly, por baixo do folgado short dela. Levantou a barreira do elástico da calcinha dela e encontrou o lugar onde estava dolorosa e vergonhosamente úmida para ele.

Ela virou a cabeça para o ombro de Russ. Sua pele estava tão quente, que ela se sentia como um ferro de marcar bois.

– Você é doce – murmurou ao tocá-la – e quente. Quero fazer tantas coisas com você que nem sei por onde começar.

Carly tentou dizer algo, mas sua mente se apagou quando deslizou o dedo para dentro dela. Um gemido escapou dos lábios dela enquanto Russ a

sondava e a explorava. Com uma máscula fascinação, ele a alongou, elogiando sua feminilidade até que ela mordesse os lábios contra a tensão. Cada investida a levava para mais perto da liberação, até que Carly estivesse balançando a cabeça de um lado para o outro.

– O que foi? – perguntou em voz baixa.

– Eu preciso – arfou Carly quando pôs outro dedo dentro dela. – Preciso fazer alguma coisa. Preciso beijar você, tocar você.

Ele fez a cabeça dela se virar, e Carly encontrou a boca de Russ, provando-o. Ele moveu o polegar contra o ponto inchado dela, e ela estremeceu quando as ondas começaram e a consumiram como um imenso incêndio dentro de um túnel. Carly curvou o corpo, choramingando dentro da boca dele, sentindo os instáveis espasmos continuarem até que o surto finalmente passasse e ela fosse deixada com um cálido e fraco alívio.

Foram necessários alguns momentos e várias trêmulas respirações até que Carly percebesse que, embora as mãos de Russ estivessem reconfortantes agora, ainda estava rígido com a ereção. Girou nos braços dele e olhou em seus indecifráveis olhos. Confusa e sem saber o que fazer, deslizou as mãos pela barriga dele, passando os dedos pela borda do jeans. Quando segurou as mãos dela, Carly foi dominada pela perplexidade.

– Você não quer... Quero dizer, você ainda está... – Suspirou de frustração.

– Não terminamos, terminamos?

Ele levou as mãos dela à boca e as beijou.

– Sim, eu quero – garantiu. – Sim, ainda estou excitado. Mas terminamos por esta noite. – Ele pôs as mãos de Carly em seu rosto e fechou os olhos, saboreando o toque dela. Tentou entender aquilo, mas era profundo demais ter Carly em seus braços naquela noite. Era assustador. – Não sei como explicar, mas eu precisava dar isso a você hoje. Não era sexo. Era outra coisa.

– Ele abriu os olhos. – Você está bem?

Carly nunca se sentira tão vulnerável.

– Estou bem, só um pouco envergonhada.

Russ balançou a cabeça.

– Não permito que você fique envergonhada. Você estava linda. Você é linda. – Ele se curvou à frente e beijou a testa dela.



E, para Carly, foi *quase* como se a amasse.

## Capítulo 9

---

— **A**S PESSOAS dizem isso o tempo todo, e não significa nada. — Russ parou seu carro. Não entendia aquilo, não queria nem tentar pensar, mas, depois de estar com Carly, ele se sentia como se estivesse andando totalmente nu. O fato de ter compartilhado sua vulnerabilidade o deixara se sentindo indefeso, e a desconhecida sensação o confundia e o agitava. Como eles tinham começado aquele assunto no curto caminho de carro ao saírem do barco? Ele não podia culpar Carly. Ela própria parecia um pouco abalada.

— Algumas pessoas falam de verdade — insistiu Carly.

Desgostoso, balançou a cabeça.

— É loucura.

— Então, talvez eu seja louca. — Mirou os olhos dele com um turbulento olhar violeta. — Talvez signifique que eu não sou a mulher certa para você. Talvez você precise de alguém que não se importe se você a ama ou não.

A fúria o percorreu. Russ contraiu o maxilar.

— Conheço minha cabeça. Sei quem é a mulher certa.

Ela empinou o queixo.

— Bem, eu não tenho certeza disso. — Então, saiu do carro e bateu a porta.

Exasperado, Russ soltou um palavrão, indo atrás dela.

— Carly, espere. Pelo amor de Deus, o que houve? Num minuto, você está se desfazendo nos meus braços...

– Nem me lembre disso – resmungou, subindo os degraus com passos pesados.

– Lembrar a você?! – Russ soltou outro palavrão e correu na frente, chegando antes de Carly à porta do apartamento dela. – Algo aconteceu entre nós hoje. Algo especial. E você quer esquecer?

Carly cruzou os braços.

– Foi especial – admitiu –, mas precisa haver mais.

Ele inspirou fundo. Eles precisavam ir com calma. Ele perdera o controle. Era por isso que eles estavam metidos naquela confusão. Ele precisava pensar logicamente. Havia uma solução prática para aquilo, e Russ a encontraria.

– Do que está falando?

– Estou falando de sentimentos. Não apenas os meus. Os seus. Fiquei sentada lá e me abri completamente hoje, e você fez algo lindo logo depois. Mas tem noção de que posso contar em um dedo o número de vezes que você discutiu algo que fosse emocionalmente importante para você?

Russ sentiu uma imediata onda de desconforto. Massageou a própria nuca com a mão. A ideia de discutir suas emoções o deixava com comichão. Ele preferiria limpar um caminhão inteiro de peixes. Ele olhou o rosto dela, cheio de vulnerabilidade e determinação. Carly não cederia com relação àquilo. Talvez não fosse tão ruim assim, disse a si mesmo. De qualquer forma, não tinha escolha.

– Certo – cedeu. – O que você quer saber?

Carly umedeceu os lábios e pareceu tomar coragem.

– Quero saber o que você sente com relação ao seu primeiro casamento.

A muralha de proteção de Russ se tornou imediatamente mais alta que a escada de Jacó.

– Isso terminou faz anos. É uma história encerrada.

Um longo silêncio se seguiu, e Russ percebeu que cometera um erro. Queria que ele expusesse sua alma, mas, não, era impossível. Discutir o maior fracasso de sua vida com a mulher com quem pretendia se casar era impossível. Russ buscou compaixão nos olhos de Carly. Rezou por compreensão. Mas ela desviou o olhar.

– Obrigada por ter ajudado com o Sonho de Matilda, Russ. – Pegou as chaves na bolsa.

Ele estava sendo dispensado, percebeu Russ com uma pontada de dor em seu estômago.

– Carly, podemos conversar depois. Vou passar os próximos dias coletando os peixes, mas, depois disso...

Ela deu de ombros casualmente, e, quando Russ sentiu a decepção dela, foi dominado pelo arrependimento. Carly parecia desiludida, e ele se sentia culpado, impotente e irritado, tudo de uma só vez.

– Boa noite, Russ.

Ele observou Carly se virar de costas e entrar em seu apartamento, resistindo à vontade de estender a mão. O que poderia dizer ou fazer que pudesse ajudar?

– Boa noite, Carly – murmurou para a porta fechada.

CARLY OLHAVA para o teto de seu quarto. Fechou os olhos e esperou que seu corpo fosse inteligente e fosse dormir. Concentrou-se muito fortemente durante dois minutos. Quando seus pensamentos se voltaram para Russ, seus olhos se abriram novamente.

Ela precisaria fazer algo em breve. Eles não poderiam continuar daquele jeito. Era errado Russ esperar que ela deixasse de lado suas preocupações a respeito do amor, assim como era errado Carly esperar que ele mudasse. Ela passou a mão pela testa e abafou o fútil desejo de que as coisas pudessem ser diferentes.

O telefone tocou, interrompendo o silêncio. O coração dela disparou, e Carly olhou para o relógio. Já passava da meia-noite. Nenhum bom telefonema vinha depois da meia-noite.

Atrapalhando-se com as cobertas, levantou o fone.

– Alô.

– Sou eu, Russ. Houve um incêndio no celeiro de Daniel. Ele vai ficar bem, mas estamos no pronto-socorro. Ele queimou as mãos.

Os pensamentos de Carly tropeçaram uns nos outros.

– As mãos dele estão muito mal? Tem certeza de que está bem? E os animais?

– O celeiro pegou fogo totalmente, e eu precisei sacrificar um dos cavalos.

– Oh, não.

– Daniel teve queimaduras de primeiro grau. – A voz dele estava rouca. – Ele vai passar um tempo usando ataduras.

Carly ficou entorpecida ao pensar nos ferimentos de Daniel. Perdera demais muito cedo em sua vida para não dar importância a um acidente daquela magnitude.

– Chego aí assim que puder – disse, buscando uma calça jeans.

– Carly, não precisamos de mais nenhum acidente esta noite. Você parece meio abalada. Quer que eu vá buscar você?

– Não. – Os insensíveis dedos dela lutaram com o zíper. – Preciso ir para aí. Tem certeza de que está bem?

– Ele está bem. Eu juro. – Russ fez uma pausa. – Tome cuidado.

– Vou tomar. – Ela desligou o telefone, tirou a camisola e vestiu uma camisa. Pegou um par de sapatos e as chaves e correu para o carro.

Em poucos minutos, Carly chegou ao pequeno hospital local. Procurou Russ, mas, em vez dele, encontrou Troy. Troy estava abalado e coberto de fuligem, mas estava ileso.

– Você está uma tragédia – disse.

– E você está fedendo – disse, lágrimas de alívio enchendo seus olhos. – Onde está Daniel?

– Por aqui. Eles deram algo para acabar com a dor dele. Então, está totalmente apagado. – Ele a levou pelo corredor para onde Daniel dormia.

Carly procurou o batimento cardíaco dele. Era ridículo, mas necessário para ela. Tocou a testa dele e deu um delicado beijo no rosto. Então, recuou e se obrigou a se acalmar.

– Você sabe como aconteceu?

Troy balançou a cabeça.

– Russ estava tirando Daniel de lá quando cheguei. Os cavalos estavam enlouquecidos. Sal estava berrando. Ela estava sentindo tanta dor que Russ precisou dar um tiro nela. Depois disso, Russ começou a gritar para que

Daniel e eu nos afastássemos e deixássemos que os bombeiros cuidassem de tudo.

O estômago de Carly pareceu ser feito de chumbo.

– Onde está Russ?

– Assim que ligou para você, foi embora daqui em disparada. Voltou para levar os cavalos para a casa dele. Mal deixou que fizessem o curativo no braço dele.

– Ele está machucado? Ele não me disse isso no telefone.

Troy fez um som de desprezo.

– Devia estar ocupado demais dando ordens. Ele me falou que, se eu não passasse a noite aqui com Daniel, poria a Associação de Senhoras no meu encaixo.

– Um destino pior que a morte? – Carly pegou o braço dele e o levou para fora do quarto. Sabia que Troy detestava hospitais. Seu antagonismo ocultava um terno e caridoso coração. Quando eles eram pequenos, sempre fora o irmão que roubava uma colherada extra de sorvete ou um pedaço de chocolate para Carly. – Por que você não vai para o meu apartamento, toma um banho e dorme um pouco? Parece que você precisa mais disso do que eu.

– Isso foi um insulto?

– Não – disse Carly, envolvendo com os braços seu irmão mais obstinado.

– É o meu jeito de dizer que amo você.

Ele soltou um profundo suspiro e a apertou.

– Digo o mesmo. Eu vou... hã... vou aceitar sua proposta. Tem certeza de que não se importa?

– Tenho – falou Carly, mas, ao mesmo tempo, pensou em Russ.

– Garth e Jarod escolheram uma péssima hora para viajarem para a praia – disse Troy, balançando a cabeça.

– É. Pelo menos eles voltam no domingo.

– Acho que, até lá, Russ e eu podemos cuidar das coisas. – Troy beijou o rosto dela. – Vejo você amanhã.

Carly percebeu a maneira como ele confiava em Russ sem questionamentos. Voltando ao quarto de Daniel, lembrou-se dos planos de

Russ para a coleta dos peixes. Passou a maior parte da noite lembrando a maneira como eles tinham se despedido da última vez e perguntando a si se aquilo estaria incomodando Russ tanto quanto a incomodava.

NA MANHÃ seguinte, Carly levou Daniel de carro para casa e o colocou na cama com um grande copo de refrigerante e um canudo. Enquanto ele dormia, fez uma rápida viagem até a casa de Russ e o encontrou estendendo uma rede de arrasto hidráulica sobre um dos açudes com seus funcionários.

Russ fez um movimento com a cabeça quando ela acenou, mas continuou trabalhando.

– Como está Daniel?

– Cansado e de mau humor. – Mesmo tão cedo, o sol não tinha sequer um pingo de piedade. Ele amarrara um lenço branco em volta da cabeça para impedir que o suor caísse em seus olhos. Carly desejou ter trazido algo para ele beber. Percebeu o forte contraste entre a atadura branca e o braço bronzeado. – Você não me disse que tinha se machucado.

Ele deu de ombros.

– Não me pareceu importante na hora.

O coração dela se contorceu. Como ele podia achar que aquilo não seria importante? Então, Carly se recordou de que não perguntara nada a respeito dele durante o rápido telefona na noite anterior.

– A que horas você foi dormir?

– Não tive tempo – disse. Em seguida, gritou uma ordem para um de seus funcionários.

– Bem, não se preocupe em ir até a casa de Daniel hoje à noite. Você já tem coisas demais para fazer e, se for coletar mais peixes amanhã, vai precisar descansar.

– Eu aguento.

A exasperação rodopiou dentro dela.

– Você não precisa fazer isso. Vamos encontrar outra pessoa. Sei que você precisou sacrificar Sal ontem à noite, e deve estar precisando de...

– Pode parar, Carly – interrompeu Russ, olhando-a pela primeira vez. – Não preciso que você banque a minha mãe. Estou bem.

Carly precisou de um minuto inteiro para recuperar o fôlego. Deus, como doía quando a trancava do lado de fora. O instinto fez o orgulho e, em seguida, a raiva cobri-la como um escudo. Ela pressionou os lábios num amargurado sorriso.

– Desculpe. Cometi um erro e esqueci que você não é humano. – Então, Carly se virou e foi embora, mal percebendo a série de palavrões que Russ soltou antes de ela fechar a porta do carro.

FORAM NECESSÁRIAS todas as habilidades de persuasão de Carly, mas, ao meio-dia, Sara estava servindo o almoço a Daniel, e Carly estava ajudando a servir o almoço para o grupo de crianças que tinham perdido um dos pais. Expulsou Russ e sua fria atitude firmemente de sua mente. Toda vez que pensava na expressão fechada dele e em seu apático tom de voz, ela se sentia como se seu coração estivesse sendo açoitado. Doía sorrir, mas estava conseguindo.

Augusta Winfree, a líder do grupo, era uma bela loira de 30 e poucos anos, fácil sorriso, generosa risada e olhos cor de mel cheios de compaixão. Era uma das mulheres mais femininas que Carly já vira. No entanto, as crianças a chamavam de Gus.

– Acho que estão se divertindo – disse a Carly enquanto observavam os garçons cantarem com as crianças.

– Ótimo. Vão ter que voltar. – O grupo, bastante unido, deixara Carly curiosa. – Vocês se reúnem todas as semanas?

Augusta assentiu.

– E todas têm dois colegas para os quais podem telefonar se as coisas começarem a ficar difíceis.

Carly ficou maravilhada.

– Isso é maravilhoso. Queria que tivesse existido algo assim quando eu era criança.

– Você perdeu o pai ou a mãe quando era pequena?

– Os dois – respondeu Carly de maneira simples. Suas perdas eram um dolorido ponto que nunca sarara por completo. Tendia a lidar hesitantemente com o assunto, para evitar sentir mais dor. Carly deixou de



lado uma rápida pontada e sorriu delicadamente para a solene menina de cabelo escuro que se aproximou de Augusta. Carly sentiu uma onda de *déjà vu*. Aquela menininha poderia ter sido ela quinze anos antes.

– Precisa de um abraço? – perguntou Augusta. Sem esperar a resposta, puxou a garotinha para seu colo e a abraçou. Aconchegou-a durante alguns minutos e, em seguida, a menina retornou para o grupo. – O nome dela é Jacey. A mãe dela morreu há três meses. Ainda não quer falar muito. Só quer os abraços.

Carly estava estupefata com o serviço especial que o grupo fornecia.

– O que vocês fazem nos encontros?

– Sempre comemos biscoitos ou tomamos sorvete – disse Augusta num fingido tom sério. – Eu insisto nisso. Às vezes, fazemos passeios sociais, como festas na pizzaria, ou vamos nadar. Em outras noites, quando tenho voluntários suficientes, nós nos dividimos em grupos e cuidamos dos sentimentos. Desenhamos rostos, escrevemos histórias. As histórias tendem a ser autobiográficas. Trabalhamos muito duro para ensinar as crianças a não se culparem. Há tanta culpa...

Carly assentiu, recordando.

– Tem razão.

– Sempre precisamos de mais voluntários.

Carly balançou a cabeça.

– Ainda não. Tenho outras coisas a resolver primeiro. – Hesitou, pensando em Russ. – Talvez depois disso.

– Parece que você está desejando que algo fosse diferente na sua vida.

Surpresa, Carly ergueu as sobrancelhas.

– Você é muito perspicaz.

Augusta abriu um melancólico sorriso.

– É um dom. De qualquer forma, essa é uma das coisas que fazemos. Falamos sobre o que desejamos que tivesse acontecido. Às vezes, as pessoas se apegam a isso em vez de seguirem em frente e tentar fazer seus desejos se tornarem realidade. – Deu de ombros. – Não são apenas crianças que perderam o pai ou a mãe. Pode ser qualquer pessoa que tenha ficado

decepcionada ou desiludida com diversas coisas, como a perda de um emprego, um divórcio.

Augusta parecia ter experiência pessoal com a tristeza. Carly imaginou qual poderia ser a fonte dela, mas não perguntou, percebendo a necessidade de privacidade de Augusta.

– Quando as pessoas se magoam, ficam assustadas e, às vezes, ficam tão preocupadas em se proteger que se esquecem de como se abrir.

A observação dela causou um espasmo de dor. Augusta estava falando de Russ. Ele fora magoado e, agora, estava se protegendo. O que seria necessário para que se abrisse novamente? Isso seria ao menos possível?, perguntou-se Carly com uma desesperança tão grande que fez seu peito doer.

– Como se ajuda alguém assim? – murmurou.

Augusta gesticulou para o grupo de crianças. Sua expressão se abrandou.

– Você precisa ser paciente – disse. – E *muito* teimosa.

Carly olhou para Augusta, vendo esperança e determinação. Talvez isso fosse o necessário para que Russ se abrisse. As palavras de Augusta se enraizaram dentro dela. A semente estava plantada. Bem, ao menos metade de uma semente. Paciência nunca fora o forte de Carly, mas sabia ser teimosa como ninguém.

NA NOITE de quinta-feira, Russ subiu os degraus de madeira até a porta de sua casa e simplesmente se recostou contra ela por um instante. Deus, como estava cansado! Ele perguntou a si mesmo que pequena surpresa estaria sobre a mesa de sua cozinha naquela noite. Na primeira noite, fora um pão caseiro; na seguinte, morangos em conserva; e, na última noite, houvera um copo com seu uísque preferido.

Ele tinha fortes suspeitas a respeito de quem estava deixando presentes e não estava pensando na Associação de Senhoras. Ele telefonara para essa pessoa algumas vezes e deixara mensagens na secretária eletrônica dela. Contudo, com a coleta dos peixes e o acidente de Daniel, Russ não tivera tempo de procurá-la pessoalmente.

Ele desejava que não tivesse havido aquele mal-entendido entre eles. Depois de compartilhar tantas coisas com ela e, depois, deixá-la, vinha carregando duas insuportáveis dores, uma dentro do peito, a outra dentro de suas calças. As duas eram persistentes, e Russ estava convencido de que Carly era a melhor pessoa para cuidar de todas as suas dores. Ele desejou que estivesse ali, esperando por ele, pronta para ele. Russ soltou uma seca risada. Droga, estava tão cansado que não conseguiria fazer nada se estivesse ali.

Ele balançou a cabeça e abriu a porta. Ao chegar à cozinha, parou e olhou para a mesa. *Encontre comigo no lago*, dizia um bilhete escrito com caligrafia feminina. *E leve as maçãs*.

Cético, Russ levantou uma das sobancelhas. Ele pôs as mãos nos bolsos e olhou para as maçãs vermelhas ao lado do bilhete. Não conseguiu impedir a risada que crescia dentro de seu peito. Contudo, ele estrangulou seu senso de humor, tossindo violentamente ao ver o que estava atrás daquelas maçãs. Três pacotes de preservativos.

– Ela enlouqueceu – murmurou Russ. Poderia se afogar naquele lago à noite. Fazia quanto tempo que estava esperando?, perguntou a si mesmo. Enfiou os preservativos no bolso e saiu irritadamente pela porta. Pegou uma lanterna em sua picape e adentrou a mata.

– Carly – gritou ao se aproximar do lago. – Vou matar... – Ele se deparou com uma saia pendurada numa árvore. Sua pressão sanguínea disparou. Mais alguns passos, e Russ encontrou um top. Seu olhar se fixou no sutiã preso de maneira decorativa a um galho, e começou a suar.

Lutou em busca de oxigênio, inspirando o luxurioso perfume dela ao segurar suas roupas nas mãos. Mais dois passos, e a lanterna dele encontrou o reluzente e liso triângulo da calcinha dela. Ele pensou em deixá-la ali, naquele arbusto, mas não conseguiu resistir a pegar o sedoso material entre os dedos. Aquilo fez Russ se recordar da última vez que a abraçara e a tocara, como estivera macia e úmida! Ele não conseguiu conter um gemido.

– Carly! – berrou, cambaleando os últimos passos até o lago. – Você ficou louca? – Ele ouviu o som da água e virou a cabeça, encontrando-a. Estava

como uma ninfa da água, de cabelo preto e pele cintilante. O luar brilhava em seu rosto e seus ombros claros.

– Entre – chamou, sorrindo. – A água está boa.

– O que deu em você? São quase 11h.

– Eu sei. Se você tivesse demorado mais, minha pele teria começado a se enruguar. – Mergulhou debaixo da superfície e emergiu de novo, balançando a cabeça. – Só estou convidando você para nadar amistosamente. Vamos.

A frustração e o bom-senso duelaram dentro dele.

– Tenho trabalho demais para ficar aqui fora brincando.

– Você anda trabalhando demais. Precisa parar um pouco. Estou seguindo o seu exemplo. É para isso que servem os amigos. Não foi isso que você disse quando me sequestrou?

Russ mudou os pés de posição e expirou pesadamente.

– Aquilo era diferente.

– Como? – Carly deslizou de costas e boiou. Enquanto os pés dela afundavam debaixo da superfície, a água flertou com o torso dela. Seus firmes seios foram revelados, as pontas como pequenas framboesas com creme.

O jeans de Russ quase se partiu ao meio. Ele umedeceu os lábios, sentindo sua determinação se esvaír.

– Saia – disse antes que pudesse ceder.

Ela soltou uma risadinha e rolou de lado, e Russ vislumbrou o deslumbrante traseiro dela.

– Oh, Senhor – murmurou. Fechou os olhos. – Saia – gritou com sua voz mais intimidadora. Então, simplesmente a olhou com irritação.

Carly apenas abriu um sorriso de sereia para ele.

– *Venha me pegar.*

Aquela foi a gota d'água. Russ balançou mentalmente a bandeira branca da rendição. Durante quanto tempo um homem seria capaz de resistir? Ele achava que já quebrara o recorde de ereção mais persistente. Sem dar importância aos botões que voavam para a grama, arrancou a camisa, abriu o jeans e o tirou sobre sua masculinidade estendida. Chutou os sapatos para longe, com as meias e o jeans.

Carly assoviou.

– Não se esqueça da maçã!

Ela era uma bruxa malvada, pensou. E seria sua esposa nem que precisasse trancá-la em sua casa pelos próximos cinquenta anos. Russ finalmente abriu um sorriso. Balançou a cabeça e começou a andar.

– Não é fácil pôr um destes dentro da água, Carly.

– Você é um homem talentoso.

– Pode ser complicado. – Ele entrou no lago até que seus joelhos e sua cintura estivessem cobertos pela água fresca.

Ela se aproximou dele batendo os pés.

– Eu ajudo – ofereceu-se Carly. Russ perdeu o fôlego quando tocou seu rosto e olhou com preocupação esculpida nas delicadas feições. – Como você está?

O interior dele se amoleceu, mas seu corpo permaneceu rígido. Embora seu desejo fosse feroz, a ternura dela minou sua irritação. Ele a puxou para os braços e pressionou os frios seios dela contra seu peito.

– Bem.

– Senti sua falta – murmurou Carly. Beijou o pescoço de Russ e sugou o lóbulo da orelha dele.

Russ inclinou a cabeça dela para trás e tomou sua doce boca, bebendo dela como se fosse um homem sedento. Estava tão faminto por Carly que seu corpo tremia. Ele massageou o ombro de Carly e sentiu os arrepios na pele dela.

– Você está congelando. Vamos sair daqui.

– Ainda não. – Carly passou as mãos pelos ombros dele. Desviou a cabeça. A conquistadora ficara tímida, pensou. Ele daria uma colheita inteira para saber o que estava dentro da mente dela naquele minuto. Observou Carly inspirar fundo. – Tem uma coisa que eu nunca fiz, e eu estava meio que pensando se você não poderia...

Curioso, Russ segurou o queixo dela e o levantou para poder vê-la.

– O quê?

– Bem, eu quero... – baixou a voz para um sussurro – fazer na água.

O interior dele se contorceu.

– Querida, quem me dera podermos, mas deixei o preservativo no bolso. Ela mordeu o lábio.

– Bem, não podemos fazer só por um minuto?

Russ grunhiu. Ela não sabia o que estava pedindo. Um minuto era tudo o que seria necessário para ele naquele momento. Mas não conseguiu encontrar forças para resistir.

– Você vai me matar – resmungou antes de beijá-la ardente e selvagemmente. Foi necessário cada gota de sua autodisciplina, mas passou as mãos por todo o corpo dela, familiarizando-se com as curvas dela, excitando-a.

Então, Russ a levantou, e Carly envolveu a cintura dele com as pernas. A água batia em torno deles, amortecendo seus movimentos. Russ a penetrou lentamente até que o enlvasse. A conexão arrancou um leve gemido dos lábios dela, e o rosto de Carly brilhou com a possessão dele.

Russ fechou os olhos e estremeceu. Sessenta segundos, disse a si mesmo. *Consigo aguentar durante sessenta segundos. Mas se mexeu.*

– Pare – disse tensamente. – Não se mexa. – Apesar da água fria, ele sentiu o suor surgir na testa.

Ela se encolheu em torno dele e fez amor com sua boca, mordendo e sugando seus lábios. Os rígidos mamilos dela provocaram o peito dele, enquanto sua barriga roçava na de Russ. As coxas de Carly eram um sedoso prazer, deixando-o num lugar entre o céu e o inferno. Ele resistiu à necessidade de acariciá-la, sabendo que, se fizesse isso, tudo acabaria em menos de um minuto.

– Já chega – disse, cerrando os dentes. Afastou-se, sentindo seu corpo gritar de frustração. Então, carregou-a para fora do lago até onde estavam suas roupas.

As mãos dele se puseram imediatamente sobre todo o corpo dela, com a boca chegando logo em seguida. Ele se lembrou do sensível ponto atrás da orelha dela. Lembrou-se de como ela adorara a fricção do rosto dele contra seu ombro. Lembrou-se de que a pele dela se arrepiara quando passara os dedos na parte inferior de seu abdômen. Generosamente, Russ explorou os sentidos dela e desafiou sua sanidade.

Carly arfou quando ele abriu levemente suas pernas com um dos joelhos.

– Russ – sussurrou. O calor dele levou embora o frio da pele dela. O céu era um rodopiante caleidoscópio, com uma brilhante lua cheia e cintilantes estrelas.

– Quis você todas as noites desde aquele semana que passamos juntos – murmurou ele contra o pescoço dela, claramente tentando ir mais devagar.

Desceu com o rosto pelo peito dela, até que sua quente boca encontrasse um dos mamilos. Ele puxou, e Carly sentiu aquilo em todo o seu corpo, da cabeça, que parecia leve como o ar, a boca, que secou subitamente quando os exploradores dedos dele encontraram sua latejante feminilidade, até as pontas dos pés, que se curvaram de puro prazer.

– Russ – conseguiu dizer com uma voz trêmula –, você está fazendo a minha cabeça girar.

Ele foi para o outro seio e riu. A vibração de sua boca causou em Carly um choque, como se fosse um fio elétrico desencapado.

– Pode girar.

Ela resistiu à loucura dele.

– Não. Tem mais uma coisa... – A voz de Carly desapareceu quando Russ pressionou aquela talentosa boca contra o umbigo dela. Então, balançou a cabeça e segurou o cabelo dele. – Estou falando sério, Russ – implorou Carly.

Ele parou e levantou a cabeça, deixando-a perto da dela. Seus infinitos olhos castanhos estavam cheios de paixão.

– O que é?

– Tem mais uma coisa que quero fazer esta noite e que nunca fiz antes. – Ela o empurrou levemente, o gesto pedindo que a soltasse.

Russ se virou e segurou o rosto dela nas mãos.

– Você sabe que pertence a mim.

Carly engoliu em seco.

– Está na hora de você aprender que você pertence a mim. – Carly se desvencilhou das mãos dele e deu beijos com a boca aberta, descendo pelo peito dele, até ser ela a passar a língua sobre o umbigo dele. Ele se contorceu, mas continuou. Carly se permitiu apenas um segundo de incerteza.

Então, beijou-o intimamente.

– Ah, meu Deus – disse com a voz rouca.

Ela o provou com a língua e conheceu sua textura masculina, cetim envolvendo aço. Ele estava tremendo. A reação de entrega dele fez Carly se sentir deliciosamente sexy. Ela gostou tanto da sensação que ficou ainda mais ousada. Abriu a boca, envolvendo-o num movimento rítmico até que ele soltasse um palavrão e a afastasse.

Russ respirava ríspidamente, e seus olhos estavam selvagens.

– Não aguento mais. Preciso de você.

O espírito dela planou nas alturas com a clara e avassaladora necessidade que Russ sentia. Carly soube que era apenas por ela.

Em poucos segundos, pôs a proteção e fez Carly se virar. Ela não soube quem ficou mais aliviado quando a penetrou. Os dois gemeram.

Não demorou muito até que sentisse o início dos espasmos enquanto observava os olhos dele. Eles fulguravam como fogo, e o rosto de Russ estava tenso de excitação. Ele investiu, e ela se arqueou. Então, veloz e furiosamente, o ápice chegou, carregando os dois em sua ciclônica força. Depois de tudo, ficou tão abalada que chorou enquanto o corpo Russ tremia.



## *Capítulo 10*

---

**N**A MANHÃ seguinte, já não havia mais nenhum preservativo.

Carly se desvencilhou dos braços de Russ e deu um beijo de despedida, prometendo encontrá-lo na casa dele para um jantar antecipado, antes do cruzeiro daquela noite.

Ela passou o dia inteiro cantarolando, pensando que as coisas já pareciam diferentes. Estava esperançosa, esperançosa de verdade.

Naquela tarde, eles comeram sanduíches frios e conversaram até o telefone de Russ tocar. Apoiando os pés sobre uma das cadeiras da cozinha, falou com um distribuidor e rolou uma maçã sobre a mesa para Carly.

Ela a pegou e sorriu. Observou as rugas em torno dos olhos de Russ quando sorriu. O coração dela disparou. Seria possível ficar mais feliz do que estava naquele exato instante? Carly rolou a maçã de volta.

– Sim, isso mesmo, David – falou Russ ao começar a jogar a fruta no ar e pegá-la. Apontou de forma significativa para seu colo, obviamente querendo que Carly se juntasse a ele.

Ela balançou lentamente a cabeça.

Viu os olhos dele escurecerem com uma promessa de retaliação. Russ jogou a maçã para o alto.

– A-hã, obrigado por perguntar.

Antes que ele pudesse reagir, Carly pegou a maçã em pleno ar e deu uma mordida.

– Quando quiser. Tchau. – Russ desligou o telefone. – Está me *provocando*?

Carly bateu os cílios inocentemente.

– Quem? Eu? Provocando o rei dos bagres?

Ele se levantou e a perseguiu ao redor da mesa.

– Você está fazendo um jogo perigoso.

Carly se escondeu atrás de uma cadeira.

– Vou arriscar. – Então, parou, pois percebeu que não estava brincando. Estaria disposta a arriscar com Russ. Arriscar do tipo “para sempre”. Foi um despertar que, de alguma forma, conseguiu incutir seus sentimentos por Russ mais profundamente, ao mesmo tempo em que abalava as bases dela.

– Peguei você! – Ele a envolveu com os braços.

Carly olhou apática para Russ, recuando. Seria bom se tivesse um momento de solidão para aceitar aquilo, pensou.

– Tome – disse e estendeu a maçã para a boca dele, para que Russ pudesse dar uma mordida. – Pode ficar com ela.

Russ recusou a mordida, mas pegou a maçã e olhou para Carly, surpreso.

– Se eu pudesse passar cinco minutos dentro da sua cabeça...

– Você se perderia. Lembra? Não penso de forma linear.

Russ riu e apoiou o braço no ombro dela.

– Vamos para a varanda. – Ele parou. – Mas, primeiro, quero que você olhe para a cozinha e para a sua camisa.

Carly semicerrou os olhos para ele. E Russ achava que a linha de raciocínio *dela* era complicada.

– Vocês estão combinando. – Ele apontou para a listra amarela na camisa dela. – Amarelo na sua camisa e na minha cozinha.

Carly assentiu, mas não estava entendendo nada do que estava falando.

– A-hã.

– E a listra verde combina com a minha sala.

Carly esperou em silêncio. Logo verificaria a testa de Russ, para saber se estava com febre.

– E já sabemos que você combina perfeitamente com o meu quarto – disse ao levá-la para a varanda.

– Não estou usando nada azul-esverdeado – sentiu-se compelida a ressaltar.

Ele a puxou para baixo ao seu lado, para o balanço da varanda.

– Você combina perfeitamente quando não está usando nada. Seus sapatos ficam ótimos no carpete do meu quarto. Você combina com esta casa e comigo tão bem que devia ficar aqui para sempre.

A ideia dele finalmente ficou clara.

– Acha mesmo, é?

O sorriso de Russ desapareceu, acabando com o clima leve. Os olhos dele estavam tão sérios, tão cheios de comprometimento que o peito dela pareceu sufocado e dolorido. Russ pegou a mão dela e a olhou. Carly não conseguiu evitar estremecer.

– Gwen – começou, e Carly sentiu seu estômago desabar. Gwen era a primeira esposa dele. – Gwen foi a rainha do baile de formatura e me perseguia em todos os cantos do campus. – Ele deu de ombros. – Era só uma caloura, e eu estava no último ano quando nos conhecemos.

Carly prendeu o fôlego, soltando-o lentamente em seguida. *Feche a boca, sua lesada. Era isto que você estava querendo.*

– Gwen dizia que estar comigo era a coisa mais importante da vida dela. Que o casamento comigo seria a realização de um sonho. Eu devia ter sido menos ingênuo, mas meu pai tinha acabado de morrer, e a minha mãe estava fazendo planos de se mudar para a Flórida.

Ele apertou os dedos dela, franzindo o cenho.

– É fácil se apaixonar por uma mulher bonita que diz todas as coisas certas.

A decepção dele estava esculpida em seu rosto e escrita em seu tom. Um fulgor de fútil ciúme ardeu dentro de Carly.

– A maré logo mudou, e era eu quem estava correndo atrás dela, implorando que largasse a faculdade no fim do ano para se casar comigo. Nós nos casamos em junho. Detestou morar numa fazenda. Sentia falta das festas das fraternidades e dos jogos de futebol americano. Eu não queria

encarar o fato de que as coisas não estavam dando certo. Foi embora na véspera do Natal. – A amargurada risada dele foi rouca. – Devo ter passado uma semana inteira bêbado.

Carly engoliu em seco.

– Você chegou a tentar recuperá-la?

Russ olhou nos olhos dela.

– Só uma vez, mas já tinha procurado um advogado. Queria o divórcio.

– Deve ter doído.

Russ assentiu.

– Demais. – Ele virou a cabeça pensativamente para o lado. – Achei que eu nunca mais me casaria, até pensar em você. Eu não queria mais saber de casamento.

– Sou jovem – ressaltou Carly em voz baixa.

Ele segurou o queixo dela.

– Você já suportou muitas perdas. Isso deixou você forte. Você é a mulher mais amorosa que já conheci. – Ele inspirou fundo. – O que eu... – Russ hesitou – ...sinto por você é mais profundo que qualquer coisa que já tenha sentido por qualquer outra mulher.

Lágrimas se acumularam nos olhos de Carly. Não era um “eu amo você”, mas era algo muito próximo.

– Ah, Russ.

– Quero passar o resto da minha vida tentando entender o seu jeito de pensar. Quero estar com você quando você transformar aquele barco num sucesso imenso. – Ele acariciou o rosto dela e criou uma imagem para Carly. – Quero que compartilhemos segredos e tenhamos bebês juntos. Brigas e reconciliações, mas só com você. – Ele baixou a voz para um profundo e grave trovejar que parecia vir de seu coração. – Faço piadas com isso, mas, Carly, quero você comigo para sempre.

Ela olhou nos olhos castanho-claros dele e viu apenas honestidade. Sua resistência desmoronou. Ela o amava mais do que jamais sonhara ser possível. Carly envolveu o pescoço de Russ com os braços e o abraçou com força, sentindo a força dele e sua expiração de surpresa.

Ele bagunçou o cabelo na nuca de Carly com uma das mãos e, com a outra, segurou a cintura dela.

– Quanto tempo você vai me fazer esperar, senhorita?

O coração dela pareceu explodir.

– Não mais, Russ – sussurrou. – Chega de esperar.

Russ ficou rígido e abriu uma pequena distância entre eles. Olhou nos olhos dela. Devia estar buscando algum sinal e o encontrou. Suas mãos foram como faixas de aço envolvendo os braços dela.

– Tem certeza? Eu ouvi direito?

Carly assentiu.

– Tenho certeza.

Com um exuberante movimento, Russ se levantou e puxou Carly consigo. Soltou um forte grito, e os cachorros começaram a latir. A varanda e as árvores se misturaram num borrão quando a girou no ar.

Finalmente, parou e a olhou. Seu sorriso poderia ter iluminado todo o estado do Tennessee. Russ a beijou e permitiu que deslizasse por seu corpo até o chão. Quando interrompeu o beijo, Carly estava tonta de felicidade. Mal compreendia o que ele estava dizendo.

– Vamos fazer a cerimônia na semana que vem – anunciou. – Para o inferno com a ideia de esperar até setembro.

Carly assentiu fracamente, lutando para recuperar o equilíbrio.

– E vamos comprar o anel agora. A joalheria ainda está aberta, e quero que você me ajude a escolher. Depois, vamos contar aos seus irmãos.

Carly assentiu novamente. Então, lembrou-se do cruzeiro e balançou a cabeça.

Russ parou, observando-a.

– Não?

– Tenho um cruzeiro esta noite. Ele começa daqui a... – Ela verificou o relógio de pulso e fez uma careta. – Acho melhor eu ir agora.

– Eu tinha me esquecido – falou Russ.

Carly riu.

– Eu, também.

A consternação surgiu no rosto dele.

– É uma péssima hora para ver você ir embora. Eu levo você de carro. Podemos conversar no caminho. – Ele tirou a chave do carro do bolso e a levou na direção de sua picape. – Vou buscar você depois do cruzeiro e trazer de volta para cá.

– Não precisa – disse Carly quando abriu a porta para ela.

– Preciso, sim. Seu carro vai estar aqui. – Ele encurtou a distância entre os rostos deles. – Além do mais, temos algo a comemorar esta noite e não vou ter nenhum minuto a sós com você depois que contarmos aos seus irmãos.

O coração de Carly deu um pequeno salto. Ele tocou sua boca na dela num firme e possessivo beijo que dizia que algo além aconteceria mais tarde. Carly conseguiu entrar na picape e se sentar.

– Você precisa avisar que não vai mais alugar seu apartamento – ressaltou Russ enquanto dirigia rumo à cidade. – Você tem ideia de quem vai entregar a sua mão no casamento?

Carly pensou em seus sete irmãos e em como cada um deles era especial. Ela balançou a cabeça.

– Não sei. Não quero que nenhum deles se sinta rejeitado.

Russ riu.

– Você pode pedir a todos eles. A propósito, o cruzeiro desta noite é para alguém especial?

– National Electronics. Eles vão agendar mais quatro cruzeiros, dependendo da satisfação deles com o de hoje. Quero muito que tudo dê certo.

Russ ficou em silêncio durante tanto tempo que Carly se virou para olhá-lo.

– O que houve?

– Você ainda não perguntou ao fulano lá se queria ser seu sócio, perguntou?

– Não. Quis pensar mais um pouco nisso. Por quê?

– Porque tenho uma pequena surpresa que acho que vai deixar você feliz. Quando sugeri que você pensasse na possibilidade de um sócio silencioso, eu estava esperando que você pensasse em mim.

Carly piscou os olhos.

– Você?

– Claro. É perfeito, ainda mais agora, que vamos nos casar.

Carly sentiu o desconforto a atingir.

– Bem, podemos pensar nisso depois. Já temos o suficiente a fazer agora.

Russ levantou um de seus largos ombros.

– Já está feito. Comprei as partes dos seus irmãos do Sonho de Matilda há cerca de um mês.

O mundo girou. Perplexa, Carly balançou a cabeça para clareá-la. Não podia ter ouvido corretamente.

– Você não está dizendo que já comprou, está?

Russ assentiu.

– Eles já até receberam o pagamento.

Algo pesado se assentou no peito dela, tornando difícil respirar.

– Mas eles não me contaram – disse, confusa. – Você não me contou.

Russ pigarreou e a olhou rapidamente.

– Bem, eu basicamente pedi a eles que não discutissem o assunto. Achei que seria melhor se você e eu resolvêssemos nosso... hã... relacionamento pessoal primeiro.

– Você não pensou em discutir isso comigo? – A voz de Carly tremia pelo caos dentro dela. Aquilo soava como se fosse tudo parte de um plano para mantê-la sob controle. Teve uma horrenda sensação de traição. Todos os seus irmãos e Russ tinham planejado aquilo sem a consultar. A costumeira dúvida dentro dela a fez lembrar que Russ ainda não dissera que a amava.

– Carly – começou naquele apaziguador tom que a fazia cerrar os dentes –, pensei que seria melhor assim e...

A mágoa e a confusão dela explodiram numa flamejante raiva.

– Você pensou que seria melhor?! E o que eu pensava? E se eu não quisesse você como meu sócio? E seu achasse uma ideia terrível?

– Como pode ser terrível? Vamos ser parceiros no casamento. Por que não nos negócios? Assim, você não precisa se preocupar com a interferência dos seus irmãos.

– Não. Só vou ter que me preocupar com a sua interferência. – Estava tão magoada e furiosa que estava prestes a ter um pequeno derrame. Precisava

se afastar dele. – Encoste o carro.

– Carly...

– Não me venha com essa. Encoste, ou juro que não vou esperar você parar para sair deste carro.

O maxilar dele se contraiu, e Russ parou o carro no acostamento.

– Você não está sendo racional.

– Racional?! Por que eu deveria me preocupar em ser racional? Você já é racional o suficiente por todos. – Carly soltou o cinto de segurança e abriu a porta do carro.

Russ verificou pelo retrovisor se havia algum carro vindo e saiu do carro, indo atrás dela.

– Não achei que você fosse ficar chateada. Achei que ficaria agradecida.

– Agradecida?! – berrou. – Agradecida porque você e meus irmãos estão me manipulando, manipulando meus negócios?! D-d-deixe em... – Ela soltou um palavrão para a inoportuna gagueira e balançou os braços, frustrada. – V-você entendeu o que quero dizer. Para você me deixar em paz!

Russ a olhou enquanto ela descia pela pista, cravando os saltos altos na mistura de brita e terra.

– Não posso deixar você ir andando até a cidade. Seja razoável. – Quando não respondeu, Russ suspirou, exasperado, e foi atrás dela. Foram necessários apenas dois rápidos passos até que a alcançasse e a tocasse no ombro.

Carly se virou com lágrimas no rosto e fúria nos olhos.

– Confiei em você. Amei você, droga! Aí, você agiu pelas minhas costas. – Ela recuou. – Vá embora. Nunca mais quero ver você.

Era a primeira vez que dizia em voz alta que o amava, e aquilo o abalou. Russ estendeu os braços, buscando-a.

– Carly, podemos resolver...

Ela tirou um dos sapatos, e Russ viu, incrédulo, quando o atirou em sua direção. Carly quase acertou o alvo, que Russ suspeitou soturnamente de que fosse sua virilha. Horrorizado, agachou-se quando jogou o outro. Então, Carly se virou e correu descalça pela estrada.



Russ se apressou a voltar para a picape e a seguiu, mesmo depois de Carly pegar uma carona com o sr. Perkins, o homem de idade que tinha um estande de legumes. Ela nem sequer olhou para seu novo noivo, percebeu Russ. Ele mastigou o interior de sua bochecha enquanto a via entrar no apartamento dela. Carly não dissera nada a respeito do noivado deles, mas Russ tinha a triste sensação de que aquele era um erro que talvez não fosse capaz de consertar. Isso deixou uma sensação de vazio e solidão dentro dele, pior do que tudo que já sentira antes.

O CRUZEIRO transcorreu sem nenhum problema. Carly cerrou os dentes e sorriu graciosamente quando, na realidade, queria explodir o mundo. Depois de voltar para seu apartamento, ainda estava irritada demais para dormir. A adrenalina corria em suas veias como cafeína. Passou a noite inteira se autoflagelando por sua burrice. Devia ter percebido os truques de Russ Bradford. Aquele canalha.

E os irmãos dela... Ela torcia para que a Associação de Senhoras os perseguisse como um enxame de abelhas. Era o mínimo que eles mereciam.

Ela não sabia se estava com mais raiva ou mágoa da omissão de Russ. Entretanto, apegou-se à raiva, pois ficar magoada e triste por um homem que nem sequer dissera que a amava parecia o ápice da burrice.

Na tarde seguinte, Sara anotara várias mensagens dos irmãos dela.

– Daniel quer saber quando você vai retornar a ligação dele – falou Sara.

– Depois do Natal, se eu estiver me sentindo generosa – respondeu Carly.

Sara abriu um pequeno sorriso.

– Vou dizer a ele.

Carly percebeu a satisfação no rosto de Sara.

– E parece que vai gostar de fazer isso. Você não chegou a me contar o que aconteceu naquele dia em que você ajudou Daniel.

Sara assentiu, sua boca se contraindo seriamente.

– Ele é seu parente. Então, não quis ofender você.

Carly riu pela primeira vez naquele dia.

– Pode me ofender. Preciso de uma boa risada.

A educação duelou com o ímpeto feminino na expressão de Sara. O ímpeto feminino venceu.

– Ele foi incrivelmente mal-educado – explodiu. – Primeiro, ficou irritado por eu ter aparecido no seu lugar para ajudá-lo. Depois, não quis me deixar dar a sopa para ele. – Revirou os olhos. – Nunca tinha conhecido um homem tão independente. Quando eu finalmente o convenci a me deixar alimentá-lo, começou a me dar um sermão, dizendo como eu estava sendo uma má influência para você. Por causa – anunciou Sara, incrédula – das idas ao bar e da lingerie do catálogo.

Carly ficou engasgada com uma repentina risada.

– Você não deixou que se safasse ileso dessa, deixou?

Sara pareceu subitamente desconfortável.

– Bem, não.

– O que você fez?

– Tentei dar o resto da sopa a ele, mas não quis nenhuma ajuda. Começou a balançar os braços, e a sopa foi parar no colo dele.

Carly gargalhou.

– Ah, quem me dera ter estado lá. O que ele fez?

– Gritou, e eu fui embora. Quando ligou, agora há pouco, fingiu que nada tinha acontecido.

– É. Orgulho masculino. – Carly ficou séria, pensando em Russ, perguntando a si se ele seria capaz de fingir que o relacionamento deles nunca acontecera. – Falando em orgulho masculino, tenho um novo sócio nos negócios. Meus irmãos frouxos se venderam para Russ.

Sara arregalou os olhos.

– Russ? Humm... Parece ser o jeito atrapalhado deles de garantir que alguém cuide de você.

– De vários jeitos. Acho que eles também queriam que eu me casasse com ele.

– Bem, está óbvio que é isso que Russ quer – observou Sara. – Ele não escondeu os sentimentos dele por você; telefonando todos os dias, vindo ver como você está, mandando flores. Agora, comprou as partes dos seus irmãos. Parece a solução perfeita para que você seja a única dona do barco.

Carly piscou os olhos.

– É mesmo?

– Claro. Agora, você pode ser a chefe sem se comprometer financeiramente.

– Não tinha pensado por esse lado – admitiu Carly em voz baixa.

– Por que não?

Carly sentiu sua pele formigar de calor.

– O momento foi o pior de todos. Eu tinha acabado de aceitar o pedido de casamento dele.

– Você vai se casar? – A voz de Sara ficou mais aguda.

Carly fez uma expressão de dor.

– Bem, não. Acho que podemos dizer que o noivado foi desmanchado. Depois que eu joguei meus sapatos nele, ele me deixou em paz. – Carly não conseguiu aguentar o olhar de censura de Sara. – Eles fizeram tudo pelas minhas costas – disse. – Não se deram o trabalho de me consultar. – Ela balançou o braço. – Simplesmente decidiram a minha vida como se eu fosse uma idiota.

Sara franziu o cenho, balançando a cabeça.

– É difícil acreditar que Russ tenha feito isso.

– Ele disse que era uma *surpresa*. Achou que eu fosse ficar agradecida. – Já com a primeira onda de raiva abrandada, Carly perguntou a si mesma se teria havido um mal-entendido entre si e Russ. Discutir aquilo com Sara fazia com que se sentisse confusa.

– Ele tentou explicar?

– Sim – admitiu Carly –, mas eu estava me sentindo manipulada demais para ouvir. Foi como se tivesse cutucado meu único ponto fraco. – Por que tudo aquilo já parecia tão tosco?

Os olhos de Sara se encheram de preocupação.

– Se você não confia nele e acredita mesmo que é tão manipulador assim, acho que foi bom você não se casar com ele, então.

– Eu não disse que não confiava... – O telefone tocou, e Carly parou.

– Eu atendo – falou Sara, saindo da sala.

Carly a observou sair. Sara só estava repetindo o que ela própria dissera. Sendo assim, por que sentira aquela repentina necessidade de defender Russ? Por que se sentira compelida a esclarecer e explicar?

Eles deviam tê-la consultado, insistiu uma parte de Carly. Ouvindo aquilo da boca de Sara, porém, parecia que Russ estava dando o que ela queria; como faria qualquer homem que quisesse impressionar a mulher com quem planejava se casar. Fora um gesto caro e quase extravagante para um homem tão prudente e prático, pensou. Qualquer outra pessoa chamaria aquilo de um gesto de amor. O estômago de Carly desabou.

Teria ficado tão preocupada esperando as palavras a ponto de ter ficado cega para as ações dele? As pessoas diziam aquilo o tempo todo e não significava nada, dissera. As pessoas faziam promessas que não cumpriam. Gwen não cumprira a que fizera a Russ, e Carly já retirara a dela. Suas palavras raivosas deixaram um gosto amargo na boca.

Carly mordeu o lábio para conter a onda de arrependimento. Deus, que erro ela cometera! Baixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos. Tudo já parecia diferente. Russ se esforçara loucamente para conquistá-la. Pusera-se na linha de frente por várias vezes. Como naquela noite no barco, quando fora tão generoso. Fora terno e carinhoso, sentindo que precisava ser curada. Ele libertara algo dentro de Carly naquela noite. Não reconhecera isso até aquele momento, mas Carly se desapegara da tristeza que a mantivera presa até aquela noite. Ele pegara aquela profunda mágoa e cuidara dela, mostrando que a vida poderia ser diferente agora.

A imagem do rosto dele, marcado por uma destruidora decepção, assombrou Carly, apunhalando sua consciência. Ela o magoara terrivelmente, percebeu. E a culpa era toda dela, e o grande peso do remorso se assentou como um manto. Ela magoara a pessoa que demonstrara mais amor do que qualquer outra em toda a sua vida. Carly fechou os olhos com força, mas a vergonha arranhava seu coração, deixando-o em carne viva.

Ela merecia aquilo, pensou Carly. Merecia cada pontada de vergonha, cada gota de nauseante desgosto por si própria. Mas o que quase a fez se curvar de dor foi o fato de perceber que não merecia Russ.

Com todo o seu feroz orgulho masculino, a única coisa que seria pior teria sido se o tivesse rejeitado em público. Carly sentiu um pequeno consolo no fato de que ninguém mais testemunhara os atos dela.

A MANHÃ de domingo raiou cinzenta e chuvosa. O tempo espelhava o estado de espírito dela, e Carly se sentiu tentada a não ir à igreja. Sentia-se deplorável e confusa. Mas sabia que, se ficasse afastada, precisaria lidar com repreensões em dobro.

Ela vestiu seu mais entediante vestido azul-marinho e rezou para que ninguém a observasse muito atentamente. Sentou-se em um banco vazio perto dos fundos e passou a maior parte da cerimônia tentando não procurar Russ.

Na metade do sermão, ela o avistou. O rosto dele estava com linhas soturnas. Ele estava com um terno azul-marinho que não parecia nada entediante sobre seus ombros largos e sua constituição musculosa. Ele estreitou os olhos e se virou levemente. O estômago de Carly deu um salto mortal quando quase olhou para ela.

Quando o sacerdote fez a bênção, as palmas dela estavam suando. Dois dias antes, implorara que Russ a deixasse em paz. Agora, já não sabia mais ao certo o que queria, mas sabia que a distância entre eles era maior do que sete bancos. A terrível sensação de perda que ele sentiu a deixou nauseada.

Ela conseguiu sair pelos fundos e chegar até os degraus, onde parou para abrir o guarda-chuva.

– Desculpe – murmurou, percebendo que havia alguém às suas costas.

Então, ergueu os olhos, e ali estava ele, a chuva no cabelo e uma amargurada surpresa nos olhos. Carly se preparou para as raivosas palavras dele. Elas as merecia.

– Ei, Russ – chamou um dos amigos dele. – Ouvi dizer que você anda se esquivando de salto agulha. É melhor comprar uma armadura. – Então, o homem soltou uma gargalhada, divertindo-se, e cutucou o outro a seu lado.

Carly quase pôs para fora o que comera no café da manhã. Todos sabiam. Ela cerrou os punhos, desejando que houvesse algo que pudesse fazer para retificar a situação. Olhou para Russ e pensou que fosse finalmente falar com

ela e a mandar para o inferno. Mas não fez isso. Olhou diretamente além dela, como se Carly sequer estivesse ali, e foi embora. Fez exatamente o que ela pedira, percebeu Carly. Deixou-a em paz.

A notícia devia ter se espalhado rapidamente, pois Troy e Daniel a confrontaram naquela tarde em seu apartamento, enquanto ela dobrava a roupa lavada.

– Por que você não quer se casar com ele? – perguntou Troy.

Daniel balançou a cabeça.

– Ainda não acredito que você jogou seus sapatos nele.

Ela também não conseguia acreditar.

– Não tenho uma boa explicação. Tudo que posso dizer é que as coisas são complicadas. E não ajudou nem um pouco o fato de vocês terem vendido as suas partes do Sonho de Matilda sem discutir isso comigo.

Daniel ficou inquieto.

– Foi ideia de Russ.

A expressão de Troy era pura censura.

– Ele queria fazer uma surpresa para você.

– Definitivamente, foi uma surpresa.

– Então, o que você vai fazer agora?

Carly suspirou, contendo uma avassaladora vontade de chorar.

Desde que vira Russ na igreja, ficara à beira de um penhasco emocional.

– Eu, hã... – A voz dela tremia, e ela engoliu em seco, levando um tempo muito longo para dobrar uma camiseta. – Não sei ao certo.

Ela viu seus irmãos trocarem um olhar de desconforto. Eles conseguiam aguentar qualquer coisa, menos as lágrimas dela. Carly torceu para ser capaz de poupá-los delas.

– Ouça, Carly – falou Troy –, se Bradford fez algo para... hã... – Ele deu de ombros. – Alguma coisa para, você sabe... – Ele gesticulou impacientemente com as mãos. – Você entende o que quero dizer, Daniel. Diga a ela.

– Ei, não olhe para mim.

Troy franziu o cenho.

– Se Bradford fez algo para comprometer você, avise, que nós cuidamos disso.

Se estivesse com outro humor, teria gargalhado. Em vez disso, Carly soube que precisaria escolher as palavras de sua resposta, ou o relacionamento entre Russ e os irmãos dela seria fraturado, e não queria isso.

– Russ não fez nada com que vocês precisem se preocupar.

Troy soltou um longo suspiro de alívio e assentiu.

– Certo. Bem, é melhor irmos.

Eles foram até a porta, e Carly deu um abraço em Troy e, em seguida, um em Daniel.

– Você vai tentar falar com ele? – perguntou Daniel em voz baixa.

– Talvez seja meio tarde para isso.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Antes tarde do que nunca, irmãzinha. – Então, eles foram embora, e Carly fechou a porta.

DEPOIS DE mais cinco noites solitárias e cheias de lágrimas, Carly aprendeu algo importante a respeito de si. Aprendeu que Russ se tornara a luz em sua noite mais escura e que mais ninguém seria capaz de ocupar o lugar dele. Esse fato deu coragem para abrir o jogo e dizer a Russ como estivera equivocada.

Na tarde de sexta-feira, usou seus contatos para localizá-lo, mas ninguém sabia onde estava. Ethan, Nathan e Brick tinham acabado de voltar da viagem de acampamento. Quando Carly perguntou onde estava o resto de seus irmãos, eles falaram do bar Western Willie. A ficha caiu dentro da mente dela. Tão adequado, pensou, e foi para seu armário.

Inspirando fundo, pegou sua armadura e se preparou para as negociações de paz.

## Capítulo 11

---

---

AQUILO FORA um erro, concluiu Russ depois de beber meia cerveja. Ele olhou pelo barulhento bar e ficou pensativo. Não estava pronto para encarar o resto da humanidade. Estava num estado deplorável e preferia guardar sua tristeza para si mesmo. Em vez disso, estava cercado por uma multidão de sexta-feira à noite determinada a esquecer a semana de trabalho. Homens e mulheres giravam e se encontravam alternadamente enquanto músicas que falavam de uísque e mulheres tocavam.

– Está para outra? – perguntou Garth quando a garçonete chegou.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Acho que vou embora quando terminar esta. Foi um longo dia.

– Não pode fazer isso – falou Jarod. – Acabamos de chegar. Ethan, Nathan e Brick devem estar vindo. – Ele cutucou Troy com o cotovelo.

Troy lançou um breve e irritado olhar para Jarod. Então, direcionou uma amistosa careta para Russ.

– É verdade. Vou pegar uns amendoins para você, e você logo vai estar pronto para a próxima cerveja.

Russ assentiu apático. Era desconcertante ver Troy agindo com tanta gentileza. Ver quatro homens adultos pisarem em ovos por causa do motivo do péssimo humor dele o deixava ainda mais mal-humorado. Russ preferiria bater em alguém a beber cerveja naquela noite. Os irmãos de Carly, no



entanto, não estavam dando essa oportunidade. E estavam sendo tão bondosos que isso fazia Russ se sentir como se estivesse usando sapatos novos em folha; um imenso desconforto.

– Como foi a última coleta de peixes? – perguntou Daniel. – Fiquei preocupado, achando que você não teria tempo para trabalhar, com tudo o que você fez por mim.

– Nem pense nisso. Deu tudo certo. É bom saber que posso contar com você se um desastre me atingir. – Logo depois de dizer aquilo, Russ percebeu que o desastre já o atingira. Ela tinha 1,77m, grandes olhos cor de violeta e uma boca escarlate que tinha a capacidade de deixá-lo hipnotizado. E era a mulher que roubara seu coração sem misericórdia. Franzindo o cenho, Russ levantou sua caneca e a terminou em três goles.

– Pronto – falou Troy com exagerada animação ao passar a tigela para Russ. – Nada como pretzels e... – Ele parou de falar, concluindo com um cabeludo palavrão.

Jarod olhou para Troy e, em seguida, para a multidão. Sua expressão desabou.

– O que ela está fazendo aqui?

Garth fez cara feia.

– Achei que eu tivesse dito a todos vocês para não contar que vínhamos para cá hoje – falou Daniel num tom ameaçador.

Sentindo uma formigante premonição, Russ observou a multidão e a viu, equilibrada sobre saltos de um quilômetro de altura, usando aquele vestido devorador de homens e rechaçando impacientemente as mãos bobas de um admirador. O estômago dele deu um nó.

Brick chegou por trás dela e pôs uma pesada mão no ombro do homem. Ethan e Nathan apoiaram Brick com ameaçadores olhares, enquanto os olhos determinados de Carly encontravam os de Russ. Então, deixou todos para trás.

Russ baixou o olhar para sua caneca vazia. Onde estava uma dose dupla de uísque quando mais se precisava?

Ao mesmo tempo em que a garçonete trocou a cerveja dele, Carly parou ao lado de sua cadeira. A garçonete não era do tipo recatado. Pôs um

guardanapo com um número de telefone sobre a mesa e deu uma piscadela.

– Saio à meia-noite.

O olhar dele deslizou para Carly, e Russ a observou perder seu ímpeto. Seus olhos violeta perderam o brilho, e ela pareceu subitamente incerta.

Não mais incerto do que estava, pensou Russ e assumiu uma relaxada postura na cadeira.

– Vou me lembrar disso – murmurou para a garçonete.

Russ sentiu Carly ficar rígida a seu lado. Ela cruzou os braços. Ele inspirou o luxurioso perfume dela e conteve um grunhido.

– Oi, Carly – conseguiu dizer com seu tom mais casual.

– Oi. Eu... hã... queria dizer uma coisa. – Ela olhou à volta, como se estivesse pensando melhor.

Ele deu de ombros.

– Pode dizer. – Pelo canto do olho, Russ percebeu que todos os irmãos dela a estavam olhando.

Carly se remexeu, inquieta. Seus reluzentes brincos balançaram debaixo das orelhas, refletindo a luz. Deixou a distração de lado. Russ se lembrou de quando a beijara bem ali, onde era especialmente sensível. Carly rira, arfante. Ele contraiu o maxilar. Estava ficando difícil manter aquela postura relaxada.

Ela endireitou os ombros. A manga desceu um pouco mais pelo braço dela. Russ achou que ela estava olhando para suas orelhas. Definitivamente, não estava olhando em seus olhos.

– Acho que isso não vai fazer diferença para você, mas eu queria que você soubesse. – Ela pigarreou. – Eu errei naquele dia. Agi de um jeito horrível, e... – Carly inspirou fundo e olhou para o teto. – Provavelmente, você não vai conseguir me perdoar, mas estou mesmo...

Ele a viu engolir em seco e sentiu seu peito doer ao ver o úmido brilho nos olhos dela. Carly finalmente olhou nos olhos dele.

– Eu sinto muito, Russ. Sinto d-d-de verdade.

Russ a olhou. Um pedido de desculpas em público. Ela teria sido capaz de derrubá-lo usando apenas o dedo mínimo.

Depois de um momento, desviou o olhar e começou a se virar. Os reflexos de Russ voltaram como um relâmpago. Ele estendeu a mão e segurou o punho dela.

– Isso é tudo? – perguntou com a voz rouca por causa de sua garganta seca.

As sobrancelhas dela se uniram de confusão.

– Tudo?

– Isso é tudo que você tinha a me dizer?

– Ah – murmurou, sua expressão clareando. Carly balançou o punho, seguro por Russ. Ele apertou a pegada e, em seguida, afrouxou-a deliberadamente. A mão de Carly se desvencilhou, mas o surpreendeu ao entrelaçar seus dedos aos dele. – Eu queria dizer que amo você – falou com uma voz muito clara.

O coração de Russ martelou dentro do peito.

– Você é o homem mais importante da minha vida. – Os olhos dela escureceram de emoção. – Tem muitas coisas que nunca fiz antes, e eu gostaria de fazer todas com você.

Russ ouviu Troy resmungar algo ao fundo. Ele se levantou, ignorando os olhares curiosos. Ainda preocupado, avisou:

– Não aguento mais esse vaivém.

– Então, vou facilitar. Quer se casar comigo?

O bar poderia ter desabado à volta dele, e Russ sequer teria percebido. Ele se derreteu por dentro ao ver o amor nos olhos dela. Levou a mão dela a seu peito, para que Carly pudesse sentir como o afetava. O coração dele estava a mil por hora. Os lábios dela se curvaram num lento e hesitante sorriso.

Russ retribuiu o sorriso, sabendo que devia estar parecendo um bobo alegre.

– Sim, quero me casar com você. Mas, Carly, se você usar esse vestido em público de novo, vai precisar pagar a fiança do seu marido.

– Por quê?

– Porque vou matar qualquer um que olhar para você.

Ela riu.

– Acho que é melhor eu tirá-lo.

Russ balançou a cabeça, ouviu distantemente a exclamação de reprovação de Brick e, em seguida, curvou a mão em torno da nuca de Carly, puxando-o para perto para beijá-la. Os lábios dela se entreabriram, e Russ se sentiu como se estivesse voltando para um lar de ternura e amor. Depois de um momento a prová-la, apoiou a testa na dela.

– Vamos sair daqui.

Ela inspirou tremulamente.

– Por mim, tudo bem.

Russ a ergueu nos braços.

– Ei, Bradford – falou Troy –, vocês ainda não estão oficialmente casados.

– Não tem problema – disse Russ por cima do ombro. – Ela não pode voltar atrás. Vocês a ouviram. Tenho testemunhas desta vez.

– Eu não estava preocupado com a possibilidade de Carly dar para trás – reclamou Troy.

– Ah, cale a boca, Troy – disse Daniel.

– Você tem estado bem mal-humorado ultimamente. Qual é o seu problema? – A discussão ficou para trás enquanto Russ carregava Carly para fora do bar. Ele balançou a cabeça de novo, desta vez, de incredulidade. Seu comprometimento nunca fora posto em cheque.

Russ baixou o olhar para Carly.

– Você sabe que me surpreendeu.

Ela abriu um irônico sorriso.

– Quer dizer que consigo afetar você um pouco?

– Algo parecido com um ataque cardíaco.

– Ah, seu coração? Parece sério.

Ele parou.

– Você sabe que amo você.

Carly assentiu.

– Sim. – Então, ela se esticou e o beijou, e toda a brincadeira abandonou sua expressão. – Mas é muito bom ouvir isso.

O peito dele se inflou quando Russ se recordou de como se sentira quando anunciara seu amor diante daquela multidão. Ele jurou também fazer isso por ela. Não queria nenhuma dúvida entre eles, nunca mais.

– Amo você. – Ele abraçou com mais força, adorando o peso do precioso corpo feminino dela. – Não vou deixar você esquecer isso.

## *Epílogo*

---

– **E**<sub>I</sub>, CARLY – chamou Brick do outro lado da porta da cabine dela no Sonho de Matilda. Ele deu algumas batidas, e entrou em seguida. – Estão todos esperando. Você precisa... – Ele parou e olhou fixamente. – Você está parecendo uma princesa. De onde tirou esse vestido?

Carly pegou a flor e o alfinete da mão dele e os prendeu à lapela do smoking dele.

– Chattanooga. Russ já chegou?

Brick deu de ombros.

– Não sei. Talvez tenha pensado melhor e fugido para as colinas.

– Brick, estou com um alfinete afiado na mão – avisou ao maior de seus irmãos. Ele tinha senso de humor com relação a tudo, menos seu nome de batismo. Era por isso que todos que queriam manter seus dentes no lugar o chamavam de Brick.

– Se me espetar, derrubo você no chão.

Ela empinou o queixo.

– Agora, tenho alguém do seu tamanho para me defender.

Ele abriu um irônico sorriso.

– Acho que tem mesmo. – Então, ficou sério. – Ele é um bom homem, Carly. Seria impossível encontrar um melhor.

Os olhos dela se anuviaram, e ela piscou. Suas emoções tinham passado o dia inteiro a importunando.

– Eu sei. Só espero que todos vocês encontrem alguém que os ame assim um dia. – Ela o envolveu com os braços, e um soluço de choro escapou.

– Ei – censurou, abraçando-a. – Você só pode sorrir. Nada de chorar.

– Eu sei. Só estou feliz.

Ele deu tapinhas nas costas dela.

– Bem, se isso é felicidade, pense em algo depressivo. Talvez equilibre as coisas.

Carly riu em meio às lágrimas e o empurrou na direção da porta.

– Certo, vá na frente. Vou retocar a maquiagem pela última vez.

Brick parou.

– Mamãe ficaria orgulhosa.

Carly tocou o colar de pérolas de sua mãe, pendurado em seu pescoço, e assentiu, sentindo a ameaça de outra onda de lágrimas. Quando ele saiu, abanou o rosto e secou as lágrimas com um lenço de papel.

Sara entrou, parecendo flutuar com seu chiffon azul-claro. Sorrindo com uma delicada compreensão, arrumou o véu rendado que descia pelas costas de Carly a partir de uma guirlanda em torno da tiara dela.

– Você está mesmo linda. O vestido é perfeito para você.

– Acha mesmo? – Carly alisou a gola decotada, tocando as contas e lantejoulas iridescentes que adornavam o corpete detalhado e as mangas bufantes. Bordados e rendas acentuavam o tecido de cetim. Carly levantou a barra, revelando as sapatilhas de balé de cetim branco. – Não podia arriscar usar saltos hoje. Estou trêmula demais.

– Você vai ficar ótima. Tome um lenço de renda, para ter algo emprestado. – Sara pressionou o fino tecido na mão dela. – As pérolas são algo antigo. E o seu anel é algo azul e novo.

Carly olhou para o diamante de um quilate, adornado por safiras gêmeas, uma de cada lado. Ele brilhava e cintilava toda vez que mexia a mão.

– É difícil acreditar que é meu. – Ela inspirou fundo. – É difícil acreditar que Russ é meu.

Ouviu-se outra batida na porta.

– Está na hora – falou Sara. – Está pronta? – Deu um beijo no rosto de Carly e entregou o buquê de rosas de caule longo.

Carly assentiu, e saíram do recinto para onde Daniel as esperava. Sara e Daniel fizeram um esforço extraordinário para não olhar um para o outro, mas parecia que os dois estavam fracassando. Carly sorriu e, alguns passos depois, já estava saindo para o convés iluminado com uma centena de luzes sob o límpido céu estrelado. Um trio de cordas tocava Wagner.

Carly olhou para a multidão reunida. Parecia que a cidade inteira estava ali, o prefeito e sua família, membros da igreja. Deu uma piscadela para seus irmãos.

Então, viu Russ. Ele estava na frente com Garth e o sacerdote, mas dividia seu olhar apenas com Carly. O vento brincava com seu cabelo vermelho. A camisa branca fazia um forte contraste com sua pele bronzeada e seu smoking preto.

Ele a observou, hipnotizado. Então, sorriu, e o coração de Carly se encheu demais. Russ pegou a mão dela quando chegou até ele. Estava quente e sólido.

– Quem vai entregar a mão desta mulher? – perguntou o sacerdote com uma poderosa voz.

Todos os sete irmãos dela se levantaram.

– Nós – disseram em uníssono.

Então, Carly se virou para Russ, absorvendo sua confiança e seu amor, e fizeram o juramento. Milagrosamente, conseguiu não gaguejar. Mas sentiu que não teria importado para Russ se isso tivesse acontecido. Ele a amava do jeito que ela era.

Tudo se transformou num borrão depois que Russ pôs a aliança dourada no dedo dela. O sacerdote disse algo sobre beijar a noiva. Russ abriu um largo sorriso e a envolveu num feroz abraço. Então, beijou-a. Outra promessa. Ela a sentiu nos lábios, nos braços dele.

Carly não conseguiu mais conter as lágrimas. Fluíram por suas faces.

Com a mão não muito estável, Russ secou a umidade da pele dela.

– Você nunca vai saber como me fez feliz, Carly.



Para a surpresa dela, viu um revelador brilho úmido nos olhos castanhos dele.

– Ah, Russ.

– Quero que você veja uma coisa. Olhe para lá. – Ele virou o queixo dela na direção do arco de pequeninas luzes brancas do outro lado do barco.

Carly arfou. Então, soluçou, vencendo o embargo em sua garganta. As luzes estavam dispostas para escrever as palavras *Russ ama Carly*.

– Agora, todos saberão.

Os olhos dele estavam sérios.

– Eu só preciso que você saiba.

O coração de Carly quase explodiu. Ela estava vivendo um sonho realizado.

– Ah, eu sei – garantiu, e fez planos para garantir isso a ele todos os dias de sua vida.

E, mais tarde naquela noite, Russ mostrou a Carly sua nova tatuagem.



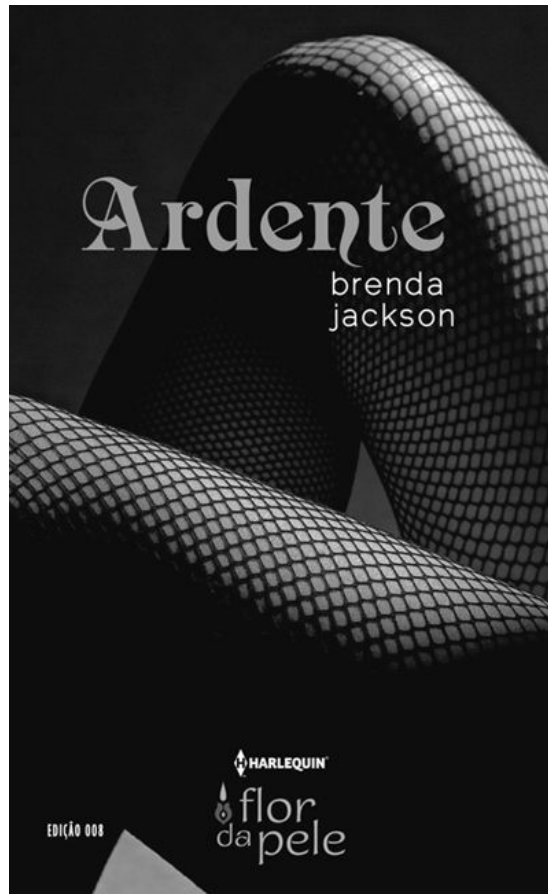
**flor da pele**  
ROMANCES SENSUAIS

**NOVO LANÇAMENTO!**

**ARDENTE**  
*Brenda Jackson*

*[clique aqui e leia o 1º capítulo!](#)*

# LANÇAMENTO



 **HARLEQUIN**<sup>®</sup>  
www.harlequinbooks.com.br

Siga nossas redes sociais, conheça nossos lançamentos e participe de nossas promoções em tempo real!

[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil)  
[Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B16a

Banks, Leanne

Alguém como você [recurso eletrônico] / Leanne Banks; tradução Leandro Santos. - 45. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2014.  
recurso digital

Tradução de: The fairest of them all

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-1180-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. I. Santos, Leandro. II. Título.

14-08317

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE FAIREST OF THEM ALL

Copyright © 1992 by Leanne Banks

Originalmente publicado em 2012 por HQN Books

Arte-final de capa:

Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.  
Rua Argentina, 171, 4º andar  
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:  
[virginia.rivera@harlequinbooks.com.br](mailto:virginia.rivera@harlequinbooks.com.br)

Capa

Rosto

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Epílogo

Próximo lançamento

Créditos